

OSWALD DE ANDRADE

OBRAS COMPLETAS - 2

**memórias
sentimentais
de João
miramar**

**SERAFIM
PONTE
GRANDE**

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

MIRAMAR-SERAFIM
— DUAS INVENÇÕES

Memórias Sentimentais de João Miramar e *Serafim Ponte Grande* são obras características de Oswald de Andrade, e representam, ambas, marcos de sua ruptura com a forma e a estrutura tradicionais da ficção romanesca. O próprio autor sentia essas experiências como invenções, e de *Miramar* dizia constituir “o primeiro cadinho de nossa prosa nova”.

Alguns dos seus companheiros de geração logo destacaram esse aspecto inovador do livro. Menotti del Picchia viu-o como “um furacão cubista, que desintegra o idioma, faz uma salada de galicismos, idiosmos e barbarismos” e revela “menosprezo pelo formalismo consuetudinário” ao revolver os materiais lingüísticos. Para Cândido Motta Filho, a principal virtude das *Memórias Sentimentais* é chamar a atenção para o problema do estilo, em geral tão pouco ou quase nada considerado entre nós.

Provindo das *Memórias Sentimentais*, como processo e como forma, *Serafim Ponte Grande*, um estouro rabelaisiano, exacerba a crítica e a sátira social já proposta naquela outra obra. Essa sátira, nos dois casos dotada de “alto poder de destruição”, como diz Prudente de Moraes Netto, alcança a “burguesia endinheirada, ociosa e cosmopolita, e, em particular, certa faixa de letrados provincianos e pomposos que gira em seu redor”, conforme observa Haroldo de Campos.

Mildred, 1973

Memórias Sentimentais de João Miramar

Serafim Ponte Grande

Coleção

VERA CRUZ

(Literatura Brasileira)

Volume 147-A



Obras Completas de Oswald de Andrade

1. OS CONDENADOS (*Alma/ A Estrêla de Absinto/ A Escada*) — Romances.
2. MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR / SERAFIM PONTE GRANDE — Romances.
3. MARCO ZERO: I — *A Revolução Melancólica* — Romance.
4. MARCO ZERO: II — *Chão* — Romance.
5. PONTA DE LANÇA — Polêmica.
6. DO PAU-BRASIL À ANTROPOFAGIA E ÀS UTOPIAS (*Manifesto da Poesia Pau-Brasil/ Manifesto Antropófago/ Meu Testamento/ A Arcádia e a Inconfidência/ A Crise da Filosofia Messiânica/ Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial/ A Marcha das Utopias*) — Manifestos, teses de concursos e ensaios.
7. POESIAS REUNIDAS O. ANDRADE (*Pau-Brasil/ Caderno do Aluno de Poesia/ O Santeiro do Manguê e outras*) — Poesias.
8. TEATRO (*A Morta/ O Rei da Vela/ O Homem e o Cavallo*) — Teatro.
9. UM HOMEM SEM PROFISSÃO: *Sob as Ordens de Mamãe* — Memórias e Confissões.
10. TELEFONEMAS — Crônicas e polêmica.
11. ESPARSOS.

Sumário

MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR

Miramar na mira — *Haroldo de Campos* xi

Nota sobre o texto xlvii

Memórias sentimentais de João Miramar 1

SERAFIM PONTE GRANDE

Serafim: um grande não-livro — *Haroldo de Campos* 99

Serafim Ponte Grande 129

Miramar na Mira

HAROLDO DE CAMPOS

O primeiro cadinho

EM 1922 — ano que se assinalaria entre nós pela eclosão da *Semana de Arte Moderna* — era publicada em Paris, pela *Shakespeare and Co.* (a hoje lendária Casa Editôra da americana Sylvia Beach), a primeira edição de um livro destinado a alterar os rumos da ficção moderna: o *Ulysses*, de James Joyce. Em 1923, o romancista irlandês começava a escrever o *Finnegans Wake*¹, que daí por diante apareceria em parcelas, sob o título de *Work in Progress* (*Obra em Progresso*), na revista internacional de vanguarda *Transition*, dirigida pelo poeta

¹ O título desse romance-poema pode ser traduzido livremente por *Finnicius Revém*, incluindo a idéia de fim e início, de velório ou vigília e de nôvo despertar, e, de outra parte, incorporando sempre o nome de *Finn*, gigante da lenda irlandesa, cuja ressurreição, segundo a mesma concepção fabulosa, poderia ocorrer assim que o país dêle necessitasse. Ver: Augusto e Haroldo de Campos, *Panorma do Finnegans Wake*, Comissão de Literatura, São Paulo, 1962.

Eugène Jolas. Em 1923, Mário de Andrade escrevia a Manuel Bandeira: "Oswaldo e Sérgio chegam em dezembro. Sérgio traz já impresso o seu *Oeil de Boeuf*. Oswaldo traz um romance *Memórias de João Miramar* — segundo me contam interessantíssimo, moderníssimo, exageradamente de facção. Morro de curiosidade"². *Memórias Sentimentais de João Miramar* — datado de "Sestri Levante / Hotel Miramare, 1923" — sai em 1924, dedicado a Paulo Prado e Tarsila do Amaral, com capa desta última (Livraria Editôra Independência, São Paulo). Este o romance que Oswald de Andrade, com inteira razão, chamou "o primeiro cadinho de nossa prosa nova", num artigo de 1943 ("Antes do *Marco Zero*"), republicado em *Ponta de Lança*³. Este o livro fundamental, convertido em raridade bibliográfica e praticamente desconhecido das gerações mais jovens, que hoje — finalmente! — se reedita e se repõe em circulação, passados quarenta anos de seu lançamento e dez anos de morte do autor. Realmente, nem sempre se tem lembrado de referir esta obra divisora-de-águas quando se traça a evolução de nossa prosa moderna. Houve mesmo, durante muito tempo — e com reflexos até nossos dias — uma campanha sistemática de silêncio contra Oswald, que resultou na minimização, senão na voluntária obliteração, da importância da bagagem literária oswaldiana. O criador do *Miramar*, na sua combatividade característica, já a denunciava no mesmo *Ponta de Lança* ("Fraternidade de Jorge Amado"): "Criou-se então a fábula de que eu só fazia piada e irreverência, e uma cortina de silêncio tentou encobrir a ação pioneira que dera o *Pau-Brasil*, donde, no depoimento atual de Vinicius de Moraes, saíram todos os elementos da moderna poesia brasileira. Foi propositadamente esquecida a prosa renovada de 22, para a qual eu contribuí com a experiência das *Memórias Sentimentais de João Miramar*"⁴.

² Mário de Andrade, *Cartas a Manuel Bandeira*, Organização Simões Editôra, Rio de Janeiro, 1958, p. 60. Oswald e Sérgio (Milliet) encontravam-se, àquela altura, na Europa.

³ Oswald de Andrade, *Ponta de Lança*, Livraria Martins Editôra, São Paulo, s/ data, p. 55.

⁴ *Ob. cit.*, p. 37. Numa entrevista concedida a Paulo Mendes Campos, publicada em 8-1-50 pelo *Jornal de Notícias* de São Paulo ("O êxito na terra substitui a esperança no céu"), Oswald se queixava ainda do "bloqueio" contra as suas obras.

O débito de Mário de Andrade

Este retrospecto histórico tem um sentido: prepara uma possível aproximação — que mais adiante será desenvolvida — entre o *João Miramar* de Oswald e o *Ulysses* de Joyce; marca o débito da prosa de Mário de Andrade — em especial do Mário de *Macunaíma*, romance-rapsódia escrito em 1926 e editado em 1928⁵, — para com a prosa oswaldiana. Mário da Silva Brito, cuja *História do Modernismo Brasileiro*⁶ contribuiu decisivamente para a reavaliação do papel fundamental de Oswald nesse movimento, focalizou explicitamente êsse débito, em artigo publicado na *Revista Brasileira*: “*João Miramar* é o germe do *Serafim*, e ambos os livros interessam, profundamente, ao historiador social e ao historiador literário. Representam ambos a condensação dos caminhos seguidos pelo modernismo, e o ponto de parada de onde se poderá partir a inusitados rumos. *Miramar*, como experiência estilística, não antecipou os rumos seguidos por Mário de Andrade em *Macunaíma*, por Jorge de Lima em *O Anjo*, por Clarice Lispector em *Perto do Coração Selvagem*, por Geraldo Ferraz, com Pagu, em *A Famosa Revista*, e sôzinho, em *Doramundo*, por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*?”⁷. E Antônio Cândido num estudo de 1943⁸, que — não obstante o tempo decorrido; não obstante a reação que suscitou de parte do próprio Oswald⁹; sem embargo das discussões que ainda poderia comportar (sobretudo no que respeita à superioridade do *Miramar* sôbre o *Serafim* e ao malôgro parcial dêste segundo romance-experiência) —

⁵ Cf. Cavalcanti Proença, *Roteiro de Macunaíma*, Editora Anhembi Ltda., São Paulo, 1955, p. 11.

⁶ Edição Saraiva, São Paulo, 1958.

⁷ “Pensamento e Ação de Oswald de Andrade”, revista citada, nº 16, março/abril de 1958, pp. 135/136. [Nota para esta edição: Êste ensaio, revisto e ampliado, foi incluído sob o título “As Metamorfoses de Oswald de Andrade” em *Ângulo e Horizonte*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1969.]

⁸ Antônio Cândido. “Estouro e Libertação”, recolhido em *Brigada Ligeira*, Livraria Martins Editora, São Paulo, s/ data, pp. 11/30.

⁹ “Antes do Marco Zero”, em *Ponta de Lança*, cit.

segue sendo a mais penetrante análise da ficção oswaldiana de que dispomos, feriu também este ponto, indiretamente, ao chamar com toda a propriedade o *Serafim* um "Macunaíma urbano". Ora, o *Serafim Ponte Grande*, escrito em 1929 e publicado em 1933, outra coisa não fez senão levar às consequências necessárias o experimento do *João Miramar*. No interregno de ambos os livros, surgiu a rapsódia marioandradina, que — com tudo de extremamente pessoal e de específico que apresenta (o seu esboço de uma língua brasílica pluri-regional e de uma saga panfolclórica, por exemplo) — não deixa de ter pontos de contato com aqueles dois livros e acabou bafejada por uma fortuna junto à crítica que a prosa experimental de Oswald jamais conheceu. Não temos para os dois romances de Oswald, algo como o *Roteiro de Macunaíma*, de Cavalcanti Proença, que está para o de Mário como o *Skeleton Key* (*Chave Mestra*) de Campbell e Robinson para os *Finnegans Wake* de Joyce. É verdade que, pela sua própria natureza compósita, o *Macunaíma* demandaria mais uma obra topográfica e exegética desse gênero. Mas não se pode deixar de dar razão a Mário da Silva Brito na advertência que faz ao referir-se àqueles dois romances: "Quando os filólogos nacionais despertarem de seu pesado e demorado sono, descobrirão, sem dúvida, que esses livros são riquíssimos filão para a pesquisa, o estudo e a análise da sintaxe e da estilística renovadas"¹⁰.

Miramar e Macunaíma

É o próprio Mário de Andrade quem, expressamente, registra a influência de Oswald sobre sua prosa. Na importante carta de 1927, dirigida a Manuel Bandeira, em que Mário se detém sobre o processo de elaboração do IX episódio do *Macunaíma* ("Carta pras Icamíabas"), encontra-se este depoimento: "Essas são as intenções da carta. Agora ela me desgosta

¹⁰ Ver nota 7.

em dois pontos: parece imitação do Osvaldo e decerto os preceitos usados por êle atuaram subconscientemente na criação da carta e acho comprida por demais. O primeiro ponto não acho remédio. O segundo, vou encurtar a carta. Mas não tiro ela não porque gosto muito dela"¹¹. Não será difícil precisar o alcance dessa revelação no plano compositivo. O propósito de Mário de Andrade, na "Carta pras Icamíabas", foi, como salienta Cavalcanti Proença¹², "mostrar o artificialismo de uma linguagem anacrônica". O próprio Mário, na carta a Bandeira já referida, esclarece bastante seus desígnios: "Macunaíma como todo brasileiro que sabe um pouquinho vira pedantíssimo. O maior pedantismo do brasileiro atual é escrever português de lei: Academia, Revista de Língua Portuguesa e outras revistas; Rui Barbosa, etc., desde Gonçalves Dias"... "Agora a ocasião era boa pra eu satirizar os cronistas nossos (contadores de monstros nas plagas nossas e mentirosos a valer) e o estado atual de São Paulo, urbano, intelectual, político, sociológico. Fiz tudo isso, meu caro. Fiz tudo isso em estilo pretensioso, satirizando o português nosso e, pleiteando sub-repticialmente pela linguagem lépida, natural (literatura) simples, *dépourvue* dos outros capítulos". Neste episódio — onde o *Macunaíma* declaradamente vira *urbano* e entra, assim, na área do *Miramar* e do *Serafim* — o recurso literário usado foi a *paródia*, o arremêdo parodístico de um linguajar rebuscado e falso e, através dêle, a caracterização satírica do *status* de uma determinada faixa social urbana de letrados bacharelescos a que ela servia de emblema e de jargão de casta. Pelo contraste com as demais partes do livro, essa paródia lingüística assume o cunho de um contramanifesto (ou seja: o que não deve ser feito em matéria de escrever é levado ao ridículo, e a linguagem solta e inventiva dos demais episódios é promovida). Pois, de sua parte, as *Memórias Sentimentais* abrem, justamente, com um texto intitulado "À guisa de prefácio", onde um típico beletриста de sodalício — Machado Penumbra — faz a apresentação do livro em estilo empolado e arrebicado, recheado de clichês acadêmicos, num contraste gritante com o estilo do pró-

¹¹ *Ob. cit.*, na nota 2, p. 171.

¹² *Ob. cit.*, na nota 5, p. 190.

prio autor, João Miramar-Oswald. Este pseudo-prefácio, no entanto, camufla uma série de considerações programáticas sobre a experiência oswaldiana, sendo assim um antimanifesto na paródia lingüística e um manifesto verdadeiro nas definições de técnica de composição que nêle estão insertas. "Torna-se lógico que o estilo dos escritores acompanhe a evolução emocional dos surtos humanos. Se no meu fôro interior, um velho sentimentalismo racial vibra ainda nas doces cordas alexandrianas de Bilac e Vicente de Carvalho, não posso deixar de reconhecer o direito sagrado das inovações, mesmo quando elas ameaçam espedaçar nas suas mãos hercúleas o ouro argamasado pela idade parnasiana. VAE VICTIS!" — perora Machado Penumbra ao gôsto dos paraninfos de província. E logo adiante acrescenta: "Esperamos com calma os frutos dessa nova revolução que nos apresenta pela primeira vez o *estilo telegráfico e a metáfora lancinante*". A paródia prossegue, incorporando agora um tropo surradíssimo sobre as côres da bandeira nacional ("Nossa natureza como nossa bandeira, feita de glauco verde e de amarelo jalde, é propícia às violências maravilhosas da côr. Justo pois que nossa arte também o queira ser"), a par de uma indicação pertinente sobre o caráter imagístico-visual da prosa oswaldiana. Oswald faz Machado Penumbra conciliar os sobressaltos de purista em pânico com uma acomodatória receptividade, dobradamente cômica: "Quanto à glótica de João Miramar, à parte alguns lamentáveis abusos, eu a aprovo sem, contudo, adotá-la nem aconselhá-la. Será êsse o Brasileiro do século XXI? Foi como êle a justificou, ante minhas reticências críticas. O fato é que o trabalho de plasma de uma língua modernista nascida da mistura do português com as contribuições das outras línguas imigradas entre nós e contudo tendendo para uma construção de simplicidade latina, não deixa de ser interessante e original. A uma coisa apenas oponho legítimos embargos — é à violação das regras comuns de pontuação. Isso resulta em lamentáveis confusões, apesar de, sem dúvida, fazer sentir "a grande forma da frase", como diz Miramar *pro domo sua*". Mas nas entrelinhas dêsse veredicto joco-sério se podem ler, claras, as reivindicações de Oswald, que seriam formuladas no "Manifesto da Poesia Pau-Brasil": "A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica.

A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos"¹³.

A paródia estilística

Já se viu como a "Carta pras Icamiabas", do *Macunaíma*, pode ser aproximada das *Memória Sentimentais de João Miramar*, através do recurso da *paródia* lingüística e estilística. A paródia marioandradina é mais arcaizante, mais voltada para o linguajar quinhentista, colhido nas fontes escritas de clássicos portugueses e dos primeiros cronistas que deram relato de nossa terra ("Por estas paragens mui civis, os guerreiros chamam-se polícias, grilos, guardas-cívicas, boxistas, legalistas, mazorqueiros, etc.; sendo que alguns dêsses têrmos são neologismos absurdos — bagaço nefando com que os desleixados e petimetres conspurcam o bom falar lusitano. Mas não nos sobra já vagar para discretearmos *sub tegmine fagi* sôbre a língua portuguesa, também chamada lusitana"); de envôlta, é ridicularizada a gramatiquice dos puristas: note-se, por exemplo, como, num texto onde são ferreteados os forjadores de neologismos, é incrustado, propositadamente, um galicismo fora de circulação — *petimetre* (*petit-maître*). Já a paródia oswaldiana apanha êsses mesmos vezos na sua diluição retórica, é uma crítica ferina a o que Paulo Prado, no seu importante prefácio ao primeiro livro de poemas de Oswald (*Pau-Brasil*, 1925), chamaria "o mal da eloquência balofa e roçagante", "um dos grandes males da raça". Sem esquecer de que, no *Pau-Brasil*, são apresentados recortes e montagens da linguagem dos nossos cronistas, mas aí com um propósito bem diverso: o de mostrar-lhe o sabor

¹³ Publicado no *Correio da Manhã*, em 18-3-1924. Republicado na *Revista do Livro*, Instituto Nacional do Livro, MEC, Rio de Janeiro, nº 16, ano IV, dezembro de 1959, pp. 187/190.

e a espontaneidade, restituídos à sensibilidade moderna em *flashes*, em tomadas isoladas, não imitativas, mas criativas¹⁴.

Personagens

Machado Penumbra, o pseudo-autor do prefácio ao *Miramar*, extrapola do seu texto para se converter, ele próprio, em personagem do livro. Comparece, sempre em atitude empertigada e oratória ("orador ilustre escritor"), em vários episódios (o *Miramar* não é dividido em capítulos, mas em episódios-fragmentos, numerados): 69-*Etnologia* — como orador numa sessão de Instituto Histórico; 70-*Rodinha* — como participante das tertúlias domésticas de Miramar; 81-*Noite Institucional* — com um trecho belicista de seus "Discursos Sul-Americanos"; 89-*Literatura* — como conferencista em "excursão histórica", a convite do "Grêmio Bandeirantes" de "Aradópolis", para uma reverência póstuma "à malograda morte do Conselheiro Zé Alves"; 137-*Baile* — com uma frase suspirosa para o álbum de Mlle. Rolah, a amante de Miramar ("A sua loira e estranha divindade dominou a sala fantástica até extinguir-se a última nota da mágica orquestra"); 155-*Ordem e Progresso* — como discursante homenageado num jantar redatorial de Ano Novo (aí Miramar-Oswald fotografa-o em ato: "Machado Penumbra diretivo nos enfrentava casaca de papo branco e flor"). Cercam-no outros intelectuais de província (e não esqueçamos que São Paulo de 1912, época em que se passa o *Miramar*, era uma província no sentido exato do termo, o que não retira a atualidade da sátira, pois o beletismo oratório-acadêmico é ainda um fenômeno vigente e enconstradição entre nós meio século depois!). Esses personagens são: "a agigantada figura moral do Dr. Pôncio Pilatos da Glória" (65-*O Fora*), orientalista de

¹⁴ Algo análogo ao processo do *make it new* ("faze-o ficar novo") utilizado por Ezra Pound ao incorporar, em alguns de seus *Cantares*, trechos dos "razos" medievais (crônicas da vida dos trovadores) que introduziam as racolhas de poesia provençal.

"pince-nez arqueólogo" (86-Campos de Batalha), autor da "biografia do patriarca Basílio 8 que foi torrado numa igreja por causa de Orígenes" (88-Jabuticabas); o Dr. Mandarin Pedroso, Presidente do "Recreio Pingue-Pongue", "chiquíssima sociedade de môças que a sua personalidade centrava como um coreto" e que êle próprio definia como "uma forja de temperamentos e um ninho de pombas gárrulas" (155-Ordem e Progresso; no episódio 160-Discurso análogo ao apagamento da luz durante o fox-trot pelo Dr. Mandarin Pedroso, vemo-lo proferir uma hilariante homília congratulatória aos jovens associados do seu clube); o "fino poeta Sr. Fileas de muita cultura" (70-Rodinha), que pensava na Grécia e falava a Miramar "da imortalidade da poesia e da mortalidade dos poetas inclusive êle mesmo" (uma frase-caricatura o define no episódio 72-Sossegadas carambolus: "Fileas era um cosmético de sonetos"). O livro fecha com uma opinião crítica do Pôncio Pilatos (referida por Miramar a um jornalista), vazada no mesmo jargão amaneirado e postigo com que Machado Penumbra o abre ("O meu livro lembrou-lhe Virgílio, apenas um pouco mais nervoso no estilo"). Aliás, êsses personagens são mais ou menos reversíveis, e configuram, todos êles, uma mentalidade-tipo, que confere sentido à paródia e lhe dá unidade e continuidade. Tôdas essas figuras são basicamente extraídas do ambiente em que circulava Oswald na São Paulo anterior e contemporânea à Primeira Grande Guerra. Isto se verifica facilmente através da leitura do 1º volume da autobiografia do autor (*Um Homem sem Profissão*, Livraria José Olympio Editôra, 1954), único publicado aliás, e que cobre o período de 1890-1919. Sob êste ponto de vista, essa autobiografia é um livro-chave para a compreensão da obra de ficção oswaldiana, como já reparou Antônio Cândido¹⁵. Oswald não poupa a si próprio na colheita de dados para a configuração daquele protótipo satirizado. No *Um Homem sem Profissão* (pp. 133/134), êle mostra como o contexto atuou sobre o seu inconformismo, refreando-o, mesmo depois de sua primeira viagem à Europa (1912) e de seu contato com o *Manifesto Futurista* de Marinetti: "Nesse ambiente confinado, eu encolhi as linhas da segunda frente que a Europa

¹⁵ "Prefácio Inútil" a *Um Homem sem Profissão*, p. 12.

abrir para a minha sede de vida e de ação". E conta como jogara fora o seu primeiro "poema livre" ("O último passeio de um tuberculoso, pela cidade, de bonde"), sob a assuada dos poetastros de sua roda, empedernidamente parnasianos e atrasados. Em outro trecho (p. 206), ele se descreve ao tempo de estudante de direito, em caravana cívica, participando de sessões oratórias em grêmios interioranos, e então a cena autobiográfica parece colhida diretamente nas *Memórias Sentimentais*¹⁶. "Miramar de rabona, fala. Está quase comovido. Quase treme. Precipita, engole, joga períodos. Estaca. Terminou. Tijucópolis hesita. Aristides hesita. Mas Miramar sentou-se. Então despenca sobre ele a mais bem entoada das salvas de palmas. Acabou-se a festa. Tijucópolis dispersa, tristemente, aos bandos, amassando o barro grosso das chuvas".

Sátira dentro da sátira

Mas a sátira lingüística miramarina tem ainda outros níveis. Há uma sátira dentro da sátira, na figura de Minão da Silva, agregado da "Fazenda Nova Lombardia" e "jovem orgulho mulatal do grêmio Bandeirantes", personagem que, "tomando a palavra pela ordem", responde ao discurso de Machado Penumbra no episódio 89-*Literatura*: "— Não preocupe as bancadas das escolas, meus senhores e ilustríssimas senhoras e crianças! Mas o conselheiro Zé Alves que o ilustre colega comemoramos não morreu! Apenas desapareceu de nossa competência! O Grêmio Bandeirantes com 500 membros me mandou saudá-lo. Ele tem doutôres que não quiseram vim. Mas a norma do regulamento dos estatutos me mandou saudar. Desculpe os erros!". A paródia do letrado pedante e pomposo pelo iletrado (ou semiletrado) pernóstico e deslumbrado, tudo dentro de um mesmo círculo vicioso de alienação, acrescenta um novo

¹⁶ "O meu nome é Miramar", escreve Oswald à p. 181 de sua autobiografia, e, daí por diante, identifica-se com seu pseudônimo.

dado à crítica social e lingüística levada a efeito por Oswald. No mesmo passo, Mário de Andrade caricatura em *Macunaíma* (X-Pauí-Pódoie, p. 114; XI-A Velha Ceiuci, pp. 125/126) um orador de praça pública, "mulato da maior mulataria", que deita prolixa falação sobre "o dia do Cruzeiro" ("... Meus senhores, ... aquelas quatro estrêlas rutilantes como lágrimas ardente, no dizer do sublime poeta, são o sacrossanto e tradicional Cruzeiro que...") e um estudante, que profere uma arenga desconexa da capota de um auto ("— Meus senhores, a vida dum grande centro urbano como São Paulo já obriga a uma intensidade tal de trabalho que não permite-se mais dentro da magnífica entrosagem do seu progresso sequer a passagem momentânea de seres inócuos. Ergamo-nos todos *una voce* contra os miasmas deletérios que conspurcam o nosso organismo social e já que o Govêrno cerra os olhos e dilapida os cofres da Nação sejamos nós mesmos os justicadores...")¹⁷.

Revolução e autocrítica

A paródia programática à linguagem pretensiosa e falsa e à ôca verbosidade¹⁸ permitiu-nos cotejar a prosa de Mário com a de Oswald e mostrar pontos de contato entre ambas. Isto, se em nada desmerece a primeira, pois os elementos oswaldianos foram nela aproveitados num sentido pessoal e perfeitamente integrados no plano geral do *Macunaíma*, não deixa de vir a crédito do caráter pioneiro do experimento de Oswald.

¹⁷ Cavalcanti Proença, *ob. cit.*, p. 190, estabelece a interligação destas duas passagens do *Macunaíma* com a "Carta pras Icamíabas".

¹⁸ Para mostrar a atualidade do tema do arremêdo oratório e as possibilidades do seu tratamento lingüístico, inclusive como variedade literária de "non sense", poderíamos referir dois textos recentes, de fatura e intenções diversas: o poema "Bufoneria Brasiliensis II — Música de Coreto", 1955, de Décio Pignatari (*antologia noigandres*, Massao Ohno Editôra, São Paulo, 1962) e o conto "Darandina", das *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa (Livraria José Olympio Editôra, R. Janeiro, 1962).

As *Memórias Sentimentais de João Miramar* foram, realmente, o verdadeiro “marco zero” da prosa brasileira contemporânea, no que ela tem de inventivo e criativo (e um marco da poesia nova também, naquela “situação limite” em que a preocupação com a linguagem na prosa aproxima a atitude do romancista da que caracteriza o poeta). Romperam escandalosamente com todos os padrões então vigentes, fazendo a autocrítica inclusive (voluntária ou involuntária) da própria tentativa romanesca anterior e paralela de Oswald (*A Trilogia do Exílio*, 1922/1934, fundida num volume único, *Os Condenados*, 1941)¹⁹. Aliás, o próprio Oswald confessa que fizera a revolução modernista em parte contra si mesmo, pois “temia escrever bonito demais” se não “destroçasse todo o material lingüístico que utilizava, amassando-o de novo nas formas agrestes do modernismo”²⁰. Fica, por outro lado, evidenciada a importância desse recurso estilístico e compositivo — a *paródia* — na obra tanto de Oswald como de Mário. Através, mais uma vez, da idéia de *paródia* — que interessou igualmente a um James Joyce e a um Thomas Mann — estaremos já no ponto de passar a outra preocupação anunciada no início deste estudo: o paralelo entre as *Memórias Sentimentais* e o *Ulysses* do mestre irlandês. Como elucida Harry Levin, Joyce, no episódio da maternidade do *Ulysses* (“The Oxen of the Sun” / “Os Bois do Sol”), parodia

¹⁹ Segundo refere Oswald em nota final à edição de 1941 (Livraria do Globo, Pôrto Alegre), a *Trilogia* teria sido escrita entre 1917 e 1921. Pelo menos as duas primeiras partes estariam prontas em 1920, conforme Menotti del Pecchia, citado por Mário da Silva Brito (*ob. cit.*, na nota 6, p. 150). O conflito dialético — formal e ideológico — entre a *Trilogia* e o par *Miramar/Serafim* é a tese central desenvolvida por Antônio Cândido no seu estudo “Estouro e Libertação” (ver nota 8). Ainda que seja lícito entrever na *Trilogia* o embrião de certas técnicas empregadas com consequência e eficácia por Oswald naqueles dois romances experimentais, não se pode deixar de concordar com a percutiente crítica de Antônio Cândido ao “dannunzianismo” e ao “tradicionalismo” que impregnam a primeira fase da prosa oswaldiana. O termo “gongorismo”, usado então pelo crítico, prestou-se a uma controvérsia que passou por cima do verdadeiro enderêço do reparo. Uma prosa *art nouveau* seria, talvez, o qualificativo adequado para exprimir o cordão umbilical finissecular a que está prêsa, estilística e emocionalmente, a fase da *Trilogia*.

²⁰ “Correspondência” (carta a Léo Vaz), em *Ponta de Lança* (*ob. cit.* na nota 3, p. 16).

lingüísticamente, numa parada de virtuosismo, “todos os principais estilistas da história da literatura inglesa”²¹.

Um marco antinormativo

É muito provável que Oswald de Andrade, apesar de se encontrar em Paris no ano de 1923 (sua segunda viagem à Europa), não tivesse tomado contato àquela data com o *Ulysses* de James Joyce, que fôra editado um ano antes, numa tiragem limitada a 1 000 exemplares, destinada, quanto possível, à venda por subscrição antecipada. A esta primeira edição (Shakespeare and Co., Paris), esgotada no verão de 1922, seguiu-se imediatamente uma outra, também impressa na França (para The Egoist Press, Londres), limitada a 2 000 exemplares, a quarta parte da qual, inclusive um suplemento de 500 exemplares tirado em janeiro de 1923, foi confiscada e destruída pelas autoridades alfandegárias norte-americanas e inglesas, sob a acusação de obscenidade²². Mário de Andrade, que supria com o gosto pela informação metódica a impossibilidade de viajar, refere seu aprêço pelo escritor irlandês já numa carta de 1925 (“Porque, quando alguém me fala que admira que nem eu o James Joyce eu digo: “êsse sujeito é inteligente”)²³. Oswald, por sua vez, em artigos coligidos em *Ponta de Lança* — volume que cobre suas atividades de jornalista e conferencista entre 1943/1944 — dá a maior importância ao *Ulysses* joyciano. Num desses artigos escreve: “— Então, quem é que começa o romance mo-

²¹ Harry Levin, *James Joyce*, New Directions, Norfolk, Conn., 1941, p. 105. [Nota para esta edição: Voltamos a focalizar as relações entre Oswald e Mário de Andrade, assim como procuramos determinar o exato alcance do paralelo Oswald/Joyce, em dois artigos subsequentes à redação desta introdução, “Miramar Revém”, I e II, Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 7 e 11-8-65.]

²² Cf. Richard Ellmann, *James Joyce*, Oxford University Press, N. Iorque, 1959, p. 521, nota.

²³ *Ob. cit.* na nota 2, p. 125.

dermo? — Joyce. Guarde a data da publicação do *Ulysses*". Mais adiante, no mesmo trabalho, chama o *Ulysses* de "um grande marco antinormativo". Noutro artigo, anota: "Justamente o *Ulysses* é um marco onde termina o romance da burguesia, pois aí, num dia coletivista e mural, seus heróis destrocados não são mais de modo algum os "mandatários da própria debilidade no país da força". Como não o são na *Montanha Mágica*, onde o episódio pessoal desaparece sob o inventário cultural de todo um século"²⁴.

Joyce e Thomas Mann

Nesse depoimento de Oswald é especialmente significativa a conjugação de Joyce e Thomas Mann, inclusive do ponto de vista ideológico, como romancistas da crise da burguesia. Por mais que um crítico como Georg Lukács — tão cheio de iluminações como de idiossincrasias — se esforce por desvincular a obra manniana da joyciana, não é possível deixar de ver o quanto elas têm em comum²⁵. O próprio Thomas Mann, no *Romance de um Romance*²⁶ — obra em que descreve a gênese do *Doktor Faustus* (1947) — admite expressamente que, na

²⁴ *Ob. cit.* na nota 3, pp. 41, 44 e 70.

²⁵ *La Signification Présente du Réalisme Critique*, Gallimard, 1960. A argumentação de Lukács a respeito do par Joyce/Mann é brilhante e se beneficia das contradições que engendra. Não há dúvida de que os projetos de Joyce e Thomas Mann visavam a alvos diferentes, mas, deve-se admitir, cobriam também zonas comuns, que não são apenas "aparentes" como pretende Lukács. No seu maniqueísmo de negação total a Joyce (que envolve um fascínio paradoxal pelo objeto negado), Lukács, não obstante, é levado a reconhecer que "as pesquisas experimentais de caráter formal são necessariamente da mais alta importância para todo escritor que deseje refletir, no que eles têm de realmente específico, os traços que o mundo atual apresenta". Isto explicaria, por exemplo, — acrescenta —, a simpatia de um Mann por um Joyce (pp. 93/94).

²⁶ *Romanzo d'un Romanzo*, tradução italiana publicada em 1952 pela editora Mondadori, pp. 101 e 129/131.

paródia, está seu ponto de contato com Joyce: “Em matéria de estilo eu hoje não conheço, pode-se dizer, outra coisa senão a paródia. Vizinho, nisto, de Joyce”. Noutra passagem, escreve: “Alimentava o preconceito de que, ao lado do vanguardismo excêntrico de Joyce, a minha obra faria o efeito de um fraco tradicionalismo. É verdade que o vínculo tradicional, ainda que tinto de paródia, permite uma acessibilidade mais fácil e comporta a possibilidade de ser mais popular. Todavia, é antes uma questão de postura que de essência”. E prossegue, reconhecendo que o juízo do crítico Harry Levin sobre a obra joyciana (“Ao passo que seu tema revela a decomposição da classe média, a técnica de Joyce vai além dos limites da ficção realista. Nem o *Portrait of the Artist*, nem o *Finnegans Wake* são romances, em sentido estrito, e o *Ulysses* é um romance para acabar com todos os romances”) se aplicava perfeitamente à *Montanha Mágica*, ao *José* e ao *Doutor Fausto* e correspondia a uma sua proposição (semelhante a outra de T. S. Eliot sobre o *Ulysses*) no sentido de que, em matéria de romance, “sòmente tem valor hoje, ao que tudo indica, aquilo que não é mais romance”. Estas considerações de Thomas Mann não ficaram apenas no plano teórico. Bastaria lembrar, em matéria de *paródia*, o uso de um alemão arcaizante para caracterizar a possessão demoníaca na alocução final do compositor Adrian Leverkühn, no *Doktor Faustus*. Este senso parodístico levado à textura lingüística encontra seu ponto máximo na obra manniana em *Der Erwählte* (“O Escolhido”, 1951), uma novela até certo ponto complementar ao *Doktor Faustus*, na qual a maldição original é transformada em bênção, e que, na tradução inglesa, recebeu o título significativo de *The Holy Sinner* (“O Pecador Santificado”). Comenta Henry Hatfield com respeito a essas duas obras da última fase de Mann: “O uso ocasional por Mann de um alemão modificado do século XVI, com associações fáusticas, luteranas e diabólicas, não é primariamente um recurso para criar atmosfera. Antes, tende a interrelacionar caracteres: o grotesco teólogo Kumpf, Adrian e o Demônio, todos se expressam nesse idioma, uma vez ou outra”... “Em *The Holy Sinner* êle vai mais adiante: torna-se conscientemente abstrato e confessadamente poliglota, assim como deliberadamente parodístico” (a

fonte do livro é uma lenda colhida num poema medieval)²⁷. Nessa novela, sobre a qual Lukács parece guardar silêncio, mas onde, não por coincidência, o narrador é um monge irlandês, Mann chega a se avizinhar, em certas passagens, do Joyce de *Finnegans Wake*, pela trama babélica do texto.

O Ulysses e o Miramar

No *Ulysses* joyciano, a *paródia* é um recurso fundamental. Não seria necessário sequer recorrer ao já mencionado episódio XIV da obra — “The Oxen of the Sun”, este capítulo parodístico por excelência, onde o desenvolvimento embrionário até o parto é apresentado por intermédio de uma elaborada paráfrase da evolução da língua e da literatura inglesa, desde o anglo-saxão primitivo, monossilábico e aliterativo, até o *cockney* e o *slang* das ruas, passando pela imitação dos principais estilistas do idioma. A própria paródia da epopeia homérica no périplo quotidiano de um obscuro cidadão de Dublin já envolve, à maneira de um programa geral, esta sua extensão técnica²⁸. Como já vimos ao comparar as *Memórias Sentimentais de João Miramar* com o *Macunaíma*, em ambos os livros está presente esse recurso estilístico e estrutural tão relevante para a compreensão de algumas das maiores criações da literatura moderna, quando útil para o entendimento de certas obras do passado literário notadamente insubmissas a uma classificação convencional, como as de um Folengo, de um Rabelais, de um Cervantes. Um recurso que os dois Andrades, Oswald e Mário, como procuramos fazer sentir, souberam localizar perfeitamente no contexto brasileiro, com ativa função de sátira social. Mas,

²⁷ Henry Hatfield, *Thomas Mann/ An Introduction to his Fiction*, Peter Owen Ltd., Londres, 1952, pp. 132 e 141.

²⁸ Para W. Y. Tindall, *James Joyce — His way of interpreting the modern world*, C. Scribner's Sons, N. Iorque/Londres, 1950, pp. 43/46, esse uso da paródia na obra joyciana exprimiria uma “visão cômica da vida”.

ficando apenas em Oswald, não é unicamente sob esse ângulo que se poderia aproximar o *Miramar* do *Ulysses*, embora o paralelo deva fazer-se sempre com a maior cautela e dentro das devidas ressalvas. Realmente, as *Memórias Sentimentais* estão muito longe de ter a intrincada e complexa estrutura, o caráter monumental do *Ulysses* joyciano, verdadeira enciclopédia das técnicas do romance moderno. Bastaria considerar o meticuloso roteiro do labirinto, preparado pelo próprio autor e divulgado pela primeira vez por Stuart Gilbert²⁹, para têmos uma medida da distância que separa o macro-microcosmo joyciano, cuidadosamente planejado nos mínimos detalhes, do romance oswaldiano, feito todo êle no fio de uma improvisação genial, pequena obra-prima de 163 episódios-fragmentos condensados em pouco mais de 100 páginas. O *Miramar*, como todo, poderá antes ser pôsto em cotejo com um capítulo isolado do *Ulysses* (VII-*Eólo*), passado numa redação de jornal, e onde são aproveitadas as técnicas de manchete, titulação e tópico da imprensa diária. O *Miramar*, com seu estilo telegráfico, é bem um misto de diário sentimental e de jornal dos *faits divers* duma sociedade provinciana e ociosa, cujo barômetro era a alta do café ou a sua crise³⁰. Antônio Cândido dá-nos esta expressiva síntese do livro: "*Memórias Sentimentais de João Miramar*, sôbre ser um dos maiores livros da nossa literatura, é uma tentativa seríssima de estilo e narrativa, ao mesmo tempo que um primeiro esboço de sátira social. A burguesia endinheirada roda pelo mundo o seu vazio, as suas convenções, numa esterilidade apavorante. Miramar é um humorista *pince sans rire*, que procura *kodakar* a vida imperturbavelmente, por meio duma linguagem sintética e fulgurante, cheia de soldas arrojadas, de uma concisão lapidar"³¹. Evidentemente que, no "*Aeolus*" do *Ulysses*, imbricam-se intenções pré-ordenadas ou sôbre-impostas através de uma constante reelaboração (à exploração das técnicas jornalísticas se junta um mostruário dos recursos da arte da retórica, com todo o seu cabedal de figuras), que são estranhas à ime-

²⁹ Stuart Gilbert, *James Joyce's Ulysses*, Faber & Faber, Londres, 1952 (1ª ed.: 1930), pág. 41.

³⁰ "O modernismo é um diagrama da alta do café, da quebra e da revolução brasileira", Oswald de Andrade, *ob. cit.* na nota 3, p. 120.

³¹ Antônio Cândido, *ob. cit.* na nota 8, p. 21.

diatidade associativa com que se processa a *collage* dos fragmentos miramarinos: mas no caráter tópico e reduzido das tomadas eles se assemelham. Não falta também ao *Miramar* — já está no título, a investir o personagem, onomasticamente, numa perpétua vocação marítima — a idéia de périplo, idéia que no *Ulysses* joyciano é transposta para uma jornada terrestre e pedestre no enclave urbano de Dublin. É aquele “caráter de Odisseia que o romance conscientemente tomou com Joyce”, a que alude Oswald com tanta convicção³². Só que o périplo, no *Miramar*, é aparentemente sem conseqüências: um périplo para o consumo boêmio da liberdade e ao cabo do qual o herói se reintegra no seu contexto burguês (matrimônio — amante — desquite — vidinha literária — peripécias financeiras.) Um tanto defasado, é verdade, já que as *Memórias* são também o seu diário de pós-viagem, e as *Memórias* são a negação dêsse contexto pelo ridículo. *Miramar* é um Ulisses ingênuo, sem as manhas do *rusé personnage* homérico, mas para o qual a viagem representa uma primeira perspectiva, se bem que ainda imprecisa e indefinida, de abertura para o mundo e de “situação” crítica. “E voltava inocente como fôra, pela la-deira de um intérimo mar. Apenas tinha uma nova dimensão na alma — conhecera a liberdade” (Oswald, *Um Homem sem Profissão*, pág. 125). Mas o destino ulissiaco do personagem se transporta para o romance detonado pelo *Miramar*, e que o supera como projeto ideológico e formal, — o *Serafim Ponte Grande* (1929/1933) —, onde “a crosta da formação burguesa e conformista é varrida pela utopia da viagem permanente e redentora, pela busca da plenitude através da mobilidade”³³. O mito da “viagem permanente” é também a contrapartida anárquica da revolução permanente, que se transformará em vontade positiva de engajamento no importante prefácio retrospectivo e prospectivo do *Serafim*. Esse nôvo Odisseu, *Miramar-Serafim*, só reencontrará, vívido e sofrido, a sua Ítaca espiritual, com o *Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão* (1942), canto da paz sobrevivida à guerra, onde a mulher amada é ce-

³² Oswald de Andrade, *idem*, p. 68.

³³ Antônio Cândido, “Oswald Viajante”, em *O Observador Literário*, Comissão Estadual de Literatura, São Paulo, 1959, p. 91.

lebrada assim: "Cais de minha vida / partida sete vêzes / Cais de minha vida quebrada / Nas prisões / Suada nas ruas / Molhada / Na aurora imprecisa dos hospitais"³⁴.

Raízes futuristas

Se não parece cabível presumir — antes é de rejeitar — a hipótese de uma influência direta do *Ulysses* sobre o *Miramar*, é perfeitamente compreensível que se possam vislumbrar certas afinidades técnicas entre ambos. Por trás de um e de outro atuaram os manifestos, a poesia e a prosa de combate dos futuristas. Oswald relata (*Um Homem sem Profissão*): "Dos dois manifestos que anunciavam as transformações do mundo, eu conheci em Paris o menos importante, o do futurista Marinetti. Carlos Marx me escapara completamente" (p. 124). "Uma aragem de modernismo vinda através da divulgação na Europa do "Manifesto Futurista", de Marinetti, chegara até mim" (pág. 134). Mário da Silva Brito completa a informação: "Regressando da Europa, em 1912, Oswald de Andrade fazia-se o primeiro importador do "futurismo", de que tivera apenas notícia no Velho Mundo. O Manifesto Futurista, de Marinetti, anunciando o compromisso da literatura com a nova civilização técnica, pregando o combate ao academismo, guerreando as quinquilharias e os museus e exaltando o culto às "palavras em liberdade", foi-lhe revelado em Paris"³⁵. Pois o futurismo inseminou também o *Ulysses* de Joyce, como se verá.

³⁴ Nesse poema, Oswald obtém uma surpreendente fusão do eu-lírico com o eu-coletivo ou participante, segundo procuramos demonstrar em artigo publicado no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* ("Lirismo e Participação"), em 6-7-63.

³⁵ *Ob. cit.* na nota 6, p. 26.

Joyce e o futurismo

James Johnson Sweeney, num interessante estudo sobre a obra joyciana, menciona o pintor inglês Frank Budgen, companheiro chegado de James Joyce nos dias de Zurique, lembrando que o romancista perguntara a Budgen, certa vez, se não considerava o episódio dos "Cíclopes", no *Ulysses*, cheio de movimento e violência, "como futurista"³⁶. Recorda, também, que Joyce emprestara ao amigo, interessado em aprender o italiano, o livro de Boccioni sobre o futurismo, como texto de leitura³⁷. Para Sweeney, a evolução da prosa de Joyce, de *Stephen Hero* ao *Finnegans Wake*, culmina na conquista de uma "simultaneidade de expressão similar àquela visada pelos futuristas italianos, mas muito mais completa do que a que eles poderiam realizar com um meio pictórico". Comparando excertos do *Portrait of the Artist as a Young Man*, do *Ulysses* e do *Finnegans Wake*, Sweeney conclui: "...Na obra inicial, as imagens eram construídas por sentenças e por cláusulas. No *Ulysses*, vemos que os elementos funcionais se reduzem a palavras ou no máximo frases, evocativas, associadas. Finalmente, no *Finnegans Wake*, vemos várias imagens condensadas numa só palavra, onde os elementos em associação não são frases ou vocábulos mas sílabas...". Sweeney, conhecido crítico de artes visuais, limita seu traçado de influências ao futurismo plástico, evocando o manifesto lançado por Boccioni, Carrà, Russolo, Balla e Severini (*La Pittura Futurista — Manifesto Técnico*), em abril de 1910, época em que Joyce vivia em Trieste, cidade de língua italiana³⁸. Nesse manifesto se lê: "O espaço não

³⁶ James Johnson Sweeney, "The Word was his Oyster", em *The Hudson Review*, N. Iorque, vol. V, nº 3, outono de 1952, pp. 404/408. Sweeney refuta a tese segundo a qual, por sua deficiência de visão, Joyce não teria o poder da imagética visual, mas sim, exclusivamente, uma grande acuidade acústica.

³⁷ Trata-se, ao que tudo indica, de *Pittura scultura futuriste (Dinamismo plastico)*, por Umberto Boccioni, Edizioni Futuriste di Poesia, Milão, 1914.

³⁸ Joyce viveu em Trieste de 1905 a 1915, exceto por uma permanência em Roma entre 1906/1907. A primeira das famosas "Serate

existe mais; uma rua banhada pela chuva e iluminada por globos elétricos se abisma até o centro da terra". Nêle se proclama: "1. Que o complementarismo congênito é uma necessidade absoluta na pintura, como o verso livre na poesia e como a polifonia na música; 2. Que o dinamismo universal deve ser reproduzido como sensação dinâmica; 3. Que na interpretação de Natureza precisa-se de sinceridade e pureza; 4. Que o movimento e a luz destroem a materialidade dos corpos". E se conclui, afinal: "Pensais que somos loucos. Ao contrário, somos os Primitivos de uma nova sensibilidade, completamente transformada"³⁹.

Poesia e prosa futuristas

O que Sweeney deixa de referir, porém, é que êsses mesmos preceitos do futurismo plástico encontravam seu correlato nos experimentos em poesia e prosa do movimento, nos quais se pode notar — como na pintura ou na escultura futuristas — aquêle processo que o crítico define como uma "interpretação simultânea de superfícies". A senha é *simultaneísmo*. Palavras em liberdade. Imaginação sem fios. No *Manifesto-Fondazione del Futurismo*, de Marinetti, publicado no *Figaro* de Paris, em 20-2-1909, — o manifesto cujos ecos Oswald traria para o Brasil —, se inscreve: "Nós afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade" ... "Um automóvel fremente, que parece correr sob a metralha, é mais belo que a *Vitória de Samotrácia*..." ... "A literatura exaltou, até hoje, a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono. Queremos exaltar o movimento agressivo, a in-

Futuriste", lideradas por Marinetti e destinadas à promoção pública do movimento, teve lugar, justamente, em Trieste, em 12-1-1910.

³⁹ Em 23-12-27, Mário de Andrade escreveria a Tristão de Ataíde: "Sou primitivo porque sou individuo numa fase principiando". Cf. *71 Cartas de Mário de Andrade*, Livraria São José, Rio de Janeiro, s/ data, p. 22.

sônia febril, a corrida, o salto mortal, a bofetada e o sôco". A êste manifesto de fundação, seguiu-se um *Manifesto tecnico della letteratura futurista*, lançado em maio de 1912, ano em que Oswald andava por Paris. Ali está: "1. É preciso destruir a sintaxe, dispondo os substantivos ao acaso de seu nascimento". "2. É preciso empregar o verbo no infinito, para que se adapte elásticamente ao substantivo e não fique submetido ao *eu* do escritor que observa ou imagina...". "3. É preciso abolir o adjetivo, para que o substantivo nu mantenha sua côr essencial...". "4. É preciso abolir o advérbio, fivela velha que mantém unidas as palavras num conjunto...". "5. Cada substantivo deve ter seu par, isto é, o substantivo deve ser acompanhado, sem locução conjuntiva, pelo substantivo ao qual está ligado por analogia. Exemplo: homem-torpedeiro, mulher-enseada, etc.". "6. Nada de pontuação...". "9. Para envolver e captar tudo o que há de mais fugidio e incaptável na matéria, é preciso formar filêtes cerrados de imagens ou analogias...". "10. Sendo tôda ordem fatalmente um produto da inteligência cautelosa, é preciso orquestrar as imagens, dispondo-as a partir de um máximo de desordem". "11. ... Depois do verso livre, eis, enfim, as palavras em liberdade"⁴⁰. E Marinetti, com seu estro bilingüe (francês/italiano), produz sem cessar. *Mafarka le futuriste* ("Mafarka il futurista"), romance africano, sai em Paris, em 1910, e vale ao autor um processo por ultraje ao pudor. *La bataille de Tripoli vécue et chantée par F. T. Marinetti* ("La battaglia di Tripoli vissuta e cantata da F. T. Marinetti") é de 1911/1912. *Zang-tumb-tumb — Assedio di Adrianopoli — Parole in libertà*, de 1914, ano em que começa a ser escrito o *Ulysses*. Mário da Silva Brito reporta o entusiasmo despertado nos homens de 22 pela prosa marinettiana. Menotti del Picchia traduz fragmentos do *Mafarka*⁴¹, cujo cotejo com trechos do *Miramar* será bastante elucidativo:

⁴⁰ Para os excertos do "Manifesto técnico", valemo-nos da tradução do saudoso poeta e crítico Mário Faustino, em "Poesia Experiência — Fontes e Correntes da Poesia Contemporânea — Futurismo, III: Ainda Marinetti" (Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, 8-12-57).

⁴¹ *Apud* Mário da Silva Brito, *ob cit.* na nota 6, p. 19.

“De repente, o trovão, vestido de brasa, arfante e com seus cabelos de chuva hirtos do pavor, precipitando-se do alto do zênite e rolando de uma escada de ferro a outra, esmigalhou-se nos subterrâneos do horizonte” (*Mafarka*).

“Lá embaixo, cintilaram lâminas e machados brancos, afiados por mãos invisíveis na pedra negra e dura das nuvens... Depois bruscamente, a cabeça do trovão foi decepada, de um golpe, por um relâmpago” (*Mafarka*).

“Estiadas amáveis iluminavam instantes de céus sobre ruas molhadas de pipilos nos arbustos dos squares. Mas a abóbada de garoa desabava os quarteirões” (*Miramar*).

“O vento batia a madrugada como um marido. Mas ela perscrutava o escuro teimoso” (*Miramar*).

“O céu jogava tinas de água sobre o noturno que me devolvia a São Paulo” (*Miramar*).

No *Ulysses* também se encontram exemplos dessa acelerada imagística sonoro-visual. Eis, vertido para o português, um trecho do “Eolo”:

“Carroceiros embotamancados rolavam barris surdibundos para fora dos armazéns Prince e chocavam-nos adentro da carroça cervejeira. Na carroça cervejeira chocavam surdibundos barris rolados fora dos armazéns Prince por carroceiros embotamancados.”⁴²

Só que, no *Ulysses*, sob o aparente ludismo verbal, se esconde um típico e calculado efeito joyciano: trata-se de um “quiasmo” (ordenação cruzada dos elementos componentes de dois grupos de palavras contrariando a simetria paralelística), um dos muitos artifícios do gênero imbricados nesse episódio

⁴² [Nota para esta edição: Usamos a tradução de Antônio Houaiss, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966, p. 133.]

que, a propósito do jornalismo contemporâneo, parodia as clássicas formas da arte retórica.

Contribuição de Marinetti

Mas o Marinetti do *Mafarka*, romance de estrutura ainda tradicional, que participa da literatura galante e do exotismo de pacotilha, e onde as imagens mais ousadas apenas aflojam numa linguagem de andadura pomposa e para-simbolista, não é o mais apropriado paralelo. O Marinetti adequado é aquele já comensurado aos seus próprios manifestos, liberto da placenta dannunziana, o Marinetti dos *paroliberi*, dos *aeropoemi*, das *simultaneità*. Veja-se este trecho de *Battaglia Peso + Odore*, de 1911 ⁴³:

“Meiodia 3/4 flautas gemidos soleão *tumbtumb*
alarme Gargaresch esfacelar-se crepitação marcha Tilin-
tar mochilas fuzis cascos pregos canhões crinas rodas
caixões judeus empadas pão-de-óleo cantilenas lojinhas
bafos cintilação remela fedor canela”.

Ou este outro, que extraímos de *Zang-Tumb-Tumb* e ver-
temos para o português:

“Sedentariedade velocíssima do chauffeur semideitado
sobre o volante Saturno no anel girar girar fazer do pé ao
longinquíssimo pèzinho azul das mais loucas velocidades
glu glu glu de ar em garrafas-orelhas vento ventríloquo”.

⁴³ Tradução de Mário Faustino, *loc. cit.* na nota 40.

Ou, finalmente, êstes fragmentos de *aeropoema*⁴⁴:

“Redondas rendas doidas e baques e lampejos pelo fasto do grande baile alegratroz dos explosivos”.

“Cabriolando ferralhando no céu entre tetos de tempestuosos lampadários nos quais urge dardeja um fragor de matadouro”.

“Chamo-me Vincenzo Ciaràvolo marinheiro de Torre del Greco disse ao comandante do contratorpedeiro Nullo tornando-me o ordenança cheio de zêlo sal pimenta vermelho em sopa-de-peixe quando esperávamos no ancoradouro”.

Estilo telegráfico

Se Marinetti falava numa “immaginazione senza fili”, Harry Levin, a propósito do *Ulysses*, fala na “sintaxe telegráfica do monólogo interior”⁴⁵. Oswald, de sua parte, insinua no prefácio joco-sério de Machado Penumbra a caracterização do estilo miramarino como “estilo telegráfico”. Evidentemente que êsses procedimentos não levaram aos mesmos resultados, temperados que foram por personalidades e intentos diversos. Mas o método de amostragem e comparação é sempre revelador nesses casos. Tudo se prendia, afinal, ao espírito da época, que demandava — como disse Ezra Pound num poema famoso⁴⁶ — “a prose cinema”. Em matéria de monólogo interior, de *stream of consciousness*, o *Miramar* nos fornece exemplos que poderiam ser assim classificados. Logo no *fragmento 1* (“O Pen-

⁴⁴ Tradução de Mário Faustino, “Futurismo IV: Marinetti e Soffici”, Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, 15-12-57.

⁴⁵ *Ob. cit.* na nota 21, p. 94.

⁴⁶ “E. P. Ode pour l'élection de son sépulcre”, em *Hugh Selwyn Mauberley*, sequência de poemas publicada em Londres, em 1920.

sieroso”), uma evocação do mundo infantil — a criança, no quarto materno, preparando-se para dormir e misturando as palavras de uma prece habitual com as impressões ingênuo-maliciosas provocadas pela contemplação de um manequim de costura:

“Vacilava o morrão do azeite bojudo em cima do copo. Um manequim esquecido vermelhava.

— Senhor convosco, bendita sois entre as mulheres, as mulheres que têm pernas, são como o manequim de mamãe até em baixo. Para que pernas nas mulheres, amém”⁴⁷.

Outro momento análogo, embora sem caráter monologal explícito, está no *episódio-fragmento* 82 (“Tática”). Miramar fica sabendo da chegada ao Brasil, a bordo do navio Darro, “acossada pela conflagração mundial”, da “jovem estrêla cinematográfica Mille. Rolah” (com a qual, na sequência do livro, terá um caso amoroso). A nova, colhida no jornal, se embarralha no seu espírito com o noticiário de guerra, e fica registrado nas *Memórias* o seguinte *flash* mental:

Até ontem a ala esquerda dos aliados fazia recuarem quase que desordenadamente as tropas invasoras numa distância de 70 quilômetros enquanto Joffre Rolah e a ala direita formavam ângulo em Verdun com as tropas de leste cobrindo-as assim contra um envolvimento do Darro”.

O trecho lembra, menos desarticulado e sem a cenografia tipográfica típica, o *parolibero* de Marinetti “Après la Marne,

⁴⁷ Em *Um Homem sem Profissão*, pp. 23/27, encontram-se, mais desenvolvidamente, os ingredientes desse episódio de infância.

Joffre visite le front en auto" (1919). Mudara o ponto focal estético. Na base do monólogo interior está o simultaneísmo, que o poeta e pintor Ardengo Soffici, na sua *Estetica Futurista*⁴⁸, assim define: "Pôsto o artista como centro móvel do universo vivente, tôdas as sensações e emoções, sem perspectiva de espaço ou de tempo, atraídas e fundidas num ato criativo poético. Simultaneidade de estados de espírito polarizados por vias analógicas de recordações, de pensamentos remotos, de impressões de outros lugares e de outros tempos, como luzes de astros errantes concentrados num espelho"... "A caixa de fósforos que tenho diante de mim se liga, como imagem, a um meu pensamento sôbre o mundo, a uma lembrança amorosa, e esta ao campo vespertino que vejo através da janela, estreitamente complementar ao título negro do *Corriere della Sera*".

O espírito moderno

Apollinaire, o poeta dos *Calligrammes*, cujas atividades formavam uma espécie de traço de união natural entre futurismo e cubismo, pois de ambos os movimentos participava, pronunciou em 1917, no Vieux-Colombier, uma conferência memorável sob o título "Os poetas e o espírito moderno". Proclamava então: "... Podemos prever o dia em que o fonógrafo e o cinema sendo as únicas formas de impressão os poetas terão uma liberdade desconhecida até agora"... "No domínio da inspiração, sua liberdade não pode ser menor que a de um jornal quotidiano que trata numa mesma página de matérias tão diversas, percorre países os mais distanciados. Perguntamos por que o poeta não teria uma liberdade pelo menos igual, e por que seria levado, na época do telefone, do telégrafo sem fio, a uma maior circunspeção em face dos espaços?"... "Os poetas desejam, enfim, maquinar a poesia como maquinizaram o

⁴⁸ Ardengo Soffici, *Primi Principi di una Estetica Futurista*, Vallecchi Editore, Florença, 1920, pp. 84/85.

mundo. Querem ser os primeiros a fornecer um lirismo inédito a estes meios de expressão que trazem à arte o movimento e que são o fonógrafo e o cinema"⁴⁹. Oswald de Andrade se reclamava de uma análoga visão do mundo, quando escrevia no dealbar da "Semana de Arte Moderna": "O erro dos nossos censores é o erro de todos os envelhecidos: estão fora da psicologia do telégrafo sem fios, do aeroplano, da estrada empedrada de automóveis e o seu armário de musas move fantasmas longínquos e torvos num João Minhoca decaído em velhos plágios façanhudos"⁵⁰.

Prosa cinematográfica

O tempo requeria uma nova poesia e uma nova prosa, comensuradas ao cinema. Com razão observou Antônio Cândido, escrevendo sobre *Os Condenados*, que Oswald fôra o lançador da técnica cinematográfica em nosso romance, caracterizada pela "descontinuidade cênica", pela "tentativa de simultaneidade, que obcecou o modernismo e que, entre nós, teve no sr. Mário de Andrade o seu teórico (*A Escrava que não é Isaura*) e um dos seus poetas"⁵¹. Esta técnica é uma constante na obra de Oswald. Do *Marco Zero* diria Roger Bastide que sua construção obedeceu a uma "ordem simultaneísta", sorte de "romance espacial"⁵². No *Um Homem sem Profissão*, livro de

⁴⁹ Tradução de Oliveira Bastos, Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, 17-11-57.

⁵⁰ "Reforma Literária", artigo publicado no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 19-5-1921 (apud Mário da Silva Brito, *ob. cit.* na nota 6, p. 178).

⁵¹ Antônio Cândido, *ob. cit.* na nota 8, p. 15. No *Escrava*, de 1924, ensaio de estética modernista dedicado a Oswald de Andrade, Mário prefere falar em "polifonia poética" para exprimir a simultaneidade. Aliás, a correlação já está nos Manifestos Futuristas: recorde-se o primeiro item do Manifesto da Pintura Futurista, transcrito páginas atrás.

⁵² Roger Bastide, "Notas de Leitura — Marco Zero", crítica publicada por ocasião do lançamento do livro, em *O Estado de São Paulo* (25-11-43).

memórias reais publicado em 1954, ela invade a narrativa e, a partir das últimas páginas, inspiradas num diário de *garçonnière*, lhe devolve o ritmo acelerado e a expressão por abreviaturas mordazes do Oswald da década de 20, das *Memórias de Miramar* e da *Folhinha Conjugal* de Serafim. O par *Miramar/Serafim*, longe de ser um hiato nessa técnica, é, a nosso ver, sua extensão mais conseqüente e esteticamente realizada, mesmo porque desembaraçada dos percalços da miragem de monumentalidade, da teima da obra cíclica, à qual nunca se acomodou muito bem o espírito sintético de Oswald. Uma vez que a idéia de uma técnica cinematográfica envolve necessariamente a de montagem de fragmentos, a prosa experimental do Oswald dos anos 20, com a sua sistemática ruptura do discursivo, com a sua estrutura fraseológica sincopada e facetada em planos díspares, que se cortam e se confrontam, se interpenetram e se desdobram, não numa seqüência linear, mas como partes móveis de um grande ideograma crítico-satírico do estado social e mental de São Paulo nas primeiras décadas do século, esta prosa participa intimamente da sintaxe analógica do cinema, pelo menos de um cinema entendido à maneira eisensteiniana. Eisenstein, como se sabe, depois de um encontro com Joyce em 1930, quis filmar o *Ulysses*, que lhe parecia feito sob medida para a aplicação de sua teoria da montagem, concebida como uma sucessão de imagens fragmentárias ordenadas, de cuja seqüência ou colisão emergiria uma nova imagem maior do que as imagens separadas ou diferente delas⁵³. Harry Levin chega a escrever: "Na sua estrutura interna e na sua continuidade, o *Ulysses* tem mais em comum com o cinema do que com outros romances. O movimento do estilo de Joyce, o pensamento dos seus personagens são como a projeção de uma película; seu método de composição, o ordenamento de sua matéria-prima envolvem esta operação fundamental que se denomina *montagem*"⁵⁴. Eis aqui mais uma perspectiva para a aproximação Oswald de Andrade/James Joyce.

⁵³ Ver a propósito Robert S. Ryf, "Joyce's Visual Imagination", em *A New Approach to Joyce*, University of California Press, 1962, pp. 171/190.

⁵⁴ Harry Levin, *ob. cit.* na nota 21, p. 88.

Estética do fragmentário

Se quisermos remontar às raízes, veremos que o fragmentarismo da prosa oswaldiana (sobretudo do *Miramar* e do *Serafim* e culminando nêles), assinalado por mais de um crítico, não é outra coisa senão a introdução e a projeção em nosso romance da *estética do fragmentário*, que Hugo Friedrich vai identificar já na poesia e na prosa do último Mallarmé⁵⁵. A prosa das *Divagations* (1897), Friedrich chama de “eine Kontrapunktische Prosa” e, em geral, do instrumento estilístico do Mallarmé dessa última fase diz que se caracteriza pela “destruição da frase em fragmentos”, pela “descontinuidade em lugar da ligação”, pela “justaposição em lugar da sintaxe de construção habitual”, sinais todos êsses ‘de uma descontinuidade interior, de uma linguagem nas fronteiras do impossível’. A frase de Mallarmé sôbre a página branca na qual se dispersam as palavras do poema e que, quando confrontada pelo “transparência do olhar adequado”, se divide, assim como também essa mirada perscrutadora, em “fragmentos de candor, provas nupciais da Idéia”, é, para Hugo Friedrich, “um postulado fundamental da Estética moderna”. A *crise de vers* de Mallarmé acusava, no fundo, uma crise da linguagem lógico-discursiva para a poesia (e para aquela prosa cuja problemática dela se avizinha), num mundo sacudido pela Primeira Revolução Industrial e pelas novas realidades que ela engendra. Se lembrarmos, agora, que Marinetti foi o primeiro tradutor italiano de Mallarmé, editando-lhe em 1916 um volume de *Versi e Prose*, compreenderemos, sem dificuldade, como se reintroduziram na vanguarda européia, a partir de 1909, através do futurismo, muitas das principais reivindicações mallarméanas⁵⁶.

⁵⁵ Hugo Friedrich, *Die Struktur der Modernen Lyrik*, Rowohlt, Hamburgo, 1956, pp. 88/89.

⁵⁶ Embora não seja lícito extrair do fato ilações retroativas, a verdade é que, num dos cadernos do *Diário Confessional* (inédito) de Oswald, se encontram pistas do seu interesse pelo Mallarmé do poema-constelação *Un Coup de Dés* (1897), e dentro dum contexto bastante pertinente: 20-5-49 — “A geometria nova / na forma tipográfica do poema / Coup de Dés / Caligramas / Futurismo”. Os travessões procuram

Influência das artes plásticas

As “subdivisões prismáticas da Idéia”, de Mallarmé, corresponderão talvez, no espírito do tempo, ao “impressionismo científico”, pontilhista, de um Seurat, cujas teorias pictóricas se inspiraram, em grande medida, num tratado coevo, de Michel-Eugène Chevreul, significativamente intitulado *De la loi du contraste simultané des couleurs* (Paris, 1839). Depois vieram o futurismo com seus planos dinâmicos, o cubismo com seus planos estáticos, o orfismo com seus círculos contrastantes. Tôdas essas tendências e impulsos acabam desenhando um contexto de convergências e divergências no qual também a literatura de vanguarda das primeiras décadas deste século se abeberou e muito. É bem possível que a influência primordial na prosa de Oswald — um visual por excelência — seja ainda, para além da assimilação da teoria e da prática literária futurista, a transposição imediata de suas descobertas pictóricas nas exposições de Paris. Como explicar, de outra forma, o cubo-futurismo plástico-estilístico de tantos trechos do *Miramar* (por exemplo):

“Um cão ladrou à porta barbuda em mangas de camisa e uma lanterna bicor mostrou os iluminados na entrada da parede”;

“O cachorro deitado tinha duas caras com uma de esfinge e cabelos bebês”;

“Mas a calçada rodante de Pigalle levou-me sozinho por tapetes de luzes e de vozes ao matabicho decotado de um dancing com grogs cetinadas pernas na mistura de corpos e de globos e de gaitas com tambores”;

trechos onde as cláusulas se encontram e se interceptam como planos, os atributos saltam do engaste e deslizam de uma su-

indicar a maneira como Oswald lançou na página — especializada e entrecortadamente — a sua anotação crítica. [Nota para esta edição: Excertos posteriormente publicados em *Invenção*, São Paulo, nº 3, dezembro de 1964.]

perfície semântica a outra, as imagens se seccionam como providas de arestas? Não é à toa que, na introdução do *Miramar*, o verboso Dr. Penumbra nos surpreende com uma atualizada informação de crítico de artes plásticas: "Há além disso, nesse livro nôvo, um sério trabalho em tórno da "volta ao material" — tendência muito de nossa época como se pode ver no Salão de Outono em Paris". Sintomático também que, no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924), Oswald nos trace uma evolução da estética moderna em termos sobretudo de artes visuais: "Duas fases: 1ª, a deformação através do impressionismo, a fragmentação, o caos voluntário. De Cézanne e Mallarmé, Rodin e Debussy até agora; 2ª, o lirismo, a apresentação no templo, os materiais, a inocência construtiva" ... "O trabalho contra o detalhe naturalista — pela *síntese*; contra a morbidez romântica — pelo *equilíbrio* geômetra e pelo *acabamento* técnico; contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*" ... "Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua" ... "Nossa época anuncia a volta ao *sentido puro*. Um quadro são linhas e côres. A estatuária são volumes sob a luz" ... "Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. *Ver com olhos livres*"⁵⁷,

Atualidade do "Miramar"

De tudo isto, resulta a importância fundamental para a nossa prosa criativa das *Memórias Sentimentais de João Miramar*, escritas por Oswald de Andrade há já 4 décadas. Importância como atualização da nossa ficção em sintonia com as experiências da vanguarda européia, mas também como adequação pessoal e reelaboração dessas técnicas importadas

⁵⁷ Cf. nota 13. [Nota para esta edição: Sobre o estilo cubista (metonímico) de Oswald, ver Haroldo de Campos, *Metalinguagem* ("Estilística Miramarina"), Editora Vozes, Petrópolis, 1967.]

sob critérios próprios, para a devida aferição de um contexto social de transição, uma realidade urbana em processo inicial de industrialização, mas ainda pesadamente vinculada, no plano cultural, aos cânones do passado, aos "mitos do bem dizer", na frase de Mário da Silva Brito⁵⁸. Aqui caberia aludir, também, à tese da "congenialidade do modernismo brasileiro", levantada por Antônio Cândido num trabalho de 1953⁵⁹, e que explicaria, por uma afinidade de impulsos e solicitações, a natural receptividade do nosso meio às vanguardas literárias européias, num sentido muito diferente das antigas imitações. O que, por isso mesmo, — seria lícito acrescentar —, permitiu a criação de produtos acabados e dotados de autonomia estética e originalidade. Sobretudo, porém, importa dizer que esta prosa (como a do *Serafim Ponte Grande*, que é um *Miramar* reescrito com ainda mais inconformismo e irreverência), passados 40 anos, está viva e aberta, supera os possíveis "cacoetes" de escola, aponta rumos talvez insuspeitados para nossa literatura de imaginação. Imune ao psicologismo dos introspectivos abissais, afeta ao trato saudável e sólido das palavras, colada ao seu instrumento, ela, com raras outras entre nós, faz perimir o conceito de romance, de novela ou de conto, diante de uma nova idéia de *texto*.

⁵⁸ *Ob. cit.* na nota 6, p. 29.

⁵⁹ Antônio Cândido, *Die Literatur als Ausdruck der Kultur im zeitgenössischen Brasilien*, Instituto Hans Staden, São Paulo, 1953, pp. 29/30. [Nota para esta edição: Republicado em português em *Literatura e Sociedade*, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1965, pp. 144/145.]

Nota Sôbre o Texto

NA atualização ortográfica do texto, adotamos o critério de manter a grafia das palavras estrangeiras tal qual ocorre na primeira edição, mesmo quando se trate de palavras que, no curso dos últimos 40 anos, tenham sido assimiladas por nossa língua (como "shoot", "chauffeur", "bungalow", por exemplo, que hoje se escrevem normalmente "chute", "chofer", "bangalô"). Pareceu-nos mais adequado êsse procedimento, a fim de que fôsse preservada a fisionomia original do texto e da época em que êle se inscreve, mesmo porque, muitas vêzes, o uso do estrangeirismo implicava uma situação sócio-econômica definida, da afetação cosmopolita e de aspirações elegantes, que se correria o risco de apagar ou amortecer no texto se o têrmo estrangeiro fôsse lexicalizado, com prejuízo para os objetivos satíricos da linguagem oswaldiana (lembre-se, por exemplo, que o *futebol*, hoje convertido em esporte de massa, era, então, *foot-ball*, desporto da alta sociedade, com seu jargão importado de palavras inglêsas: "kick", "back", "goal", "foot-baller", etc.). Fizemos, apenas, correções onde havia evidentes cochilos de grafia (a saber: "pocker", "troly", "tou-tou", "baedecker", onde

se deveriam ler “poker”, “trolley”, “tutu”, “baedeker”, etc.). Quando o autor parece manifestar a intenção de integrar a palavra no português corrente, seguimos o seu desejo (Oswald escreve “derrapage” em lugar de “dérapage”; assim, grafamos, atualizadamente, “derrapagem”). Estrangeirismos semi-aclimatados pelo autor, como “foot-bolares”, “pullmavam”, “affaristas”, foram transcritos literalmente. No mais, exceto a correção de alguns poucos erros tipográficos evidentes, respeitou-se fielmente o texto da edição de 1924, com tôdas as suas peculiaridades.

HAROLDO DE CAMPOS

Memórias Sentimentais
de João Miramar

Para
Tarsila do Amaral
e
Paulo Prado



*Possa entanto
Acostumar ao vôo as novas asas,
Em que um dia vos leve*

O Uruguai de BASÍLIO DA GAMA



*E se achar que falo escuro não
mo tache, porque o tempo anda car-
regado; acenda uma candeia no en-
tendimento...*

ARTE DE FURTAR



À Guisa do Prefácio

João Miramar abandona momentâneamente o periodismo para fazer a sua entrada de homem moderno na espinhosa carreira das letras. E apresenta-se como o produto improvisado e portanto imprevisto e quiçá chocante para muitos, de uma época insofismável de transição. Como os tanks, os aviões de bombardeio sôbre as cidades encolhidas de pavor, os gases asfixiantes e as terríveis minas, o seu estilo e a sua personalidade nasceram das clarinadas caóticas da guerra.

Porque eu continuarei a chamar guerra a tôda esta época embaralhada de inéditos valôres e clangorosas ofensivas que nos legou o outro lado do Atlântico com as primeiras bombardas heróicas da tremenda conflagração européia.

O glorioso tratado de Versalhes que pôs têrmo à loucura nietzschiana dos guerreiros teutões, não foi senão um minuto de trégua numa hora de sangue. Depois dêle, assistimos ao derramamento orgânico de tôdas as convulsões sociais. Poincaré,

Artur Bernardes, Lênin, Mussolini e Kemal Paxá ensaiam diretivas inéditas no código portentoso dos povos, perante a falência idealista de Wilson e o último estertor rubro do sindicalismo. Quem poderia prever a Ruhr? Quem poderia prever o “pronunciamento” espanhol? E a queda de Lloyd George? E o telefone sem fio?

Torna-se lógico que o estilo dos escritores acompanhe a evolução emocional dos surtos humanos. Se no meu fôro interior, um velho sentimentalismo racial vibra ainda nas doces cordas alexandrinas de Bilac e Vicente de Carvalho, não posso deixar de reconhecer o direito sagrado das inovações, mesmo quando elas ameaçam espedaçar nas suas mãos hercúleas o ouro argamassado pela idade parnasiana. VAE VICTIS!

Esperemos com calma os frutos dessa nova revolução que nos apresenta pela primeira vez o estilo telegráfico e a metáfora lancinante. O Brasil, desde a idade trevosa das capitânias, vive em estado de sítio. Somos feudais, somos fascistas, somos justicadores. Época nenhuma da história foi mais propícia à nossa entrada no concêrto das nações, pois que estamos na época do desconcêrto. O Brasil, país situado na América, continente donde partiram as sugestões mecânicas e coletivistas da modernidade literária e artística, é um país privilegiado e moderno. Nossa natureza como nossa bandeira, feita de glauco verde e de amarelo jalde, é propícia às violências maravilhosas da côr. Justo é pois que nossa arte também o queira ser.

Quanto à glótica de João Miramar, à parte alguns lamentáveis abusos, eu a aprovo sem, contudo, adotá-la nem aconselhá-la. Será êsse o Brasileiro do Século XXI? Foi como êle a justificou, ante minhas reticências críticas. O fato é que o trabalho de plasma de uma língua modernista nascida da mistura do português com as contribuições das outras línguas imigradas entre nós e contudo tendendo paradoxalmente para uma construção de simplicidade latina, não deixa de ser interessante e original. A uma coisa apenas oponho legítimos embargos — é à violação das regras comuns da pontuação. Isso resulta em lamentáveis confusões, apesar de, sem dúvida, fazer sentir “a grande forma da frase”, como diz Miramar *pro domo sua*.

Memórias Sentimentais — por que negá-lo? — é o quadro vivo de nossa máquina social que um novel romancista tenta

escalpelar com a arrojada segurança dum profissional do subconsciente das camadas humanas.

Há, além disso, nesse livro nôvo, um sério trabalho em tôrno da "volta ao material" — tendência muito de nossa época como se pode ver no Salão d'Outono, em Paris.

Pena é que os espíritos curtos e provincianos se vejam embaraçados no decifrar do estilo em que está escrito tão atilado quão mordaz ensaio satírico.

MACHADO PENUMBRA.

1. O PENSIEROSO

Jardim desencanto

O dever e procissões com pálios

E cônegos

Lá fora

E um circo vago e sem mistério

Urbanos apitando nas noites cheias

Mamãe chamava-me e conduzia-me para dentro do oratório de mãos grudadas.

— O Anjo do Senhor anunciou à Maria que estava para ser a mãe de Deus.

Vacilava o morrão do azeite bojudado em cima do copo. Um manequim esquecido vermelhava.

— Senhor convosco, bendita sois entre as mulheres, as mulheres não têm pernas, são como o manequim de mamãe até embaixo. Para que pernas nas mulheres, amém.

2. ÉDEN

A cidade de São Paulo na América do Sul não era um livro que tinha cara de bichos esquisitos e animais de história.

Apenas nas noites dos verões dos serões de grilos armavam campo aviatório com os berros do invencível São Bento as baratas tôrvas da sala de jantar.

3. GARE DO INFINITO

Papai estava doente na cama e vinha um carro e um homem e o carro ficava esperando no jardim.

Levaram-me para uma casa velha que fazia doces e nos mudamos para a sala do quintal onde tinha uma figueira na janela.

No desabar do jantar noturno a voz tôda preta de mamãe ia me buscar para a reza do Anjo que carregou meu pai.

4. GATUNOS DE CRIANÇAS

O circo era um balão aceso com música e pastéis na entrada.

E funâmbulos cavalos palhaços desfiaram desarticulações risadas para meu trono de pau com gente em redor.

Gostei muito da terra da Goiabada e tive inveja da vontade de ter sido roubado pelos ciganos.

5. PERIGO DAS ARMAS

Entrei para a escola mista de D. Matilde.

Ela me deu um livro com cem figuras para contar a mãe a história do rei Carlos Magno.

Roldão num combate espetou com um pau a gengiva aflita do Maneco que era filho da venda da esquina e mamãe botou no fogo a minha Durindana.

6. MARIA DA GLÓRIA

Preta pequenina do pêso das cadeias. Cabelos brancos e um guarda-chuva.

O mecanismo das pernas sob a saia centenária desenrolava-se da casa lenta à escola pela manhã branca e de tarde azul.

Ia na frente bamboleando maleta pelas portas lampiões eu menino.

7. FELICIDADE

Napoleão que era um grande guerreiro que Maria da Glória conheceu em Pernambuco disse que o dia mais feliz da vida dele foi o dia em que eu fiz a minha primeira comunhão.

8. FRAQUE DO ATEU

Saí de D. Matilde porque marmanjo não podia continuar na classe com meninas.

Matricularam-me na escola modêlo das tiras de quadros nas paredes alvas escadarias e um cheiro de limpeza.

Professôra magrinha e recreio alegre começou a aula da tarde um bigode de arame espetado no grande professor Seu Carvalho.

No silêncio tique taque da sala de jantar informei mamãe que não havia Deus porque Deus era a natureza.

Nunca mais vi o Seu Carvalho que foi para o Inferno.

9. BOLACHA MARIA

Passava os dias na sala violeta de Monsieur Violet. Ele nunca abria a janela da rua mas eram quatro horas por causa de uma escola da vizinhança que os meninos passavam conversando e jogando tostão e bolinha.

Lá dentro uma máquina de costura saía da gare.

Amanhecia na saleta abandonada pelo mestre.

Era Madô de meias baixas saias curtas e pela mão vacilante nos palmitos o último rebento dos Violet. Ficava sorrindo pesquisando meus livros desenhos mapas do secreto Mundo.

O guri despejava a mãozinha do braço distraído e fazia a volta científica da poltrona e gritava cabelos amostras.

Ela era um jôro das mangas rendadas das pernas louras abertas.

Iam-se numa procissão de passos. Longe a máquina voltava à plataforma quieta da costura.

10. DERRAPAGEM

Não disse nada do que queria dizer a Madô.

Um dia surpreso entrei num ajuntamento junto à casa porque o professor tinha ficado defunto carteiro e havia um pobre caixão na sala de velas.

A viúva envelhecida era um peito de tábuas. E num canto Madô chorava o destino das Madalenas.

11. COLÉGIO

Malta escabriavam salas brancas e corredores perfeitos com barulhento fumoir na aula de desenho de Seu Peixotinho.

O diretor vermelho saía do solo atrás da barriga e da batina.

E com modos autoritários simpatizou cínico comigo o ruivo José Chelinini.

12. CIDADE DE RIMBAUD

Mamãe queria que eu fôsse o melhor dos alunos mas na abertura esplanada onde os outros bolavam caía vida do tinir das forjas e dos bondes no recorte de apitos e pregões.

A campainha era um badalo de sonoridades.

A grita meridiana estourava bola de sabão na queda entre os goals dum último kick de altura.

E recolhiam-se os retardatários às filas formadas para eu deixar de escutar a cidade última atrás da carranca em andor dos vigilantes.

13. MUDANÇA

Na casa de tia Gabriela havia o espaço de meus livros num sofá fronteiro para mamãe me olhar.

A família parenta chegou de noite da Fazenda Nova-Lombardia com a governante implicante e o sistema Kneipp nos pés das primas jambos. Criados e criadas negrinhas e uma manteiga diferente.

14. UM PRIMO

Mamãe conversava muito com tia Gabriela porque elas eram viúvas. E o Pantico inquietava minha tranqüilidade com anos menos e carrinhos feitos para descidas ladeiras amigo íntimo do copeiro arranjador de almanaques nas farmácias.

15. CONSELHOS

No quarto de dormir ralhos queridos não queriam que eu andasse com meu primo. Pantico não tivera educação desde criança e por isso amava vagamundear. Que diriam as famílias de nossas relações que me vissem em molecagens gritantes ou com servos? Só elas é que devíamos frequentar.

Eu achava abomináveis as famílias das nossas relações.

16. BUTANTÃ

Prima Nair que estava interna com as irmãs bochechudas Célia e Cotita noutro colégio mandou uma carta ao Pantico dizendo assim:

“Já sabes que estou na classe amarante? As meninas aqui não são tão maliciosas como no internato de Miss Piss. Mas... nunca vi que espírito civilizado elas têm. Pois como elas não têm moços para namorar elas namoram-se entre si. Tôdas têm um namorado como elas dizem e é uma outra menina: uma faz o m^oço e outra a m^oça.

E quando elas se encontram, se beijam como noivos. Por mais que não se queira ficar como elas, inconscientemente fica-se. As meninas de agora não são como as de outro tempo. Logo nascerão sabendo. Uma de seis anos não é inocente; já têm desde pequenas aquêles olharezinhos que mais tarde servirá para a malícia.

Eu só comecei saber a vida aos dez anos. Hoje em dia com sete já se sabe tudo!”.

17. POR EXEMPLO

José Chelinini punha rabos-levas em minhas teorias maternais.

Era um perdido, mas comprava aos quilos a apologética dos colegas. Filho de cereais varejos, tilintava moedas no tonel dos bolsos e minguados brotos de aristocracias tinham-lhe seráficos silêncios para cacholetas aporreantes.

O Pita, primeiro da classe, fonava-lhe as lições de latim e de inglês.

E à saída, juntavam-se narizes pernaltas com livros, face à carrocinha metálica esperando-o no beco de sorvetes.

18. INFORMAÇÕES

Gustavo Dalbert numa noite de cabelo e cigarro disse-me que a arte era tudo mas a vida nada. Ele era músico e ia morar em Paris comigo, o amigo e jovem poeta João Miramar.

Havia um outro artista na vizinhança, o Bandeirinha barítono e outros poetas na cidade.

19. BICICLETA DE ONÁ

De Águas Enxutas, por sob galhos quateiros de tias longes, o Pantico desterrado em férias, escreveu-me:

“Já mandei duas cartas para mamãe pensando que elas chegaram quanto antes mas até hoje não chegaram.

Estou aqui sem nenhum divertimento. O rio é muito perigoso e pequeno. E também não tem meninos. Passo os dias que nem na fazenda que não tinha nada para fazer senão vícios. Vou fazer como lá se mamãe não quisesse mandar a bicicleta que já estou pedindo”.

20. RUMO SENSACIONAL

Fomos devolvidos aos braços de dois e três pelo portão colegial onde vínhamos de ter a última aula de tantos anos.

Poeta e misantropo Seu Madureira fizera-nos um adeus de discurso. Partíamos na direção da vida — estrada onde havíamos de encontrar muitas vezes abismos recobertos de flores.

Calados num ângulo do Triângulo separamo-nos com um abraço de José Chelini que ia para o comércio.

21. CLAQUE

O pano escuro enquadrava a boca do céu por onde lá embaixo Gisella Doni cantaria a Princesa dos Dollars e os habitués do galinheiro sentavam-se ao nosso lado.

Iam chegando músicos e primeiras caras desocupadas punham-se nos furos da platéia. Eu desejava secretamente Gisella.

Degraus enchiam confusas escalas de flauta e rabecadas de afinação. A platéia formava público para o meu amor.

E quando camarotes palmas e frisas puxavam a casaca do maestro, num silêncio a partitura lançava a batuta bulhentemente.

22. MAÇONARIA

Avessos aos favores da cidade fãmos perna aqui perna ali eu e Dalbert de sorte excepcional.

Ruas quartos a chave bar desertos vibrações revoltas adúltérios ênfases.

A estacada foi num casarão azul em vol-plané sôbre o val-de-lírios inculto do Anhangabaú.

A coroa do Teatro Municipal punha patetismos prêtos no vermelho das auroras noturnas.

O João Jordão que não era artista nem nada aparecia magro e uma tarde arranjou o subsídio governamental para estudar pintura em Paris.

23. QUIROMANCIA

O Bandeira barítono lia Belmiro Braga e baldava esperanças de entrar para a diplomacia como diplomata. Fazia-se vaticínios perante o pai de calva gramática.

E mostrava-nos versos dizendo-se partidário da poesia vagabunda mas cheia de alma. Tinha ido passar uma semana gigolette na pensão da Georgina em Santos.

Deixávamo-lo pela noite de desoras e partíamos cear em Nápoles com pizzas escarradas de tomate e queijo e um vinho recém-vindo pelo noturno de Caserta.

Abria guignol de sonho realejo rítmico rebentador de val-
sas ao ar estrelado.

Depois, de cima, pensão de artistas, caíam pingos pro-
fundos de Chopin na comida.

24. GUILHOTINA

Comboiado pelos nervos críticos do Dr. Limão Bravo fui
impelido na carretilha de cenários perante o coração de Gisella.

As barbas alemãs de um médico beijavam cerimoniosas
mãos de atrizes. Mangas de camisas e bombeiros com pedaços
de floresta impressionista rolavam ordens do céu como de praias
verticais.

Ela jogou seu enderêço como um níquel à minha gravata
declaração de amor.

25. AMIGO DA FAMÍLIA

Morava em cinco andares Rua de São Bento. Eu levava-
lhe por noites paralelas um colête de veludo rapapé com jor-
nais melados.

E minha mãe coberta de beijos deixou que eu fôsse ver
em Santos o mar dos embarques.

Que nem alma danada vi descer o primeiro Natal longe
de casa na consolação duma dedicatória com fotografia. E a
despedida esfacelou-se num corredor escuro de cabinas.

26. ALEXANDRE O GRANDE

Dalbert de subsídio e trombone ia partir para a conquista da Europa.

Descemos de cigarro vagaroso pelos círculos da cidade pelas cruzes dos bars em tête-à-tête com o futuro.

Vi-o entre um italiano e uma casquette loura no intervalo dos guindastes negros do cais que agitavam braços de despedida.

27. FÉRIAS

Dezembro deu à luz das salas enceradas de tia Gabriela as três môças primas de óculos bem falados.

Pantico norte-americanava.

E minha mãe entre médicos num leito de crise decidiu meu apressado conhecimento viajheiro do mundo.

28. PORTO SAÍDO

Barracões de zinco das docas retas no sol pregaram-me como um rótulo no bulício de carregadores e curiosos pois o Marta largaria só noite tropical.

A tarde mergulhava de altura na palidez canalizada por trampolins de colinas e um forte velho. E brutos carregavam o navio sob sacos em fila. → SACOS
→ BRUTOS

Marinheiros dos porões fecharam os mastros guindastes e calmos oficiais lembrando ombros retardatários.

A barriga têsda da escada exteriorizou os lentos visitantes para ficar suspensa ao longo dos marujos louros.

Grupos apinharam o cais parado.

29. MANHÃ NO RIO

O furo do ambiente calmo da cabina cosmoramava pedaços de distância no litoral.

O Pão de Açúcar era um teorema geométrico.

Passageiros tombadilhavam o êxtase oficial da cidade |en-| cravada de crateras.

O Marta ia cortar a Ilha Fiscal porque era um cromo branco mas piratas atracaram-no para carga e descarga.

PIRATAS ATACARAM

CAETANO FAZ MUITO

ISSO: EXTRAVASA

O BIZARRO NATURAL

→ CIDADE
→ CRATERAS
QUEM ESTÁ EM
QUEM? QUEM EM??

30. CABOTAGEM

No dia seguinte e outros o litoral do Brasil olhou calvas serranias patriotas.

A mesa quebravam-se toilettes com sons de côres e caras de fanfarra e pressas de criados.

Uma italiana de olhos imóveis chupou-me como um grog. Chamava-se Madame de Sevre.

A cara bexigosa de um argentino de óculos equilibrava em minha mesa os bigodes chilenos dum universitário dos Andes.



As senhoras grávidas engordavam em exíguas gaiolas no tombadilho. E antes pelo contrário, Mademoiselle Sarah era magra e virginal e cacarejava à noite no salão acompanhada ao piano por um espadachim admirativo.

31. PRIMEIRAS LATITUDES

A costa brasileira depois de um pulo de farol sumiu como um peixe. O mar era um oleado azul. O sol afogado queimava arranha-céus de nuvens.

Dois pontos sujaram o horizonte faiscando longínquos bons dias sem fio.

Os olhos hipócritas dos viajantes andavam longe dos livros — agora polichinelos sentados nas cadeiras vazias.

As antenas ruivas do capitão do Marta sondavam naufrágios nos rochedos de Madame de Sevri.

A noite no jardim d'inverno havia festas do Pocinho em torno do dedicado e gordo médico de bordo.

Um côsul do Kaiser em Buenos Aires viajava com uma congregação.

E até horas compridas quando os grumetes traziam o mar em baldes para cima da mesa de jogo, as rugas dum inglês tour du monde minuciosamente bebiam.

DESENVOLVIMENTO POR SIMILARIDADE
DESDOBRAMENTO UM SIGNO LEVA A OUTRO

ROTEIROS
ROTEIROS
ROTEIROS

32. ROLAH

Uma bola de vidrilhos rodava atrás de uma cabeça loura. A bola dava gritos e chamava-se Madama Rocambola.

DESDOBRAMENTO
DESBORDAMENTO

Entravam às oito infalíveis horas fazer na sala do pequeno almoço proveitosa degustação. E Rolah trazia ao meu céu de cinema um destino invencível de letra de câmbio. CRUZEIRO

33. VELEIRO

A tarde tardava, estendia-se nas cadeiras, ocultava-se no tombadilho quieto, cucava té uma escala de piano acordar o navio.

Madama Rocambola mulatava um maxixe no dancing do (mar)

Esquecia-me olhando o céu e a estrela diurna que vinha me contar salgada do banho como estudara num colégio interno. Recordava-me dos noivados dormitórios das primas.

Uma tarde beije-a na língua.

34. TENERIFE

MARTE
O MAR

Apitos na cabina estranha estoparam o Marta na madrugada. Maria

No cosmorama do leito duas linhas de luzes marcavam a flutuação de Santa Cruz de Tenerife. A terra depois de dez dias tinha negros comovais humanos.

Binóculos sintetizaram a cidade dormindo para nossa pressa. Sons lestos de campainha ancoraram o navio noturno.

As rugas do inglês passaram e a coberta repontou de cabeças catalogadas.

27
UM TEXTO AMBIENTAL / CONTEXTO O PRODUTO-
AMBIENTE DE SUGESTÕES - TEXTO É APENAS PRETEXTOS
CONDENSAÇÃO VOCABULAR / O PROCESSO DE PRODUÇÃO
SENSAÇÃO

A ilha saía inteira da manhã saída do mar.
E sobre a cidade dado montes montaram.

35. TERRA FIRME

A vida de bordo pôs rouge para proximidades de Barcelona.

Adivinhado na neblina o rochedo de Gibraltar deu para os binóculos mediterrâneos as primeiras costas da Europa.

E a sombra de Montjuich com luzes marcou a noite em que Madame de Sevri teve rasgões no jardim de batiste.

Levei nossa despedida para uma ceia de calamares por pequenas ruas com grandes casas estreitas e tortas dando dorso à rambla rindo de casquette e xales.

36. HOTEL DE RUSSIE

Enfarruscamento viário para primeiro grupo e outros de casas gris que o trem desprezava com arvoredos e letras reclamativas sentinelandos a linha.

Pontas alcançadas, a gare subterrânea d'Orsay presenteou-me Dalbert sêco como um chicote de polainas.

A pachorra das ruas molhadas beirou num táxi beiras sem fôlhas do Sena té populosas construções.

E tardes seguiram arcos da Rue de Rivoli com Joanas Darc em áureos potros impávidos para a espada longe da Tôrre Eiffel na panóplia de goles.

37. A MADÔ DO COMEÇO

Era filha puberdade do dono do restaurante de olhos azuis.

As pátrias longínquas cresciam no inverno da sala como legumes tardios. E o escuro da escada subia quedas ao sétimo andar.

Sonhamos um livro de viagens.

38. PARALELAMENTE

Dalbert sabia pedir goudron-citron nos bars com aventuras midinettes. Passara leito para casa diversa e fugas de expansões pianais e cachimbos sòzinhos. Carlos gomava cinco atos sucos d'*O rapto das Sabinas*.

E tinha rendez-vous com Sarah Bernhardt nas horas be-móis do Luxemburgo.

39. CERVEJA

Empalada na límpida manhã a Alemanha era uma litografia gutural quando os corações meu e de Madô desceram malas em München.

Paredes enormes davam comida a portais góticos. Um príncipe de Baviera chegou para as calçadas perfiladas e gordas hurrarem a carruagem que entrou no povo por mitrados cavalos sólidos.

E um bardo garganteou entre bocks na fumaça sonora de valquírias.

40. COSTELETA MILANESA

Mas na limpidez da manhã mendiga cornamusas vieram sob janelas de grandes sobrados.

Milão estendia os Alpes imóveis no orvalho.

41. VATICANO

Raffaello Sanzio d'Urbino

Ventania

Muitos lençóis

E rabanadas esportivas de profetas

Bento que Bento

Frades no Pincio

Na boca do forno

Fornarina

— Faremos todos com muito desgosto o que seu mestre mandar.

— Cada qual pinte assim que nem Raffaello.

E a ventania pegou nos Berninis empetecados para o assombro educado das manadas Cook.

— It is very beautiful!

Mas São Francisco não acreditaria nas transfigurações bem desenhadas.

42. SORRENTO

Velhas velas cigarras
Brumais no mar vesuviano
Com jardins lagartixos e douradas mulheres
Entre muros de uvas aléias
De fartos pomares
Insetos piedigrottas
Roendo caixas de fósforo
Trigonometrias brancas
No crepe azul de água napolitana

Longe cidade sesta quieta
Entre écharpes tiradas de costas
Ponteando cinzas índigos de montes

Um inglês velho dormia de bôca aberta como uma bôca enegrecida de túnel sob óculos civilizados.

O Vesúvio esperava ordens eruptivas de Thomas Cook & Son.

E uma mulher de amarelo informava a um esportivo em camisa que o casamento é um contrato indissolúvel.

43. VENEZA

Descuidosas coisas novas pingaram dias felizes na cidade diferente dos doges.

Descidos da janela do hotel o estrangulamento de palácios minava sob relógio de vidro negro com horas áureas na direção da praça bizantina.

O campanile cercado de pombas era um fuso brônzeo bá-om!

Pequenas ruas ostentavam durante o dia um comércio completo de cidade visitada com serenatas noturnas.

Cristais jóias couros lavrados marfins caíam com xales italianos de côres vivas nos canais de água suja.

Gondolamos graciosamente na Ponte de Rialto e suspiramos na outra.

Mas São Marcos era uma luz elétrica noturna de banho turco num disparate de mundiais elegâncias aviadoras rodeando concertos servidos com sorvetes.

44. MONT-CENIS

O alpinista
de alpenstock
desceu
nos Alpes

45. AIX

Albornoz e cafetãs de pele cúprica turcavam no expresso internacional guardanapando suores velhos.

O lago gilete monoculava para o sol entre litografias convexas.

Montanhas espetavam têtas para a sêde azul do céu.

Casas punham pierrots na estrada quando de repente a gare chata dos banhos manifestou catálogos coloridos de Riviera no cimento de campainhas.

46. ANGLOMANIA

Tomamos board-house francesa em Albany Street não longe do Hyde Park.

Durante o dia almoçávamos a cidade visitando entre jardins múmias do British Museum.

Chegava a noite pontual e policemen corriam pesados estores do céu para alexandrinais poetas compatriotas percorrem de tube o famoso astro da metrópole côr-de-cinza.

Fechávamos-lhe a porta à cara branca e alugávamos com Musset e Murger aconchego de rendas em cortinas insones.

47. SOHO SQUARE

Picadilly fazia fluxo e refluxo de chapéus altos e corredores levando ingleses duros para música e talheres de portas móveis e portas imóveis.

Elevadores klaxons cabs tubes caíam de avião na plataforma preta de Trafalgar.

Mas nosso quarteirão agora grupava nas calçadas casquetes heterogêneas penetrando sem nariz no whisky dos bars.

Bicicletas levantavam coxas velhas de girls para napolitanos vindos da Austrália. E Isadora Duncan helenizava operetas no Hipódromo.

48. CHUVA DE PEDRA

Estiadas amáveis iluminavam instantes de céus sôbre ruas molhadas de pipilos nos arbustos dos squares. Mas a abóbada de garoa desabava os quarteirões.

E um dia o dinheiro chegou demais dentro dum telegrama com resposta paga de minha rápida volta.

49. PAS-DE-CALAIS

Pequeno vapor que nos empurrou de Dover sôbre rodas contínuas no meio da noite.

O tombadilho encapotava-se de sombras mas como perdêssemos as luzes inglêsas achamos as luzes de França no mar.

50. ADEUS E JAZZ BAND

A voz das filhas pródigas gritou para novos personagens que era Madô na Butte.

Um cão ladrou à porta barbuda em mangas de camisa e uma lanterna bicor mostrou os iluminados na entrada da parede.

O cachorro deitado tinha duas caras com uma de esfinge e cabelos bebês.

Mas a calçada rodante de Pigalle levou-me sozinho por tapetes de luzes e de vozes ao mata-bicho decotado de um dancing com grogs cetinadas pernas na mistura de corpos e de globos e de gaitas com tambores.

51. 14 DE JULHO

E na extensão armada barracas boulevardaram com brincos populares na festa dos quatro cantos semanais da cidade celebrante e noturna da feira de música mecânica. Matemáticos garupas midinettes de pernas ao léu sobre peixes circulares num oceano aéreo de gaitas.

Bárbaros engenhos roucos punham e repunham filhas de atelier em derrapagens tour de France com mantegueiras chocalhando famílias.

Rodas verticalavam algazarras de chapéus.

Gritos desnataados, mergulhos no mar do céu, índios adiante. Paradas casavam Picasso, Satie e João Cocteau. Ciclistas decolavam como bonecos eternos.

Noite e sentido imediato de Quermesse com orquestras e pares páreos.

52. INDIFERENÇA

Montmartre

E os moinhos do frio

As escadas atiram almas ao jazz de pernas nuas

Meus olhos vão buscando lembranças
Como gravatas achadas

Nostalgias brasileiras
São môscas na sopa de meus itinerários
São Paulo de bondes amarelos
E romantismos sob árvores noctâmbulas

Os portos de meu país são bananas negras
Sob palmeiras
Os poetas de meu país são negros
Sob bananeiras
As bananeiras de meu país
São palmas calmas
Braços de abraços desterrados que assobiam
E saias engomadas
O ring das riquezas

Brutalidade jardim
Aclimação

Rue de La Paix
Meus olhos vão buscando gravatas
Como lembranças achadas.

53. CALMARIA DESCRITA POR HOMERO

Depois Almeria acordou a passagem do mar nas colunas
que estreitam a estreita entrada das terras mediterrâneas.

Na África Ceuta sepulcrava ao luar.

E do outro lado a pedra anglo-rochosa fincava a garra
na Espanha.

54. LADEIRA DO MUNDO

Em Las Palmas ficaram entre barbas alpestres e kodaks môças projetos ascensionais.

Nuvens encastelaram-se sôbre aventureiros que demandavam São Paulo.

Dacar negrejou na pura perda de uns olhos verdes que eram meu diário de bordo.

Padres polacos cantaram para as ondas ferrêtes enquanto partidas de xadrez explicavam a eternidade.

E a terra natal espiou por um farol na noite enfarada.

55. FIO DE LUZES

O vento batia a madrugada como um marido. Mas ela perscrutava o escuro teimoso.

Uma longe claridade borrou a esquerda na evidência lenta de uma linha longa.

56. ÓRFÃO

O céu jogava tinas de água sôbre o noturno que me devolia a São Paulo.

O comboio breiou lento para as ruas molhadas, furou a gare suntuosa e me jogou nos óculos menineiros de um grupo negro.

Sentaram-me num automóvel de pêsames.

Longo soluço empurrou o corredor conhecido contra o peito magro de tia Gabriela no ritmo de luto que vestia a casa.

57. HINTERLAND

A Estação da Luz estacou na quinta manhã com embarques esportivos para disputas foot-bolares de côres vivas nos estádios rurais.

Matutos matutinos pullmavam civilizações.

E meus olhos morenos procuraram almoçar os olhos de prima Célia. A laparotomia da adolescência cortara-lhe rentes bochechas com próteses minúsculas de seios e maneiras de caça prêsa com cachos.

O mato despencava hangars viários e aleguais na linha.

58. NOVA-LOMBARDIA

Molhei sêcas pestanas para o rincão corcunda que vira nascer meu pai.

A ponta vermelha da gare de Aradópoli era numa fita de coqueiros.

Fordes quilometraram açafões de ocaso.

E a noite pichada empinou terreiros brasílicos por entre cafêzais e papagaios de estrêlas.

59. FAR-WEST

Chapelões e revolvers de último modelo saíam mecânicamente das telas bulhentas e passeavam calmos nas ruas irrigadas do pó vermelho.

Tabeliães transmissões de papel tostado e sêlo do império com grilos milionários a saibam quantos.

Pontas contadas em porteiras frigorificavam a alta por neo-companhias transatlânticas.

Pernas decepavam botas baitas.

Caboclos bailes retretas filas pokers com assassinatos de calça cáqui para records de pontaria humana na estrada.

E o sertão para lá eldoradava sempre e liberdades.

60. NAMÔRO

Vinham motivos como gafanhotos para eu e Célia comermos amoras em moitas de bôcas.

Requeijões fartavam mesas de sequilhos.

Destinos calmos como vacas quietavam nos campos de sol parado. A vida ia lenta como poentes e queimadas.

Um matinal arranjo desenvolvido de ligas morenava coxas e cachos.

61. CASA DA PATARROXA

A noite
O sapo o cachorro o galo e o grilo
Triste tris-tris-tris-te
Uberaba aba-aba
Ataque e o relógio taque-taque
Saías gordas e cigarros

62. COMPROMETIMENTO

O Forde levou-nos para igreja e notário entre matos derubados e a vasta promessa das primeiras culturas.

Jogaram-nos flôres como bênçãos e sinos tilintintaram.

A lua substituiu o sol na guarita do mundo mas o dia continuou tendo havido entre nós apenas uma separação precavida de bens.

63. IDIOTISMOS

Um crayon de um arquiteto de Paris que tínhamos visto antes do casamento dera-nos a inveja desesperada de uma calma existência a dois, com pijama e abat-jours, sob a guarda dos antigos deuses do home.

Iríamos em tournée à Europa. E pela tarde lilás do Bois, ela guiaria a nossa Packard 120 H. P. Sairíamos nas férias pelos caminhos sem mata-burros nem mamangavas nem taturanas e faríamos caridade e ouviríamos a missa dos bons curas nas ca-

tedrais da Média Idade. E prosseguiríamos por hotéis e hotéis, olhos nos olhos, etc.

Na rentrée, falar-nos-ia à noite a voz telepática da radiola do foyer. Ou penetraríamos nos dancings a fim de fox-trotar com sanfona e champagne.

64. MELOSOS LUNÁTICOS

Noitava o terraço de vista vasta para carregadores dos cafêzais em esquadrão e pastos cercados com estrêlas. Porteiras batiam pás! longínquos por todo o Brasil. E havia desconjuntamentos de trollys nacionais chegando de crminhos vermelhos por mato perfumado.

Lágrimas anacrônicas de minha sogra evocavam o marido ou o Pantico agora tardiamente transferido a europeus internatos comerciuturos.

Eu e Célia fugíamos corpos voluptuosos com catadupa retida de sentimento para a sala de jantar fazendeira. Mas Cotita e Nair nos vinham dizer banalidades.

Barricadávamo-nos então no quarto paiol intransponível da pólvora de nossos corações.

E preferimos até ficar sós na casa de São Paulo reaberto deixando tia Gabriela e cunhadas inúteis transatlanticarem atrás do Pantico.

65. O FORA

Acompanharam-nos até a gare sinfônica da Luz pressurosos abraços e repetidas boas viagens da gente bas-bleu do Brinho com mais o soturno médico de Pindobaville Dr. Pepe

Esborracha e primos longínquos do Instituto Histórico entre os Pilatos da Glória.

Em Santos zarpamos o Almanzorra da Royal Mail onde deixaríamos em primeira escala prosseguir rota por cabina de luxo fazendeiral a troupe doméstica amputada de mim e Célia esperançosos no Rio de novas luas melarem para sempre nossos destinos entrelaçados como cipós.

66. BOTAFOGO ETC.

Beiramarávamos em auto pelo espelho de aluguel arborizado das avenidas marinhas sem sol.

Losangos tênues de ouro bandeiranacionalizavam o verde dos montes interiores.

No outro lado azul da baía a Serra dos Órgãos serrava.

Barcos. E o passado voltava na brisa de baforadas gostosas. Rolah ia vinha derrapava entrava em túneis.

Copacabana era um veludo arrepiado na luminosa noite varada pelas frestas da cidade.

67. INSTITUTO DE DAMASCO

Célia achava que eu devia ter uma vocação nobilitante. Eu não tinha nenhuma. Pensava vagamente em entrar para um club de box depois de ter sido minha compleição elogiada por um entraineur da Rua do Catete.

Célia não se sensibilizava ante meus racontares de possibilidades hercúleas entre pesos trampolins argolas. Retorquia mesmo que não achava isso digno de um fazendeiro. Eu era apenas um fazendeiro matrimonial.

A barbicha investigadora do Dr. Pilatos veio trazer-nos a visita esquecida de São Paulo com ohs e ahs e caspa no fraque de gola. E propôs que deixássemos o Rio aborrecido e paisajal.

Célia fartou-se com anúncios de emprêsas a cabo levadas pelos seus colegas de team perspicaz no Instituto Histórico e Geográfico.

— Pena que seu marido, tão talentoso e jovem, não seja dos nossos, oh! ah!

68. RESSURREIÇÃO DO PANTICO

“Querido primo

Há tempo que não te vejo e tu nem me escreves!

Aqui êste ano não entrou muitos bichos comigo. Só dão caxuleta nos pequenos. Mamãe e as manas chegou boas. Vou na corrida de cavalos. Aqui neste colégio não tenho nenhum amigos, é só crilas. Já sei escrever a língua francesa como a portugûesa e a inglêsa. Os Estados Unidos é cotuba. All right. Knock Out! I and my sisters speak french. Moi et ma soer nos savons paletre bien le Français. Eu e minha erman sabemos falal o francês.

Escreva depressa

Teu amigo que te estima.”

69. ETNOLOGIA

Eu pendia mais para bilhares centrais que para pesquisas científicas. Era dono de casa com safras longínquas livros quadros criados e a senhora grávida.

Mas aquela noite fui introduzido no enceramento abobadal e branco do Instituto de cadeiras ouvindo mesa oblonga onde meridianos comemoravam fastos fictícios.

Eloqüentes citações diziam sábios lábios trêmulos de mão em nervos.

— Mil outros trechos de mil outros escritores convencer-vos-ão, senhores, que o mundo de hoje anda não só pior que o mundo debochado de Péricles e Aspásia, mas pior que o mundo ignaro do Medioevo trevoso, e pior até que o mundo das utopias científicas e revolucionárias da Revolução Francesa! Nessas intermitências de progresso e regresso, círculos de princípios que formam a base de novas babéis, novas confusões de línguas e novos rebanhos voltando a velhos apriscos, só uma lição nos assoberba, a lição severa da História!

70. RODINHA

Além do orador ilustre escritor Machado Penumbra que foi muitíssimo cumprimentado, conheci nessa noite o fino poeta Sr. Fileas de muita cultura e convidei-os para casa porque tinham talento.

Nas noites iguais em que Célia expressionava a *Prière d'une vierge* e o fox-trot *Salomé* ao piano e servia bananinhas com café com leite, vinha também lento mazorro silencioso como se cavasse uma mina futuro adentro o Dr. Pepe Esborracha.

71. FAUSTA

“Meus amados filhos
Afetuosas saudações

Agradeço a confirmação da boa notícia sobre a alta. Seu Toniquinho do Trancoso Carvalho já tinha escrito de Santos.

Os restaurantes de Paris não prestam e têm galinha com pena. Fomos ouvir o célebre tenor Bonsi na ópera do Fausto. Que beleza!

O Sr. Chelinini que disse que conhece meu genro do colégio tem nos visitado no hotel. Aqui a vida não está barata e o câmbio está horrível!

A Nair e a Cotita estão estudando piano na aula do Seu Philippe não sei de quê, que é uma celebridade. Já tocam até os clássicos! Brevemente serão apresentadas ao público.

Vamos tirar o retrato num retratista chamado Retelanger que nome esquisito! Foi o Sr. José Chelinini quem nos apresentou.

Passamos uma semana em Fontanablêao. É um segundo Brasil em beleza de natureza. O Sr. José Chelinini tirou-nos instantâneos com o sol baixando atrás de nós. Tem uma estrada muito boa para passeios tôdas as tardes.

N. B. Vi a Vênus de Milo. Tirei o Pantico do colégio porque um padre deu um tapa nêle."

72. SOSSEGADAS CARAMBOLAS

O Dr. Pilatos com ohs e ahs emitira a Célia entre duas bananinhas uma opinião a meu respeito.

— Seu marido, minha senhora, parece Telêmaco segundo o Fénelon na tradução portuguesa em quem era de admirar tanta facúndia em tão verdes anos.

Como lisonjeada matrimonialmente ela insistisse por outra bananinha o sábio da Grécia entre um oh e um ah eruditou ser todo homem depois dos quarenta anos responsável pela sua fisiologia.

As Britinhas vizinhas fazendinhas traziam-nos sátiras à sociedade de sátiros de nossos dias.

Fíleas era um cosmético de sonetos.

E estando o tipo 7 a 22 fechamos com o Pancas gordo da Rua da Quitanda a compra de desejada William Six 40 H.P. com motor negro e chauffeur de aviação.

73. GARAGE E ESCRITÓRIO

A casa de Higienópolis sossegava preguiças tropicais por entre a basta erva do jardim aquintalado até outra rua com árvores e sol lembrando a longe Fontainebleau de minha sogra.

Célia era um circo.

Os amigos respeitabundos transferiam-se para o escritório de caricaturas paredais e poker na bolsenta Rua Quinze em sacada de cimento armado avistadora de Brases fabricantes.

As cotações de Santos chegavam pela campainha regular do fone assegurando a gasolina que por desfastio de cinco horas até o jantar eu asfaltava em primeira segunda terceira marcha-ré no aprendizado ajardinado de bungalows Rua Augusta abaixo.

O Dr. Pepe Esborracha e o sábio Pilatos vinham fiéis e gulosos como estorvos para o jantar dos dias santificados de convite de Célia imprudentíssima.

Pelos sábados eu e o poeta Fíleas britanizávamos a semana em surtidas por caminhos pores de sol para lá de Santana.

Os domingos eram grávidos de sono.

74. SAL O MAY

Os cabarés de São Paulo são longínquos
Como virtudes

Automóveis

E o pisca-pisca inteligente das estradas

Um soldado só para policiar minha pátria inteira

E o gru-gru dos grilos grelam gaitas

E os sapos sapeiam sapas sopas

No alfabeto escuro dos brejos

Vogais

Lampiões lamparinas

E tu surges através de um fox-trot errado e da lenda

Delenda linda Salomé

Ó dançarina cafaíste

Cheia de mósas ignorantes e de boas intenções

A javá é uma polca porca com poeira azul

Mas o roxo arroxa a procissão de cortinas côr-de-rosa

— Eu não ligo

— Eu quero saber que negócio é êsse de esperar com o revólver na estrada

— Aquêlc capanga prêto mandou o braço e a mulher levou um pontapé

— Na barriga

O saxofone obstina uma dor de dentes delirantes

Que o maxixe espasma

Entre tiros e gorjetas

Mas o escapamento aberto escapa

Na noite penitenciária

— Senhor dai-nos o pão-de-ló iluminado da redenção

O Tietê rola rumas de tijolos

Côr-de-água côr-de-rosa

75. NATAL

Minha sogra ficou avó.

76. CARTA ADMINISTRADORA

"Ilmo. Sr. Dr.

Cordeais saudações

Junto com esta um jacá de 15 frango que é para a criança se não morrê.

Confirmo a minha de 11 próximo passado que aqui vai tudo em ordem e a lavoura vai bem já estou dando a segunda carpa.

Fiz contrato com os colonos espanhol que saiu da Fazenda Canadá assim mesmo perciso de algumas famílias a porca pintada deu cria sendo por tudo 9 leitão e o Migué Turco pediu demissão arrecolhi na ceva mais três capadete que já estão no ponto a turbina não está funcionando bem esta semana amanhã o Salim vem concertal.

O descascador ficou muito bom por aqui vão todos bom da mesma forma com a graça de Deus que com D. Célia fique restabelecido da convalescença é o que eu lhe desejo".

77. MESES FAZENDEIROS

Cêliazinha no colo da Maria portuguesa abria primeiros olhos para a vaca da escada matinal e depois passo a passo para o pomar dos trópicos inchados.

Célia monotocava shimmys e Mozart no piano bandolim da sala de jantar entre as paisagens iguais das janelas.

E os dias ronronavam a máquina surda de café com o sustenido nostálgico da serraria araponga.

Colônia bodes botados hóspedes rústicos na manhã.

Meios porcos invadindo telhas vãs de cozinha com jabuticabas e gatos esfomeados.

Siás donas e lentidões de negros.

Italianos de pé no chon e santuários empetecados e milagrosos.

E homens e mulheres a pé e a cavalo nas estradas enfiadas pelo sol lavrador.

78. A SABIDA

“Querida Célia

Estou com muitas saudades de vocês e da pátria.

Aqui foi um frege outro dia por causa do ‘tal’ Sr. José Chelinini. A sapeca da Cotita, depois que nós tiramos cada uma uma fotografia com a mão apoiada numa coluna e a perna cruzada, mandou uma fotografia ao ‘tal’ Sr. José Chelinini, escrevendo por detrás: Se não fôr sua, serei de Deus!

Mamãe fêz muito bem em pregar uns cocres nela porque o Sr. José Chelinini mostrou-lhe a fotografia com a dedicatória. Tudo isso é por causa do cinema. Ela usa a boca da Mae Murray e o cabelinho da Bebê Daniels.

Eu é que não me divirto nada nem vou a bailes nem nada. Isto aqui está pau pra burro principalmente depois que o Pantico chegou. Os Estados Unidos e depois o colégio interno aqui deixou êle um bêsta quadrado. É um puaia! Vive ranzinando.

Mamãe agora pediu ao ‘tal’ Sr. José Chelinini para comprar um automóvel para ela.

Ela já sabe falar *quelque chose, eau chaude e beaucoup d'argent*.

Com o coração naufragado num lago Lemano de saudades um abraço muito apertado da irmã que muito lhe estima Nair”

79. TERREMOTO

O Pantico estava na Bélgica em pleno perigo de ser fuzilado ou morrer de fome.

Mas depois de copos espumantes de leite eu acreditava de geografia aberta sobre a mesa que a situação dos alemães não era brilhante. Em vinte dias eles apenas tinham entrado em Bruxelas e tomado Liège, a cidade, conservando-se nas mãos dos heróis belgas a linha de fortes quase completa. E na fronteira intata da França deviam reunir-se com certeza nessa hora dois milhões de soldados.

Molestados pelo flanco em Antuérpia, sem poder esquecer o exército francês vitorioso na Alsácia e Lorena e a avalanche russa que ameaçava Thorn e Dantzig, era de prever-se o esmagamento desses bárbaros em algumas semanas. E se a Itália entrasse contra a Áustria nos primeiros dias de Setembro, como era certo, a guerra podia terminar por nocaute científico nesse mesmo mês.

80. RESULTADO DE PROFECIAS

Se não fôsse uma hispano-suíça tipo esporte e dentro o ‘tal’ Sr. José Chelinini, minha sogra tinha corrido o risco de ser desrespeitada pelos dragões do Kaiser.

As notícias da guerra mutiladas como soldados em fuga chegavam dando a França como invadida e Paris ameaçada.

81. NOITE INSTITUTAL

“Esta guerra com o incêndio de Louvain e os que se lhe hão de acompanhar como clarões votivos e com a derrocada dos falsos valôres — democracia, semitismo, antimilitarismo — veio reivindicar afinal a grandeza trágica da terra!

L'univers c'est une immense poésie, la poésie de Dieu, disse o grande Lamennais!” Discursos Sul-Americanos. Machado Penumbra.

82. TÁTICA

Os jornais noticiaram de repente que acossada pela conflagração achava-se em Pernambuco a bordo do Darro a jovem estrêla cinematográfica Mlle. Rolah.

Até ontem a ala esquerda dos aliados fazia recuarem quase que desordenadamente as tropas invasoras numa distância de 70 quilômetros enquanto Joffre Rolah e a ala direita formavam ângulo em Verdun com as tropas de leste cobrindo-as assim contra um envolvimento do Darro.

83. OUTRO TAPA

O Pantico tomado por espião foi espinafado num café de Bruxelas.

84. A BALANÇA

Mas o Dr. Pilatos confiara-me secretamente na travessinha alcoviteira dos corretores que estávamos à beira de um abismo econômico nacional.

— E desta vez é a bancarrota, meu amigo!

Mas o esganiçado Mendes Mindela sócio águia de Trancoso Carvalho retrucara-me adiante que qual o quê — São Paulo era como um gato, caía de um quinto andar e saía miando.

Mas minha radiográfica sogra exigia repentinos mandadós redobrados de dinheiro e chorava a sorte incerta do Pantico, envolvido como uma tainha nas malhas da segurança alemã invasora: “Me disseram que decerto vão segurar êle até os aliados pedirem a paz”.

85. DO REFÉM

“Minha querida irmã Célia

Desejo que está vá lhe encontrar de boa saúde como todos daí.

Aquêlê sujeito chamado Chelinini é um bandido. Eu dizia sempre que êle não prestava e mamãe zangava-se comigo.

Mamãe tinha automóvel eu queria andar e o bandido não deixava. Um dia mamãe me puxou as orelhas por causa dêle. Mamãe não é nada, as intrigueiras da Nair e Cotita é que são as culpadas.

Eu vou logo para o Brasil quando os alemães deixarem. Já fui prêso duas vêzes. Depois eu conto. A Alemanha vai ganhar nesta guerra.

N. B. Creio que matarei o bandido."

86. CAMPOS DE BATALHA

D. Teresinha, velha roliça baixa e sossegada, sorria muito com uma grande boneca ao lado, feia loura de 14 anos que se chamava Bilu. O Dr. Pepe Esborracha quietava esquecido de clientelas e o Dr. Pilatos endireitava o pince-nez arqueólogo.

Fora e longe do terraço noturno dos Bambus ia o recorte negro no horizonte na luz amarela do fim do céu.

E concordávamos todos em ser o Kaiser uma cavalgada.

87. NEUTRALIDADE

Mas oficiais aliados partiam tôdas as manhãs e reservistas à noite pelas gares enervadas.

Em Santos, onde fui renovar o crédito da família com Trancoso Carvalho & Comp., vi no deserto diurno de água parada um navio alemão no cais, um navio inglês consertando-se adiante e para lá de grupos vagabundos das docas, um destroyer nacional formigando de marinhagem pequena.

88. JABUTICABAS

O Dr. Pilatos ficou furo porque o Dr. Mandarin Pedroso, tesoureiro pé-pé do Banco Nordeste de Engole-Marmanjos e presidente do Recreio Pingue-Pongue, dissera em palestra referidora de um genro seu a frase: — êsses incógnitos...

— Chamar de incógnitos! É um rapaz direito, tem o seu cobrezinho.

E continuou para mim com argumentos de paletó puxado durante a pesquisa de pomar:

— Eu já passei com um almôço por semana e cheguei à posição que cheguei. Sou um autodidata! E já fui citado pelo padre Berlangete da Universidade Católica de Beirute. Escrevi a biografia do patriarca Basílio 8 que foi torrado numa igreja por causa de Orígenes. Irei à Ravena estudar de perto o 5º século. As academias orientalistas abrir-me-ão as portas, oh! ah!

89. LITERATURA

Para Aradópolis, junto à fazenda Nova-Lombardia de recordações nupciais, fordei em primeira com o Dr. Pilatos e meu querido Fíleas em excursão histórica e marcada conferência de Machado Penumbra convite do Grêmio Bandeirantes comemorador da malograda morte do conselheiro Zé Alves.

Auditório de fascistas sicilianos com professorado cow-boy no cine de zinco e palmas.

Ao longo da ribalta exigua o orador pôs frases alvíssimas nos bigodes prêtos.

E de lambuja grandiloquou o conferente destinos territoriais de São Paulo na expectativa do trem com colegiada despedidora e vivante.

— A plenitude cafeeira e pastoril de nosso Estado se distende nos assaltos ao hinterland que foge num último galopar de índios e de feras! A cada investida vitoriosa, os novos bandeirantes são a reencarnação estupenda da luta, a magnífica, a eterna ressurreição simbólica da Fôrça!

De chapéu no braço e gestos, Minão da Silva, meu agregado lombardo e jovem orgulho mulatal do grêmio, retrucou tomando a palavra pela ordem.

— Não preocupei as bancadas das escolas, meus senhores e ilustríssimas senhoras e crianças! Mas o conselheiro Zé Alves que o ilustre colega comemoramos, não morreu! Apenas desapareceu de nossa competência! O Grêmio Bandeirantes com 500 membros que mandou saudá-lo. Ele tem doutôres que não quiseram vim. Mas a norma do regulamento dos estatutos me mandou saudar. Desculpe os erros!

E o trem taratinhou saudades.

90. PARTICIPAÇÃO

“O Conde José Chelinini Della Robbia Grecca e D. Gabriela Miguela da Cunha participam a V. Exa. o seu casamento. Nice.”

91. FALA DO MUNDO

Depois do jantar estupefato, a voz manhosa do Dr. Pepe Esborracha se ergueu, planou com loopings. O Panticó fôra

o único culpado, responsável e cúmplice. Esse tal Chelinini, muito conhecido, era um piratão.

No achaparrado do corpo curvo, êle expôs o que meu cunhado e primo devera fazer se solerte.

— Era acobertar a mãe pois sabemos quanto a mulher é frágil! Êle devia chegar e dizer: estou aqui, minha progenitora adorada, sou eu! E com o revólver na outra mão afastar o miserável!

Mas Célia na rêde frim-from não queria rompermos porque mãe era mãe na geral aprovação perdoadora dos hóspedes.

92. ESTELÁRIO

Coração esperançava esperançoso
Comêço claro da noite cidadina
Retalhos grandes de nuvens
E duas estrêlas vivas
Trem rolava com minha estrêla
Bordando a vida fabricadora
Do Brás à Luz
Rolah estrelava o Hotel Suíço

93. FILEAS E PÍLADES

Ele era o íntimo e falava-me da imortalidade da poesia e da mortalidade dos poetas inclusive êle mesmo. Tinha perdido no bicho e andava adocentado com abusões e terrôres mas escutava-me de orelha compassiva achando que todos os homens e tôdas as mulheres tivessem aquêlo corpo branco de Rolah seria a Grécia.

Ora um gesto mais, um olhar quem sabe, fizera reatar-se o fio partido, confidenciava eu.

— Como foi?

— Disse-lhe que a amava, no salão do hotel. E ela retirou-se de perto de mim, foi ao piano tocar o Momento Musical de Schubert. Depois, como voltasse, insisti. Ela conservou-se calada e linda, um braço esquecido sobre a mesa, olhando o grosso tapête central da sala.

94. SEASON

Rosas vermelhas buscaram Madama Rocambola na gare cautelosa do Brás. Tapetei bungalow longínquo e pianal para as duas emboscadas em Perdizes.

95. PROMESSA PELADA

Agora tôdas as manhãs, eu surgia esperá-la na sala de visitas.

Ela demorava-se mas descia rápida e atirava-se contra minha bôca sensual e medrosa.

Falávamos alto para disfarçar. Ela corria os dedos pelo teclado fazendo ressoar uma escala vadia pela casa.

Uma vez olhou-me muito, deixou o tamborete e num gesto esbelto, descobriu-se tôda levando até os ombros o ligeiro roupão em que se envolvia.

E branca e nua dos pequenos seios em relêvo às coxas cerradas sobre a floração fulva do sexo, permaneceu numa postura inocente de oferenda.

96. BAR

Dez horas da noite, o relógio farto batia dão! dão! dão! dão! dão! dão! dão! dão! dão!

Cangalhas com sono arrastavam-se para nós finalizando o serão de amor que Rolah por lições inglesas e futuras vogas em Los Angeles me ofertava depois do jantar.

Eu batia o portão caminhando direto à cidade borrada, no chupa-chupa de um beijo que ela me deixara no fundo da bôca ou medindo a compasso a tortura de mais uma revelação da sua estranha natureza feminina.

Encontrava infalháveis a uma mesa promíscua do Pinoni num açúcar de óperas Machado Penumbra e o Dr. Pilatos. E maledizíamos com musical wishky e soda.

97. NOVA ESFINGE

O Dr. Pilatos que tãxizara comigo uma noite até o perdido bungalow, dissera em roda do Instituto, perante o príncipe holandês Edward von Rolmopps, que para se expressar o que a humanidade tem de mais fatal, falava-se: Cleópatra, Catarina de Médicis, Impéria e a jovem estrêla cinematográfica Mlle. Rolah.

98. HISTÓRIA DE FILM HISTÓRICO

Porque a Empresa Cinematográfica Cubatense propusera-lhe cenário contratual, transferi mãe e filha para Santos.

Trabalhavam em pavilhão de papelão no estirão de areia suja e sulcada, onde carroças interpenetravam horizontes marinhos com vigilantes corridas mecânicas de minha William Six.

Ante o grande mar cabeludo como Herodes, ela compunha e dançava.

99. LABORATÓRIO

Secadores cilindravam primeiras provas em desenvoltas fitas quilométrais.

Escuros salões conduziam por mata-burros unidos e sorrateiros faróis reveladores.

Tanques fixavam secretas maravilhas de luz para matinées e soirées de écrans.

100. RABO-LEVAS

"Joãozinho

Depois que tu partistes a Cêliazinha estava um pouco abatida, caiu doente com resfriado. Há seis dias que o Dr. Pepe Esborracha vem vê-la todos os dias no Ford de Pindobaville. Felizmente já sarou porque os remédios foram muito acertados. Ele é muito bom médico.

Por conselho do Dr. Pepe Esborracha, mandei aviar as receitas na cidade por confiar mais na farmácia do Furquim boticário.

Por aqui, nos Bambus, sempre o mesmo.

· Não se esqueça de me trazer novos romances. Já acabei de ler o Primo Basílio que muito me fez chorar. O Dr. Pepe Esborracha emprestou-me *Les civilisés* e prometeu trazer outros livros quando êle vier. Veja se achas na livraria Garraux a *Arte de Bem Escrever* do Padre Albalat e *La garçonne* que dizem que é muito bonito e são as últimas novidades de Paris.

Não se esqueça de tôdas as minhas outras encomendas e traga também um par de sapatos de lona branca para Célia-zinha. Vai a medida do pé. Temos tido muito calor nestes dias. Por que é que não me escreves? Veja se vem logo. Abraça-te e beija-te.

tua Célia

101. O GRANDE INDUSTRIAL

Célia era rica, eu pobre. Agora, com o duzentos por cento que seguramente renderiam os films em que me pus sócio, eu ficaria mais rico que Célia.

Entrava comigo no desenvolvimento da Grande Emprêsa, além de taciturno sírio inventor da idéia, o luzente bandoriental Banguirre y Menudo, aparecido do solo miraculoso com planos de açambarcamento e luta no mercado brasileiro, com tôdas as pictures do continente.

— Vamos a nos quedar unos millonarios, hombre, con la Cubatense!

102. CÚMPLICE DE ASCENSÃO

E foi o pai plácido, gordo e charutal das Britinhas faladeiras, quem me deu amigo braço no passo que levaria a todos

ao Corcovado do dinheiro pela funicular da atividade americano-paulista.

Eu notara-o num abulismo amável, silencioso festeiro das coisas pequenas dos dias.

Sua influência de comissário retirado em lucros e fazendas junto a Carvalho Trancoso far-nos-ia sacar a gôsto para o engrandecimento da companhia e do projeto.

Batido à máquina, assinamos depois de lido pela profecia de Banguirre y Menudo, o contrato transmutador da Empresa Cubatense na Piaçagüera Lightning and Famous Company Pictures of São Paulo and Around.

Fora, no escuro fôfo de minha William Six, esperava no volante o braço branco de Rolah.

103. FINANÇAS MATRIMONIAIS

— Não sei por que mamãe manda pedir tanto dinheiro depois de casada. Parece até que o tal conde seu amigo é mesmo um pronto.

— Isso é certo, mas o café está começando a subir depois das providências do govêrno.

— Você vive dizendo isso, você é muito otimista, acredita em tudo.

— Leia os jornais...

— Só os bobos é que acreditam nos jornais.

— Mas eu sei o que faço, meu bem; estou quase sempre em Santos acompanhando as operações da praça, no escritório do Trancoso...

— É sempre assim. E a fortuna de papai vai por água abaixo.

— Você me insulta, Célia. Mas hei de mostrar que sei ganhar dinheiro como seu pai.

— Arre! Não precisa êsses modos!

— Não modos. Eu devo me justificar, ora essa! Você decerto pensa que eu estou acabando com a sua fortuna. Fi-

que sabendo, se não sabe, que duas fazendas estavam hipotecadas antes do nosso casamento. E sua mãe é que já sacou centenas de contos de réis nessa viagem de núpcias. Eu tenho hábitos modestos, graças a Deus!

— Eu não estou te acusando. Só acho que é uma asneira êsse negócio de cinema, em que você se meteu sem me falar.

— Asneira! E o Seu Britinho que é um dos diretores?

— Ele é ainda uma garantia.

— O asno sou eu, muito obrigado!

— Eu não disse isso, Joãozinho! Só acho que devemos ser cautelosos.

— Mande dizer isso à sua mãe.

— Você ficou zangado, Joãozinho?

— Zangado não, mas dá raiva.

— Então dê um beijo.

104. CARTÃO POSTAL

“De passeio em Pôrto-Fino na Itália, de barca a gasolina, saúdo-vos. Nair.”

105. CORRETORÓPOLIS

O Tatu Vespinho de cangalhas e modos ríspidos, não se sabia como, tinha quinhentos contos de neo-propriedades. O Nhaco barrigudo e vermelho do São Paulo Club vivia colocando dinheiro dos meninos bobalhões agrandados em farras bêbedas e escândalos chinfrins por terraços de Trianon Municipal e bordéis. Ambos e mais outros de ar agourento e pausado exi-

giam 5% sòmente ao mês mais a comissão de 3 para letras garantidas.

Milionários risonhos e modestos atravessavam sob carícias de olhares as ruas bolsentas emitindo cheques visados contra inquebráveis bancos.

Emprêsas inquietas de nervosos gerentes levavam tábuas de reformas por impassíveis cães de fila que não viam a comercialidade necessária das propostas.

Novéis arrivantes metralhavam maratonas máquinas de escrever em pequenas salas promissoras de vastos armazéns.

E no boulevard cinza face à Hípica, onde bancas meninas previam o poker noturno e grosso dos condes e dos águias no Automóvel, as baratas e os torpedos esperavam vôo transporte dos viadutos centrais, debraiar as subidas da cidade para os bairros ajardinados e discretos.

106. VELHOS PAULISTAS

Apagavam-se como se uma vergonha dos antigos fios de barba os amarrasse no confronto sírio-italico com a ricada vitoriosa e gritante sem pais nem leis. Botinas de elástico.

Compensadores piratas gordos prometiam-lhes genealogias fascículas com avoengos retratos.

107. TREM DOS COMISSÁRIOS

Eu zarpava sete e meio de Higienópolis reinaugurada por torce e fila no joguinho que o Britinho instalara manhãs e tardes na fumarada numerada do vagão santista.

Quebras rabichos capivaras foras milhões de sacas com perdizes amarradas e decidia-se entre fumaças que a situação da bolsa cafeeira dependia da ofensiva primavera no Somme.

108. JOGO DO BICHO

Municipal
Bar Teatro e Câmara
E o revezar dos pares e dos solos
Salas de espera de cinema
Com valsas e palpites
E delírios metálicos nos bairros

Para noturnos bifes
Éteres
Bolinhas
Caças e delírios metálicos
E bruma e amôres

Na centena do cafard

109. A FARRA

"Meus queridos irmãos.

Estivemos agora em Veneza, onde é muito bonito e célebre.

Mamãe ficou muito assustada com medo de nós cairmos nas ruas que são de água e nós ficamos aflitas, pensando que nem podíamos sair do hotel e só olhar da janela que dava para

uns fundos mambembes. Foi a criada do hotel que nos ensinou que tem ruas por detrás.

Passeamos muito nas barcas chamadas gôndolas e vimos homens andando sem chapéu até de casaca. A Cotita achou que era um escândalo, mamãe também. Meu padraсто disse que ia andar em São Paulo para pegar a moda.

Cotita vive dando escorregão no encerado. Outro dia estendeu no quarto. Ela agora aprendeu um fox-trot ranzinza chamado *We Have no Bananas*. Fisicamente ela vai muito bem, mas moralmente, faça-me o favor! O meu fim vai ser entrar para um convento!

Nós não vamos embora para o Brasil porque mamãe tem medo dos sobremarinos.

P. S. Vimos a Ponte dos Suspiros onde morreu Romeu e Julieta e tiramos um retrato pegando nas pombas. Nair”.

100. FITA EM SÉRIES

Santos era inexpugnável com Rolah e o sírio dos filmes que tomara por secadora de chapas uma italiana trintanária e trunfuda que por alçapões cobiçava a audácia miúda de Banguirre y Menudo.

Eu estacionava praiano com minha estrêla passiva.

Porque a William Six ante cuidados econômicos de Célia inutilizasse a garagem longínqua, um auto alugado corria a cabeleira curta para trás pela avenida longa de grama selvática e palmas, do centro acachapado às areias inspiradoras de cenas fílmicas.

Descalçávamos a vida para velados dias marinhos de promessas e beijos. E diante do grande mar emergido dum rochedo e da ilha desgrenhada dos urubus, éramos a paisagem na paisagem.

Noite caída no esquecimento de caramanchéis e árvores, caíamos na cumplicidade vidrilhada de Madama Rocambola.

111. ANHANGÜERA BOXING

Instigações das vocações fotogênicas de Banguirre y Menudo relacionaram súcia com mucudos dum terreiro sombroso da Avenida Ana Costa.

Eu telefonava a Célia ocupadíssimo em negócios de garçonnière gramofônica no José Menino improvisado com Rolah.

Suores roupas brancas limonadas cocktails e um cheiro urbano de tulha.

Mas as tardes estavam no estádio que comecei a medir com mãos de oito onças e transpirações enfrentadas frente a virulentos profissionais cosmopolitas.

Caras espatifavam swings e upper-cuts bombardeavam queixadas ósseas.

— Ahora vamos a filmar un encuentro de ustedes para *El Intimorato Marinero*.

112. Os CONTRABANDISTAS

Gritos no cais tropical e fomos ver a luxenta cabina nupcial dos elegantes foragidos da fornalha transatlântica.

Nair e Cotita eram girls usando face-à-main. Os alfandegeiros negros sorriam ao bota-dentro.

No fundo da William Six, tia Gabriela ao lado civilizado do Conde José Chelinini Della Robbia Grecca, tinha lábios enormes num olhar vago de desiludida.

113. CRUZEIRO SEISCENTISTA

A Serra do Mar foi um mergulhado mar de verdura com passarinhos importantes.

Depois casas baixas desanimaram a planície cansada.

E o arraial arranha-céu buzinou de peixes fritos.

114. EXTENSÃO DA FAMÍLIA

Higienópolis fervilhou iluminações passos no jardim idas à rua de crianças com jogos.

O irmão de José Chelinini interveio esgalgo almofadinha impávido com sobriquete de Periquito e furtados cigarros. Back batuta de campeonatos sapecava shoots no muro longe do quintal, tratando de canjas a mim e ao conde, interventores estabados.

Os pais vieram si sinfore lembrando nos olhos praias satisfeitas de golfos humildes da Itália.

E gaffes jantaram vinhos finos.

115. GLOSSÁRIO BRASÍLICO

O em vez e o éramos em cinco do Conde contradançavam com a cintura de charmeuse da Nair pedidora de citronadas,

concordando ambos em que mancava o Pantico para a alegria ser universal.

Periquito esganiçava maliciosos pra riba de moá de mistura com pés de anjo apelidais em Cotita que o chamava de shocking e garganta.

E minha achacada sogra lastimava tão-sòmente não ter comprado aquêlê fotôe do hotel de Paris-plage.

Lá fora, o Serapião etíope restituído a funções de uniforme branco, declarava ser perciso cavar uma baita limosina Rosróis para ser família cotuba.

116. AS FAZENDAS DA CONDÊSSA

No terceiro forde excursionista que me levou, a Candoca Brito amava os bigodes chaves de ouro do Sr. Júlio Dantas e numa candura figueiredal acreditava na gramática, guturando opiniões lastimantes que a sem modeza das môças de hoje substituísse leituras de arte e sonhos de amor pelo fox-trot e pelo tennis.

Cafêzais passavam em parada verde montante.

Nair preferia Dorothy Dalton e a javá.

E nos longes escritórios do Havre, gráficos fixavam cours du jour a 9.561. Porque a baixa impassível com mais um come nas providências grandiosas dos governos, fôra de 25 francos em 15 rápidos dias. As cotações agora eram de 58.

117. O EMPRESTADOR DE LIVROS

Uma recaída do resfriado de Cèliazinha pusera outra vez em evidência a sabença calomelânica do Dr. Pepe Esborracha.

118. CONFERÊNCIA

O conde chamou-me uma manhã para o escritório do Tico-Tico Bezerra com um retrato da Gioconda na parede. Tinha decidido empregar grossa soma na Empresa Carioca de Caibros e Sementeiras — uma mina! Entendera-se já com Trancoso Carvalho & Comp. Precisava de um endosso que não fôsse da família, tendo sido esgotado em descontos meu imprevidente nome ofertado. Propus-lhe Britinho calmissimo no uso de colaterais situações sacadoras. Ele ajustou os óculos de enxôfre na cara sardenta de jogador e telefonamos chamados inúteis do terceiro precioso. Britinho abúlico desaparecera num mistério sem sinal de fumaça.

119. TRANSAÇÕES

Trancoso Carvalho ficaram de repente positivas bêstas faltadoras de confiança em velhos clientes, mas a Companhia Industrial e Segurista de Imóveis Móveis aceitara o negócio depois do vesgo exame do grande advogado Bica-Bam-Buda.

120. ÚLTIMO FILM

Quando súbito queimou o fuzil em que gingava a Piaçágüera Lightning & Famous Around. O sírio pegara como um

rato gordo o bandoriental luzido Banguirre y Menudo em estrepulia sentimental com a trunfa itálica.

A liquidação propôs-se com o réu acobertado do estrilo mascate pelas bengalais garantias dum secreta urgente.

Perdêramos na financial aventura eu e o Britinho inexplicáveis 25 contos de réisreais.

121. PROLE DE ADÃO

O Britinho era o coronel da irresistível hetaira Catarina Pinga-Fogo.

122. VANITY-FAIR

D. Tira-Vira de sabida suspeita esganiçava segredos ingleses para o filho usura calvo antigo organizador de cotillons com declarações néscias de amor e passadas aventuras criadais na Alemanha Kaiseriana. Paletôzão bêsta e paternal achava-os feras e flambavam farras trianeiras.

Mas D. Pequitibota bancava milionários trens de vida ante a crise começada para fazendeiros comprometidos, enxovalando filhas com dúzias de dessous avistadores de alianças fortuneais.

Nhôs levantavam palácios confeiteiros questionando que quadros ou fôsem assinados por figurões do Larousse ou pelo Barbabassi.

Escritórios gigolôs de mexericos preguiças e noturnos pokeres de pensões.

Enquanto nos casarões ramazevedos das avenidas, despeitadas solitárias metiam a ronca nas de morfino viver que pariavam aventuras com velhos meninos domésticos e outros.

E vãos insexuados de velhotas cultas inventavam primeiras ofensivas de cruzeiras coloradas.

Mas credências na cruz única ainda titulares e mães antigas mantinham com pedidos ardentes a São José pela salvação da jangada desgarrada e espreitada de tão feios dias.

Quando para o Guarujá driblavam 100 à hora Packards Hudsons Cadillacs desabando os barulhos das balsas.

123. BUNGALOW DAS ROSAS E DOS PONTAPÉS

Bondes goals
Aleguais
Noctâmbulos de matches campeões
E poeira
Com vesperais
Desenvoltas tennis girls
No Paulistano
Paso doble

124. POLITIC-BALL

Eleitor convencido de deveres, era dever do Dr. Pilatos rebocar-me noturnas visões de redações com resultados pleiteais.

Pelo dia cabos furta-côres automobilizados para longínquas secções coronéis italianos negros na fiscalizância de urnas vivas como aquários.

Bezerrões nunca desmamados de tétas paternas dirigiam charutais resultados.

Mesários e turnos freges e saudades de rasteiras.

E hinterlandas batalhas municipais canalizavam o tiroteio das ruas vermelhas para o pó guloso das secções livres dos jornais.

O povo forte contentava.

125. VIRGULA

Mas o carteiro veio me dizer que Rolah ficara só e minha porque o biombo materno se tinha fechado em pressa marítima na direção afarista do Rio.

126. QUITAÇÃO

Pulsações ligeiras alucinando
Lábios e pálpebras
O coração esperou
Cisne gracioso que seminudava no chalet de banhos

José Menino era um sol
Na terra loura e azul

127. RABANADA E SUITE

Porém Madama Rocambola estourava de regresso noturno a São Paulo como invocação errada de médium. Tinha sido

roubada em vinte e dois contos e anunciava andar o mundo cheio de infames salteadores.

A William Six escapada ao contrôlê dos que fazendavam encheu bagagens na direção montanhosa de Santos.

Volta às praias precedia o hotel jantado onde a velha tirava da sacola velha um velho baralho de sabujos vaticínios.

— Estas três princesas são uma mulher morena, uma mulher clara e um homem de bigodes.

Rolah era uma lâmpada loura.

128. CHIFRES

Foi quando instantâneo lembrete do destino chamou-me telefônico para Bambus fazendeiro. A chifrada do boi preto na perna branca de minha mulher estava entregue aos cuidados solícitos e solicitados do invencível Dr. Pepe Esborracha ocorrido numa corrida de Pindobaville.

Quarto escuro no quarto dia e êle na sombra.

129. ATO III. CENA I

Na preguiça solar da mesma sala grande onde fôramos felizes casais, Célia e a cadeira de balanço choravam como um tango.

— Já viu sua filha como está grandinha?

— Já.

— Nem se importa mais com ela. Ela teve sarampo e gripe. Quase ficou com o olho torto. (Um silêncio cheio de môscas). Diga a verdade! Recebi uma carta anônima contando tudo. Não há nada mais triste do que ser enganada. Você está

apaixonado por essa atriz, Joãozinho! Conte tudo. Acho você envelhecido, preocupado, com cara de viciado, Joãozinho!

130. RESERVA

"21 de Abril

Seu Dr.

Peguei hoje na pena para vos Felicitar os nossos antes Passado sendo um diá de grande gala, para nós no nosso Grande Brasil sendo o dia do nobre Brasileiro Tiradentes que foi eze-cutado na fôrça, mais tudo passa vamos tratar do nosso futuro que é melhor os passado eram bobos, por aqui todos Bom gras-sas a Deus o mesmo a todos que aí estão. Candoca, Rufina, Delina, Maria José, Bermira e a filha estão todos na mesma. Só eu saí sorteado para o Regimento Suprimentar de Paracatu no Goiás e queria que V. S. desse as providências para mim ficar em Caçapava no Regimento de Infantaria Montada fica mais perto aqui eu estudarei para ser a Luz de minha família. Representar talento com meu falecido avô Capitão Benedito da Fôrça Pública, não estudando agora, quando mais o tempo passa e a Velhice chega conduz a Tristeza, porque êste mundo é um passatempo que nós temos essa é a Verdade! Só temos que tratar do Futuro neste mundo não valhe nada a Beleza as Festas as Inlusão do mundo só o talento com o grande Rio Branco o Ouro Prêto, O Padre feijó, José Bonifácio, Rui Bar-bosa e outros que nem se sabe.

Seu criado às ordens

Minão da Silva".

131. MAIS QUE PERFEITO

Eu tinha saído do laboratório da Itacolomi Film onde Rolah tinha dada uma hora preguiçosa de pose para observações contratuais.

Ela me tinha confessado pela manhã que seus amôres anteriores com pastôres não tinham passado de pequenos flirts de criança.

Agora quando tínhamos descido a escada longa eu me tinha baixado até os orquestrais cabelos louros.

E tínhamo-nos juntado no grande doce e carnosos grude dum grande beijo mudo como um surdo.

132. OBJETO DIRETO

Ao longo do longo Viaduto bandos de bondes iam para as bandas da Avenida.

O poente secava nuvens no céu mal lavado.

No Triângulo começado de luz bulhenta antes da perda ocasião de ir para casa entramos numa casa de jóias.

133. BASTIDORES

O conde José Chelini tronava corretores de todos os tamanhos e prepostos de largas emprêsas no antigo escritório da Rua Quinze abandonado por meu abandono amoroso. Expedira com rótulo ao Glória Hotel do Rio tôdas as sogras da

vida e esperava de cabeça vermelha nos bancôs noturnos do Automóvel Club a volta vingadora do Pantico.

Célia e Cêliazinha cresciam ao sol dos pomares brasílicos.

134. CORSO

O Carnaval acendeu o charuto roliço do Britinho, vaqueiro de automóvel que recusei alegador de pudicícias em Rolah e a mãe.

Minha prudente evitação da William Six, apoderada pela absorvência de Chelinini com Periquito empoleirado no volante, contratou táxi que pôs à porta de Perdizes achadas guirlandas de papel e florões com chauffeur de nanzouk.

Alvissaramos ágeis sob a máscara inteiriça e Rolah de loup, enfaixada num tutu negro que lhe punha mais loura a carne dos ombros nas coxas. Baixo do tóldo de veludo verde, a bola de Madama Rocambola era um saco de confetti na direção da Avenida.

135. PASSA O AMOR

A tarde suicidava-se como Petrônio.

Serpentinas explodiam ao nosso lado na extensão toldada de bandeiras e asfalto.

Famílias iam por quatro filas de máscaras carruagens, estandarteando longes vultos ornamentados e confusos de caminhões caminhantes.

Dominós agitavam-se como bandeiras amarelas.

No enroscamento dos bonecos rodantes em roda dos maços fofos com guirlandas elétricas de papel, os carros tinham lentidões de rabos.

Rolah ria como um animal espancado e fazíamos regressar as serpentinas vindo voando.

136. LUTERANOS

Como eu o Britinho o Conde o Pilatos o pai suspeito do Carlos Capua o dr. Silveirão o Melo o Bernão o Dr. Pata-Treta o Zé o João o Miguelinho — todos gaios encarapitados em táxis com girls ciganas chinesas das Arábias e tirolianas do Egito — tínhamos tido a precavida precaução de nos precedentes dias freqüentar com sorrisos de reforma o filho cinco por cento do Paletòzão e mais dignos representantes da usura cidadina.

E belos cursivos e feios autógrafos haviam rabiscado calmos papéis impressos de sêlo duplo pelas bancas bancárias em ação.

137. BAILE

“A sua loira e estranha divindade dominou a sala fantástica até extinguir-se a última nota da mágica orquestra”. Para o álbum de Mlle. Rolah. Machado Penumbra.

138. MEMENTO HOMO

“Joãozinho

Ontem fui com Cêliazinha passar o último dia do Carnaval na cidade e nos hospedamos em casa de D. Teresinha. O Dr. Pepe Esborracha nos influenciou muito para ir, visto ser ele o organizador das festas do Clube.

Fiz uma fantasia para Cêliazinha de Fada do Bem que ficou muito graciosa e ela divertiu-se muito com a Bilu e as outras meninas. Passaram a tarde toda na calçada jogando confetti e lança-perfume.

O maior sucesso do dia foi um grupo de cinco estudantes que passou pelas ruas bebendo cerveja em ourinóis e comendo lingüiça que molhavam na cerveja. Quase morremos de rir e só depois é que soubemos que foi o Dr. Pepe Esborracha que teve essa idéia tão engraçada!

As filhas de D. Balbina foram as moças mais bem fantasiadas da cidade. O largo da Matriz estava repleto de moças e moços em luta acesa com confeti e lança-perfume. O baile do Clube começou às nove e meia e durou até 5 da manhã e esteve muito animado. Espero que você venha no fim do mês, como prometeu.

Um abraço da tua

Célia

139. A DENÚNCIA

Entrei em Higienópolis para jantar e sobre a mesa um telegrama azul exigia minha imediata presença nos Bambus. Célia sabia tudo lacônicamente.

Rolah pediu-me que telefonasse trin-trin contando o que havia.

O trem a manhã e a chuva eram um corador de roupa branca. E parti na direção do trolly da serra fazendeira num cheiro de curral e de selva.

140. MLLE. DE SÉVIGNÉ

“Rio

Meus queridinhos

Souvenirs. Estou com uma brutas saudades de vocês e das matinées do Paulistano. O Rio o que tem de agradável é o cinema de dia. Mas os foot-ballers cariocas são uns gargantas.

Devido ao verão, dormimos com a janela do hotel aberta para a paisagem. Amanhece muito cedo. Eu durmo outra vez e depois chamo o garçon para trazer meu chá com toasts.

Ontem, um estranho som chamou-me a atenção. Uma pessoa grotesca passava pela avenida divertindo-se com um tambor que decerto era improvisado. Era uma mulata fantasiada de baiana.

Depois, de tarde, fomos ao centro ver passar os cordões endiabrados do Rio de Janeiro. Quase toda a gente estava de cara enfarinhada. As mocinhas raquíticas ficavam ridículas de rouge na bochecha e no nariz. Os bondes estavam impossíveis (mamãe agora deu para econômica!)

A Avenida Central estava apinhada com gente cantando e dançando no meio. Tirei linha à vontade.

De noite, vimos passar os préstitos. Uns coiós nos apertaram. Mamãe deu com o guarda-chuva num atrevido. Os préstitos estavam lindos e os Tenentes ganharam longe! Primeiro vinham guardas de honra fingindo de cabeças de vaca em cima de burros. Depois passou o carro estandarte com um sol rodando debaixo duma mulher à-toa. Estava cotubal!

Hoje é o grande baile do hotel. Vai ser um suco! Está cheio de americanos. O meu flirt telefonou que vem. A Cotita

não quer se fantasiar porque o Dr. Pirinhos deu o fora nela.
É uma infeliz! Eu çavei uma fantasia ba-ta-clan!

Adeus e beijinhos

da Nair."

141. O GRANDE DIVORCIADOR

No escritório arranha-céu um rapapé rapado afirmava para guedelhudos óculos de cigarros que a debênture era um 420.

Moços de luto nôvo ensinavam que o passo do blues era mais sintético que o do shimmy.

Calados herdeiros viúvas orfandades entre ambições robustas de Jucas e Totós.

Um pai industrial queixoso das latronagens viciadas do filho almofada longo que lhe batera a amante com olhos de co-caína. E ambos discutiam o caso moral.

Sírios itálicos japonizados no Far-West urbano.

Condes de fala fina apostadora de roupa com cigarro de palha e detenção de milhões impalpáveis falavam grosso.

Inventados inventários em maços de almoços.

E irmãos vinham apaziguar gôtas derramadas de sangue em cabaré.

Um silêncio ecoou a aparição do súbito homem célebre têsô como um taco moreno.

E foi minha a vez de ouvir num romance naturalista o dossier dactilado de meus detalhados desvios.

142. LENGA-LENGA

— Sou consultor de sua tia, fui amigo de seu falecido pai, conheci seus avós. Fiz o casamento de seus tios. Sou mais um conselheiro íntimo que um advogado banal.

Porém, a situação é insustentável. Sua senhora, coitada, reuniu provas esmagadoras contra o seu leviano proceder. O Sr. tem sido avistado em excessos com cômicas. À margem disso o caso financeiro negreja no horizonte. O Sr. adquiriu rapidamente uma reputação de dilapidador. O seu nome já figura no Boletim das Falências e Protestos, no pasquim secreto e implacável, a destilar condenação, a destingir desonra!

— Ao lado do Conde Chelinini.

— Perfeitamente. Mas o conde acusa-o de se ter locupletado. Perfeitamente, o conde acusa-o.

143. MOBILIZAÇÃO

Higienópolis encheu-se às cornetadas da falência e desonra. Meu folhetim foi distribuído grátis a amigos e criados. E tia Gabriela sogra granadeira grasnou graves grosas de infâmias.

Entrava doméstico para comer e dormir longe de Célia. Os criados eram garçons de restaurante.

144. GROGGY

Mas três contos de réis de resto da última reforma conciliada entraram em Perdizes no entardecido roxo.

A sala antiga de papel antigo e piano parara uma cantiga antiga.

O falsete empapuçado de Madama Rocambola remexeu uma bolsa suja e apresentou-me um trecho de papel. Era o amarrotado fora definitivo de Rolah, a cheia de gigolôs.

— Ela bem dizia que o Sr. nunca que acabava de dar os cinquenta contos.

145. CRIAÇÃO DE PAPAGAIOS

Eu e o conde e o Britinho éramos de semanas os autores mais citados na pendenga madura da sala de verdes audiências do Forum Cível Paulista. Capinhas pretas enrouqueciam com pinga derredor das oblongas mesas zunzum com a lonjura de nossos privilegiados nomes protestados.

Primeiras praças anunciaram-se dos bens legados por inventário de minha mãe únicos válidos havidos para credores ante a Verdun contratual do separado casamento com Célia.

Dias de cão com noites abraçais a Cêliazinha consentida nos ombros negros da criada esquiva. Manhãs fugas ante settlers da justiça oficial intimidadora nas conseqüências fulmíneas de cambiais cambiadas. Noites vexames de redações pedidas com prestígio prestado de Machado Penumbra para discrições dos nomes da família conspurcada vindos em bonde dos tabeliães protestantes.

Romarias escadais de horas bureaus assinadores do conhecimento tomado e lavrado dos vencimentos invencíveis.

Saques e protestos e intimações e juízos e termos e advogados e prazos e ofícios e praças e petições no contemporâneo Forum de N. S. Jesus Cristo.

Avaliadores de réus, peritos de escrivães, distribuidores de pregões.

Homens torvos e sujos, almofadinhas claros e bambos, moles ratos de mesa com funestas malícias.

Andar de cima, decretavam-se vidas com rabiscos margéantes do desenvolvido selório papelado de cartório.

146. VERBO CRACKAR

Eu empobreço de repente
Tu enriqueces por minha causa
Ele azula para o sertão
Nós entramos em concordata
Vós protestaís por preferência
Eles escafedem a massa

Sê pirata
Sêde trouxas

Abrindo o pala
Pessoal sarado.

Oxalá que eu tivesse sabido que êsse verbo era irregular.

147. O ANTÍPODA

“Sr. Dr. Joãozinho

Nós aqui estamos satisfeito por saber que vão todos bem nós aqui vamos indo Regular o Dito da Belmira está muito crescido e experto, moram agora na cedade. Nós estamos só aqui e eu vou moral na Estação. Comprei um lote de terra de Sociedade e vou fazer uma casa para moral. Desponha do

Amigo que lhe estima

Minão da Silva.”

148. CORRIDA DE GANSO

O banqueiro cervejeiro interpelara-me na sala rubra metralhada de dactilos e gráficos. E eu lhe fizera ver o Conde Chelinini ter rebentado como qualquer mortal que exagera as próprias forças no Automóvel Club. Mas honestos o Britinho pelo telefone do Far-West propunha comigo um acôrdo honesto.

— Aqui nong teng agordo. Teng pagamento!

Saí para o encontrado encontro do Dr. Pilatos impene-trável recém-vindo do Guarujá com cocktails do conde em fuga.

Bocks duplos dialogaram no Pinoni até que movimento negativo de cabeça me disse que Trancoso Carvalho & Comp. não cediam, não reformavam, não esperavam.

— E o Conde?

— Um tarado o Sr. Conde! Fiz o quadro do amor de prima Gabrielinha, um amor de romance! Sabe? Chamou-a de velha gaiteira! Ousou grosserias, ignomínias, despropósitos. Um tarado! Minha prima, velha gaiteira? Oh! Ah! Veremos!

— Mas o Sr. não fêz ver que êle pode ir para a cadeia por ter falsificado a firma da mulher?

— Olhe, êle chamou-me até de côco da Bahia, e disse que se eu replicasse me atirava o mata-borrão na cara. Eu saí para evitar uma cena de sangue! Oh! Ah!

149. BRITICÍDIO

Quem morreu foi o Britinho como um passarinho na estrada emboscada do sertão refugiente por detrás do pau.

Com cartas das filhas e contas em que embrulhara de embrulho minhas dívidas de Rolah, um retrato nu de Catarina Pinga-Fogo foi tirado na sangrenta carteira ao lado do cavalo deserto.

150. TESTAMENTO LITERÁRIO

“A mulher é uma coisa misteriosa que chora sem razão, muda a tôda hora de desejos e de voz e nunca aceita os meus carinhos e fica impassível diante de minhas desventuras pessoais.” Teodomiro Pelágio de Brito.

151. INQUÉRITO

Porque a Candoca filha tossindo descabelada viera a Nova Lombardia partindo o racontar da eterna história num chôro falado, minha indisposta sogra exigiu que eu cavalasse na direção da justiça por jequitibás num sol de groselha.

Verifiquei a inútil autópsia do ex-amigo estendido matinal num jardim da cadeia aradopolitana com loucos indiferentando. Tesouras luziam a mão médica cortadora de carne de açougue que pestilenciou duas balas na grama.

A delegacia vazia escorava pernas grossas atarracando bigodes prêtos e retorcidas cicatrizes com um negro de testa curta e um homem descascado prontos para o impassível habeas-corpus sertanejo.

152. LOOPINGS

Mas o Conde desapareceu definitivo guardador das sobras e saudades dos bambúrrios e blefes na estrada de ferro automobilística do poker-club.

E Nair apareceu fulminante espôsa do filho matadoural do gigante Bretas do Rio, com renovados amáveis direitos hipotecários sôbre as fazendas salvas e Trancoso Carvalho esfregados num choque de cheque.

E meu divórcio recrudescceu por sentença regular com Celiázinha homologada à mãe em sete anos e mais rombos no meu pátrio poder por maravilhosa graça do imenso jurisconsulto dos Jucas e Totós.

153. NEGROLOGIA

Quando Machado Penumbra tomara-me a seu valente lado no jornal mundano e moderno que o chamara para repentino diretor como orientador e grande prosador.

E na sala aberta da redação o Dr. Pilatos noturno de ohs e ahs aportou a notícia de fraque do adoecimento final e morte de minha sogra. E porque tia fôsse tia exigia com abraços minha inoportuna presença em Higienópolis de janelas cerradas e acessos silêncios.

Não fui à casa que revi funerando inteira mutismos de passos e tictlics de coroas e onde mudo, pomposo e lívido, o Dr. Pepe Esborracha atenderia flor de laranjeiras crises de cá pra lá.

154. TESTAMENTEIROS

Por cuidado cabogramado do grande divorciador, o matrimonial contrato de Nice fôra de precavidos efeitos, impondo a Chelinini não mais que três contos mensais de aluguel marideiro com cem de jóia e jóias. E o dono esperto da esperta Nair cerrara testamento tapado a máquina pela mão manhosa do médico de Célia e Pindobaville dr. Pepe Esborracha. Num chorooso conluio, ambos se tinham descoberto como Brasis e concordado junto à cama desfalecida da enfêrma de aquecedor elétrico nos pés de cêra. E assinaram a rôgo que o longe Pantico ingrato empregado em Antuérpia e a Cotita de óculos contrariantes, bestenamorada dum mineiro de Minas, podiam dispensar vantagens que a devotação das duas outras merecia haver na sobrenadante fortuna fazendeiral em alta.

155. ORDEM E PROGRESSO

Anô Nôvo jantou juntados redatores e convivas pela administração jornalal de largas vistas e construiu a meu lado um paralelepípedo de carne com óculos sem pé que era o dr. Mandarim Pedroso. Machado Penumbra diretivo nos enfrentava casaca de papo branco e flor.

— É um grego de tendências emotivais! apontou-o com o guardanapo o toutiço vizinhante à chegada do trem de sobre-mesa. Vai longe! Vou fazê-lo Vice-Presidente do Recreio Pingue-Pongue.

Explicou-me o que era às claras essa chiquíssima sociedade de môças que a sua personalidade centrava como um coreto.

— Uma forja de temperamentos e um ninho de pombas garrulas. O Sr. precisa entrar para lá, principalmente depois que o seu nome de poeta e jornalista começa a raiar nos galários da fama. Quer saber, digo-lhe confidencialmente, o Presidente da República saiu de nossas fileiras, o Prefeito de São Paulo também, o Vice-Prefeito idem idem. Já fornecemos à alta administração doze estrelas de primeira grandeza. Santos Dumont é dos nossos.

E súbito, reservado como as senhoras que a gente encontra na sala secreta do museu de Nápoles:

— O Sr. possui filhas?

— Sim. Tenho uma de seis anos.

— Ponha-a lá, ponha-a lá, se quiser salvá-la dos perigos contemporâneos. Ah! Lá não se dança o paso doble, meu caro senhor! O paso doble! Devia chamar-se a cópula de salão! Olhe, nós vivemos numa civilização de dancings...

Facas bateram copos semafóricos. Face a nós, Machado Penumbra elevava-se, neto de Lord Byron na Itália.

— É um discurso para amigos, meus senhores! E como esta florida mesa reúne somente rapazes, eu beberei a Cupido! A cada presente a esta reunião de saúde e fraternidade, eu junto uma ausente cara, numa argonave de esperanças eternas.

Porque nós, meus colegas, meus amigos, neste vale de emoções, de apogeu e de quedas de Ícaro, vivemos apenas o romance da eterna pesquisa, da eterna procura, da eterna recherche, da eterna mágoa da miragem! Mas não fiquemos apenas na visão dêsse desejo do impossível que a todos nos inquieta e comove. Prossigamos na realização do Inachado, do Irrealizável, do Incrível, alcancemos a promessa lantejoulante do Nada! A mulher, ergo a minha taça de vencido!

156. BATEM SINOS POR D. CÉLIA

“Faleceu anteontem, na fazenda dos Bambus, comarca de Pindobaville, na juvenil idade de 28 anos, sucumbido a uma terrível pneumonia, a Exma. Sra. D. Célia Cornélia da Cunha.

A extinta que era filha do saudoso paulista Coronel Belarmino Elesbão Arruda da Cunha e da falecida Sra. Condessa Gabriela Chelinini, foi sempre figura de relêvo na nossa sociedade e primava por seus dotes de espírito e coração, sendo muito estimada no largo círculo de suas relações.

Era cunhada do distinto capitalista carioca Sr. Carlos Bretas, irmã do Sr. José Elesbão da Cunha, comerciante em Antuérpia, das Sras. D. Nair da Cunha Bretas e D. Maria dos Anjos da Cunha Meireles e prima do nosso eloquente confrade e ilustre geógrafo, Dr. Pôncio Pilatos da Glória.

Foram baldados todos os recursos da ciência médica para salvá-la.

Pêsumes à distinta família enlutada.”

157. ERRATA

Eu pudera quem sabe prever o armístico com músicas jazzbandando pelas ruas aliadas e o esmigalhamento alemão por Foch e Poincaré, mas nunca auscultara minha precoce viuvez e a chegada de Antuérpia num cargoboat, do meu cunhado José Elesbão da Cunha com barbas.

Foi a êle que corri na aflita busca de minha Cèliazinha, feita milionária e só pelo Deus das revisões do processo. Sumira-a a elegantíssima tia Nair, largada do Rio mundanal para a cabeceira moribunda de ventosas.

Encontrei o nôvo Pantico magro e oposto a tôdas as visões da infância e da adolescência epistolar longínqua. O trabalho raivoso formara-o homem. Conhecia todos e tudo de nítida e póstuma visão. Aprovava-me com resignados silêncios contidos.

Partimos de trem e de trolly para a Nova Lombardia encharcada da chuva entre coqueiros desgrenhados por shapooings de tempestades.

158. RECREIO PINGUE-PONGUE

Miramar a vida é relativa
O acontecido não teria sido
Se nascesses só
Sem a mãe que te deixou virtudes caladas
O acontecido te ofertou
A filhinha de olhos claros
Abertos para os dias a vir
És o elo duma cadeia infinita
Abraça o Dr. Mandarin
E soma êle ao azul desta manhã
Louçã

159. SERÃO DOS CONFORMADOS

Mister Penélope vizinho enquanto a mulher viajava na Austrália, espirrava como um clown num circo com assoamentos de trombone. Cêliazinha de preto ria, estalando a cartilha de figuras maiores do que ela.

Nosso apartamento na casa art-nouveau de Madame Kolny, Praça do Arouche frente ao pára-sol folhudo de D. Flor Vermelha, tinha dois quartos quadrados e um jardim de invernaes orquídeas como saudades.

Mulheres de pince-nez passavam toc toc por janelas quietas de grades.

A criada japonesa noticiava matinais jornais e inglese tá bão não bão para a risada livre de minha filha, colorista de montoadas revistas estrangeiras,

Iamos ao Jardim da Infância de D. Mademoiselle Ivone e à novena organista do Sagrado Coração.

160. DISCURSO ANÁLOGO AO APAGAMENTO
DA LUZ DURANTE O FOX-TROT PELO
DR. MANDARIM PEDROSO

“Minhas meninas, meus rapazes!

Este clube é um lar!

Nêle, o espírito hospitaleiro é uma prerrogativa ao lado do catecismo moral da juventude! E é devido a isso que o Recreio Pingue-Pongue se tornou célere a mais progressista artéria de nossa vida social, com floridas ramificações pela política e pela literatura! Nêle esplendei vós, ó inefáveis portadoras das graças venusinas, ao lado dos jovens pegureiros da Pátria!

Sob esta blusa de modesto obreiro, não me posso deslembrar que acontecimentos diários acumulam deslumbradoras certezas para vós.

Quero referir-me particularmente a um fato acontecido ontem à noite durante as danças e merecedor dos maiores elogios da diretoria.

Porque aqui, meus senhores e senhoras, revelando uma cultura pouco vulgar, em juventudes desta idade, as sócias e sócios não cogitam tão somente dos adornos que eletrizam os do respectivo sexo oposto. Não! Praticam os desportos! Seguindo a lição da Grécia, realizam o eterno anexim *Mens sana in corpore sano*. Aqui não se lêem romances de baixa palude literária nem versos futuristas! Só se lê Rui Barbosa. Não! Aqui, formam-se dignos filhos e filhas do grande ser que Bilac chamou na sua frase cinzelada e lapidar “Astuta e forte, a grande mãe das raças, Eva!”

Ontem, quando sócias e sócios se entregavam às dulçorosas e inocentes graças dos voluteios de uma valsa lânguida, uma traiçoeira panne veio inundar de treva o recinto de fulgurantes

ouropéis. Morreu nos lábios de todos o sorriso da bem-aventurança! As môças nessa idade côr-de-rosa dos sonhos e dos anseios, ficaram melancólicas e assustadas, procurando como se as perseguisse uma miopia indizível um braço sólido que as arri-masse. Em vão! Nenhum!

Perfilados como heróis, os seus pares permaneceram como que fulminados por raios da cólera divina! (Risos contidos de môças e moços.)

Quando se restabeleceu a corrente pérfida da Light, estavam todos a sessenta centímetros mais ou menos de distância, em atitude calma e respeitabunda. Vê-los era como ver via-jores extáticos que se dessedentam na esperança e na fé dos castos beijos da brisa.

Isto é digno de Plutarco! O feminismo contemporâneo es-barrondar-se-ia na sua verbosidade grácil ante o rochedo dêste fato. *Res non verba!*

Visto isso, só tenho a inserir na ata do Recreio Pingue-Pongue, um verdadeiro e auspicioso hino congratulatório aos mo-ços que, como verdadeiros São Luíses, se mantiveram em hora tão perigosa na postura que os levará mais tarde como maridos aos fulgurantes páramos da ventura conjugal!

Bendita terra que possui tais efebos! Pátria, latejo em ti! (Sorrisos e palmas.)

161. HISTÓRIA DO BRASIL

E Cêliazinha maleta pelas portas lampiões, ia-me explican-do que D. Pedro I era um perdulário que se arrependeu na hora da morte e mandou chamar o neto do seu neto para lhe dizer que não fizesse que nem êle.

— E D. Pedro II?

— Êsse era um grande preguiçoso. Quando a professôra chegava, dizia que ia jogar cartas e nem queria ver os livros.

A noite vinha e desembarcava meu anjo noturno.

162. NOTICIÁRIO

"Gênova Hotel.

Meu querido amigo e confrade

Saudações.

Só hoje, escrevo-lhe desta bela Itália, país da arte, cheio de templos de mármore de Carrara, onde a Fé se escuda na égide da tradição.

Vedere Napoli e depoi morire!

Estive em Lisboa alguns dias e visitei a célebre Torre de Belém, donde partiram as gloriosas caravelas de Cabral, singrando o Oceano. Não pude deixar de concentrar-me e transportar o meu espírito àqueles tempos gloriosos. E senti a mais profunda gratidão por êsses intemoratos descobridores, reconhecendo que se não houvesse tamanha epopéia histórica, eu hoje não estava aqui e talvez fôsse um português que com o lastimável estado do câmbio nem pudesse andar viajando.

Irei brevemente contemplar as maravilhas da arte de Rafael, do tempo formidável dos Medici e ver o Castel Santangelo, donde se atirou a formosa Tosca de Puccini.

Recomendações e abraços sinceros

do am^o. cr^o. ven^{or} e primo

Pilatos

P. S. O mundo é realmente pequeno como dizia o erudito padre Manuel Bernardes. Indo ontem a Santa Margherita, fui espiar umas danças do Kursaal e qual não foi minha íntima emoção, lendo num cartaz da porta "José Chelinini, professore de Shimmy-Trott". Está visto que dei às de vila-diogo para não me encontrar com o caradura.

O mesmo."

163. ENTREVISTA ENTREVISTA

— Com que então o ilustre homem pátrio de letras não prossegue suas interessantíssimas memórias?

— Não.

— Seria permitido ao grosso público leitor não ignorar as razões ocultas da grave decisão que prejudica assim a nossa nascente literatura?

— Razões de estado. Sou viúvo de D. Célia.

— Daí?

— Disse-me o Dr. Mandarin que os viúvos devem ser circumspectos. Mais, que depois dos trinta e cinco anos, *mezzo del camin di nostra vita*, nossa atividade sentimental não pode ser escandalosa, no risco de vir a servir de exemplo pernicioso às pessoas idosas.

— O Dr. Mandarin, com perdão da palavra, é uma bêsta!

— Engano seu. O Dr. Mandarin é baedeker de virtudes. Adoto-o.

— A crítica vai acusá-lo e a posteridade clamar porque não continuou tão rico monumento da língua e da vida brasileiras no começo esportivo do século 20.

— Já possuo o melhor penhor da crítica. Li as *Memórias*, antes do embarque, ao Dr. Pilatos.

— E êle?

— O meu livro lembrou-lhe Virgílio, apenas um pouco mais nervoso no estilo.

Sestri Levante — Hotel Miramare. 1923.

Serafim Ponte Grande

Na página de ante-rosto dêste livro, em sua primeira edição, Oswald de Andrade relacionou suas obras sob a rubrica de

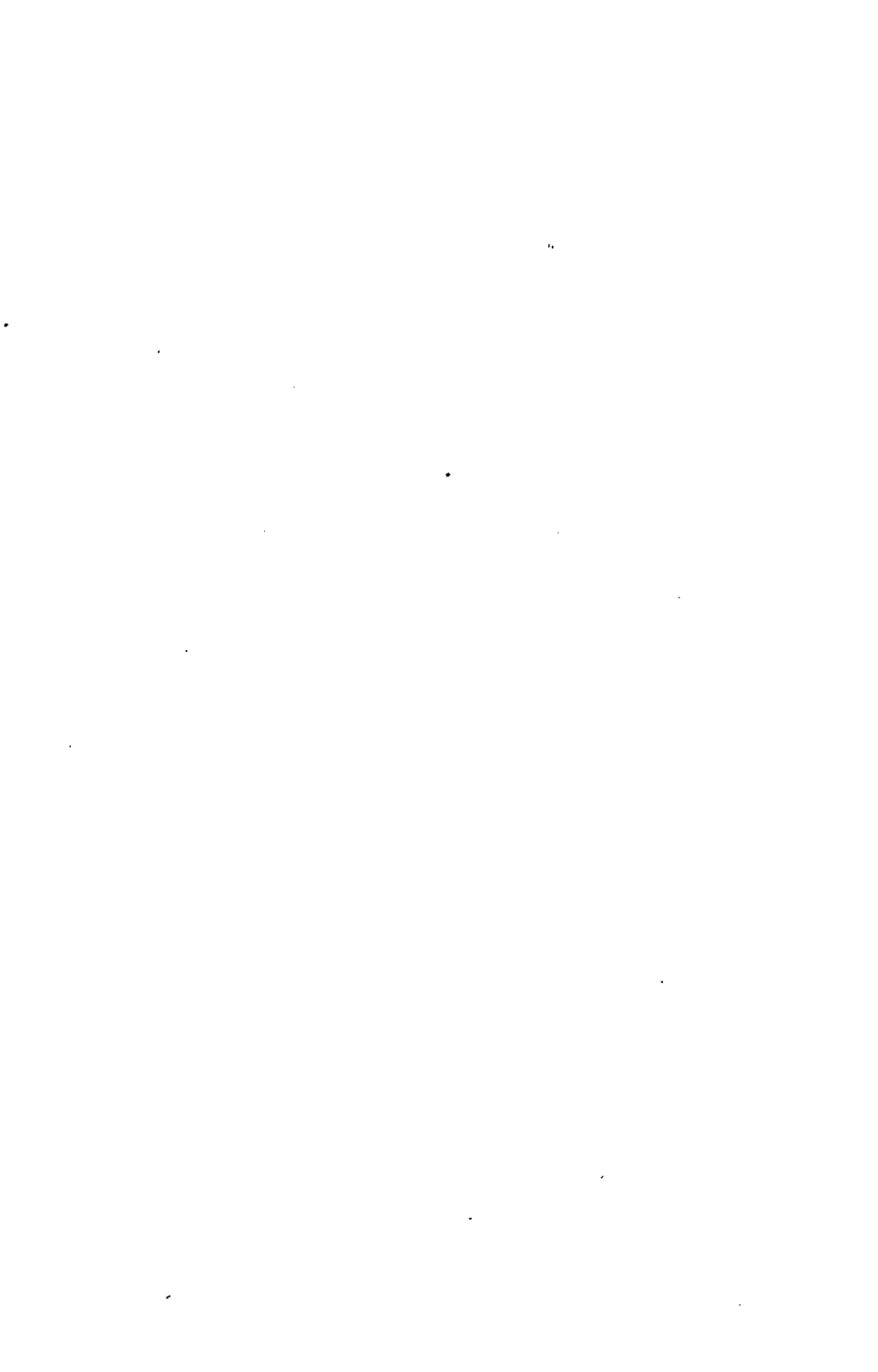
OBRAS RENEGADAS:

Os Condenados
A Estrêla de Absinto
A Escada (inédito)

Pau-Brasil
Primeiro Caderno de Poesia

Serafim Ponte Grande

A edição original desta obra de Oswald de Andrade continha a seguinte nota, no verso da página de rosto:
“Direito de ser traduzido, reproduzido e deformado em tôdas as línguas — S. Paulo — 1933.”



Serafim: Um Grande Não-Livro

HAROLDO DE CAMPOS

I

“O mais impressionante sintoma da literatura moderna estará talvez em vermos surgir cada vez mais, sob nossos olhos, um modo de escritura nôvo, unitário, global, onde as distinções de gêneros, radicalmente abandonadas, deixam lugar àquilo que se deve chamar “livros” — mas livros para os quais, é preciso dizer, nenhum método de leitura está ainda praticamente definido”¹. Quem faz esta reflexão é um jovem escritor francês, Philippe Sollers, da geração que sucede à dos autores do chamado *nouveau roman* e se reúne, desde os primeiros anos da década de 60, na tribuna experimental da revista *Tel Quel*.

¹ Philippe Sollers, *Logiques*, Éditions du Seuil, Paris, 1968, p. 206. Traduzimos o termo “*écriture*” por “escritura” em atenção à conotação especial que o vocábulo ganhou na moderna teoria literária francesa e que, a nosso ver, é perfeitamente transportável para o equivalente literal português.

O romance-invenção² *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, “escrito de 1929 para trás” (ou “terminado em 1928”, como se lê no prefácio) e publicado em 1933, é uma dessas obras que põem em xeque a idéia tradicional de gênero e obra literária, para nos propor um nôvo conceito de livro e de leitura. Nas *Memórias Sentimentais de João Miramar* (concluídas em 1923, publicadas em 1924), Oswald já fizera esta experiência de limites, abolindo as fronteiras entre poesia e prosa. Agora êle a radicaliza numa outra dimensão, utilizando-se das conquistas estilísticas anteriores, mas entrando ainda mais fundo — se assim é possível dizer — na desarticulação da forma romanesca tradicional.

A contestação do livro, como objeto bem caracterizado dentro de um passado literário codificado e de seus ritos culturais, começa aqui, desde logo, pela materialidade, pela fisicalidade dêsse objeto. No lugar onde costumeiramente se indicam as “Obras do Autor”, a relação destas vem sob a rubrica “Obras Renegadas”, e o próprio livro que se está para ler, o *Serafim Ponte Grande*, é incluído entre os títulos “repudiados”. A indicação de *copyright* — chancela dos direitos do autor e da propriedade literária — é parafraseada em tom escarninho (“Direito de ser traduzido, reproduzido e deformado em tôdas as línguas”). Há uma “Errata”, deslocada de sua posição habitual, que funciona autônomoamente, como se fôra um capítulo. Finalmente, o que corresponderia a um *cólofon* (indicação da data da elaboração do livro) é também submetido a um tratamento inusitado: a cronologia é posta ao revés, como se vista pelas lentes distanciadoras de um binóculo focalizado ao contrário: “Este livro foi escrito de 1929 (era de Wall-Stret e Cristo) para trás”; isto sem falar na inclusa paródia às datações clássicas (A.C., D.C., Ano da Graça, Anno Domini, etc.).

Tais signos de tipo *indicial* (referimo-nos à classificação de Peirce, aos signos que têm a função de *índices*)³ apontam como

² No exemplar que possuímos do *Serafim*, e que recebemos das mãos do autor, a expressão “romance”, na capa, foi riscada por Oswald e substituída pela palavra “invenção”.

³ Cf. Elisabeth Walther, “Semiotische Analyse”, em *Mathematik und Dichtung*, Nymphenburger Verlagshandlung, Munique, 1965, p. 145: “O índice entretém relações reais com seu objeto, aponta diretamente para

setas para a realidade de um objeto que conhecemos com estas marcas localizadoras e características — assim como tabuletas de tráfego nos indicam um caminho ou nos alertam da presença de uma escola ou de um hospital —, porém, simultaneamente, o “tornam estranho”, o “desautomatizam” para nossa percepção, no ato mesmo em que o sinalizam, o emblematizam até.

“Ostraniénie”, — eis como a crítica formalista russa, das primeiras décadas deste século, procurava definir este processo de quebra da “automatização”, da inércia a que somos submetidos pela rotina. O familiar nos aparece como algo novo, desconhecido, se nós alterarmos as relações normais de sua apresentação por um “efeito de estranhamento”. Víktor Chklóvski, que empregou esse conceito em seu estudo “Iskusstvo kak prióm” (A arte como procedimento), de 1917, considerado como um verdadeiro manifesto do formalismo russo⁴, desenvolveu também a idéia do “desnudamento do processo” (ou “procedimento” — “obnajénie prioma”), como um aferidor da especificidade da obra de arte. Para ele, *Tristram Shandy* de Laurence Sterne era a obra romanesca mais típica da literatura universal (ao invés de um caso de exceção e de extravagância como geralmente se sustentava), justamente porque punha a nu a estrutura mesma do romance, na medida em que a perturbava, a “desautomatizava” para a recepção do leitor. “Sterne foi um extremado revolucionário da forma” — opina Chklóvski —, “o desnudamento do processo para ele é típico”⁵. O *Tristram Shandy*, esta obra aparentemente bizarra e idiossincrática escrita na segunda metade do século XVIII (1759-1767),

seu objeto. Por exemplo: indicadores de caminho, o próprio caminho, nomes próprios e, ainda, todas aquelas disposições que determinam um objeto no lugar, no tempo, numericamente, etc.”. Ver ainda Max Bense, *Semiotik*, Agis-Verlag, Baden-Baden, 1967.

⁴ Traduzido para o francês em *Théorie de la Littérature* (Textes des Formalistes Russes), Éditions du Seuil, Paris, 1966. Esse conceito de “estranhamento” da teoria formalista russa parece ter inspirado o “Verfremdungseffekt” da teoria dramática brechtiana, bem conhecido no Ocidente.

⁵ Ver Chklóvski, “A Paródia no Romance: *Tristram Shandy*”, em *Teoria da Prosa*, Moscou, 1925. A citação é feita segundo a versão alemã, *Theorie der Prosa*, S. Fischer Verlag, Frankfurt am Main, 1966, p. 131.

é realmente um marco pioneiro da revolução do objeto livro que se projeta de maneira avassaladora e irreversível em nosso século, agora tendo por aliadas (ou, ao menos, por instigadoras) as novas técnicas de reprodução e transmissão da informação, os novos "media" e "intermedia" da comunicação de massas.

O *Serafim* de Oswald de Andrade, como o *Tristram* de Sterne, é um livro que, desde logo, põe em discussão a sua estrutura. Já no *Miramar* Oswald desenvolvera o projeto de um livro estilhaçado, fragmentário, feito de elementos que se deveriam articular no espírito do leitor, um livro que era como que a antologia de si mesmo⁶. Mas no *Miramar*, embora a pulverização dos capítulos habituais produza um efeito desagregador sobre a norma da leitura linear, não deixa de existir um rarefeito fio condutor cronológico, calcado no molde residual de um "Bildungs-roman", que nos oferece — em termos paródicos, é verdade — a infância, a adolescência, a viagem de formação, os amores conjugais e extraconjugais, o desquite, a viuvez e o desencanto meditativo do herói, o "literato"-memorialista cujo nome lhe dá o título.

Agora, no *Serafim*, a preocupação de Oswald com o arcabouço de seu livro o leva a uma espécie de *continuum* da invenção, a uma estrutura protética, lábil, de caixa-de-surpresas. Se no *Miramar* a grande inovação se punha sobretudo no nível da sintaxe da escritura, no nível microestético do encadeamento estilístico das unidades do texto (palavras e frases), aqui é a *grande sintagmática* da narrativa que merece a atenção especial do autor. No *Miramar*, pudemos reconhecer um estilo cubista ou metonímico, na maneira pela qual Oswald recombina os elementos frásicos à sua disposição, arranjando-os em novas e inusitadas relações de vizinhança, afetando-os em seu nexo de contigüidade, como se fôsse um pintor cubista a desarticular e

⁶ Cf. Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda, revista *Estética*, Livraria Odeon, R. Janeiro, nº 2, vol. I, ano II, pp. 218/222. Os críticos já reparavam: "Uma das características mais notáveis deste "romance" do Sr. Oswald de Andrade deriva possivelmente de certa feição de antologia que ele lhe imprimiu (...) A construção faz-se no espírito do leitor. Oswald fornece as peças soltas. Só podem se combinar de certa maneira. É só juntar e pronto".

rearticular, por uma ótica nova, os objetos fragmentados em sua tela. Agora, no *Serafim*, essa técnica cubista, êsse tratamento metonímico, parece ocorrer no nível da própria arquitetura geral da obra, na macroestrutura portanto⁷. O *Serafim* é um livro compósito, híbrido, feito de pedaços ou “amostras” de vários livros possíveis, todos êles propondo e contestando uma certa modalidade do gênero narrativo ou da assim dita arte da prosa (ou mesmo do escrever *tout court*). Cada um desses excertos ou *trailers* de livros virtuais funciona, no plano macro-sintagmático, no plano do arcabouço da obra, como uma alusão metonímica a um determinado tipo catalogado de prosa, convencional ou pragmática (de uso cursivo), que nunca chega a se impor totalmente ao esquema do livro oswaldiano para lhe dar uma diretriz uniforme, mas antes acena — num processo alusivo e elusivo — com um modo literário *que poderia ser e que não é*. A operação metonímica — ou mais exatamente a sinédoque, na fórmula *pars pro toto* da retórica tradicional (os pedaços de livros que, tomados pelo todo, indicam um certo gênero ou uma certa espécie no acervo literário inventariado), — adquire então função *metalingüística*, pois é por meio dela que o livro faz a crítica do livro (do romance em particular e, por extensão, da prosa e da escrita “artística” ou não). Neste exercício manifestamente paródico não deixa de ser passada em revista, de maneira caótica mas nem por isto menos significativa, a própria história do gênero romance, a sua diacronia. Wellek e Warren, expondo a teoria de André Jolles segundo a qual as formas literárias complexas representam o desenvolvimento de unidades mais simples (“Legende”, “Sage”, “Mythe”, “Rätsel”, “Spruch”, “Kasus”, “Memorable”, “Märchen”,

⁷ Ver o nosso estudo “Estilística Miramarina”, em *Metalinguagem*, Editora Vozes, R. Janeiro, 1967, pp. 87-97. Trata-se de uma análise baseada nos pólos da linguagem identificados por Roman Jakobson: a) o *metafórico*, que diz respeito às relações de similaridade (eixo paradigmático); b) o *metonímico*, que diz respeito às relações de contigüidade (eixo sintagmático). Cf. Krystyna Pomorska, *Russian Formalist Theory and its Poetic Ambiance*, Mouton, Haia, 1968, p. 82, “de acôrdo com a lingüística contemporânea essas categorias podem ser aplicadas em todos os níveis de atividade da linguagem”, donde ser lícita a extensão que ora fazemos.

"Witz"), observam que a maturidade do romance se nutriu também de "einfache Formen" como a carta, o diário, o livro de viagens, a memória, o ensaio, etc.⁸.

Ainda na projeção da metonímia sobre a *grande sintagmática* da narrativa, tal como ocorre no *Serafim*, é possível identificar um processo característico do cubismo: a colagem, a justaposição crítica de materiais diversos, o que em técnica cinematográfica parece equivaler de certo modo à montagem. A colagem — e mesmo a montagem — sempre que trabalhem sobre um conjunto já constituído de utensílios e materiais, inventariando-os e remanipulando-lhes as funções primitivas, podem se enquadrar naquele tipo de atividade que Lévi-Strauss define como "*bricolage*" (elaboração de conjuntos estruturados, não diretamente por meio de outros conjuntos estruturados, mas pela utilização de resíduos e fragmentos), a qual, se é característica da "*pensée sauvage*", não deixa de ter muito em comum com a lógica de tipo concreto, combinatória, do pensamento poético⁹.

Oswald, "*bricoleur*", fez um livro de resíduos de livros, um livro de pedaços metonimicamente significantes que nele se engavetam e se imbricam, de maneira aparentemente desconexa, mas expondo, através desse hibridismo crítico, disso que se poderia chamar uma "técnica de citações" estrutural, a vocação mais profunda da empresa oswaldiana: fazer um não-livro, um antilivro, da acumulação paródica de modos consuetudinários de fazer livro ou, por extensão, de fazer prosa (ou ainda, e até mesmo, de expressão por escrito). Antônio Cândido, num estudo fundamental sobre a prosa de Oswald, referiu-se ao *Serafim* como "fragmento de grande livro"¹⁰. Esta valorização, a

⁸ René Wellek e Austin Warren, *Teoria Literária*; citamos a tradução espanhola, Editorial Gredos, Madrid, 1959, p. 283.

⁹ C. Lévi-Strauss, "La Science du Concret", em *La Pensée Sauvage*, Plon, Paris, 1962, pp. 3-47. Ver também Paolo Caruso, "Lévi-Strauss e il bricolage", em *Almanacco Letterario Bompiani*, Milão, 1966, pp. 61-64; Roland Barthes, "Littérature et discontinu" e "L'activité structurale", em *Essais Critiques*, Éditions du Seuil, Paris, 1964, respectivamente pp. 186 e 214-218. [Tradução brasileira, por Leyla Perrone-Moisés, em Roland Barthes, *Crítica e Verdade*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1970.]

¹⁰ Antônio Cândido, "Estouro e Libertação", em *Brigada Ligeira*, Editora Martins, S. Paulo, s/ data (1945), pp. 11-30. No par de romances-invenções *Miramar/Serafim*, Cândido dá sua preferência ao *Mi-*

par do que revela de apreço de parte do crítico pelo experimento oswaldiano ("tem muito de grande livro", insiste Cândido em outra passagem), envolve uma restrição quanto a certo "comodismo estético" da técnica empregada, que não permitiria aprofundar os problemas de composição. Hoje, com a perspectiva adquirida nestes últimos vinte anos, a questão poderá talvez ser reformulada: justamente através da síncope técnica e do inacabamento dela resultante é que a construção ficava manifesta, é que a carpintaria do romance tradicional, como "prióm", como procedimento, era posta a descoberto. Retomando a definição de Antônio Cândido, gostaríamos de repropô-la assim: o *Serafim* é um grande não-livro de fragmentos de livro¹¹.

Para o reconhecimento das *grandes unidades sintagmáticas* que estruturam a mensagem narrativa num livro dado — ou, em outras palavras, que armam essa mensagem como corpo de linguagem sobre o eixo de contigüidade — há, desde logo, um elemento intencional de cesura, de pausa, que impõe limites estéticos aos ictos da ação ou da narração. Este elemento autoriza fazer coincidir, "grosso modo", num primeiro nível arquitetônico, tais *grandes unidades* com as divisões tradicionais em

ramar, que considera "um dos maiores livros da nossa literatura". Quanto a nós, preferimos não escolher e encarar a ambos como as faces complementares e de certo modo inscindíveis de um mesmo experimento.

¹¹ Esse modo de ser estético do *Serafim* faz dele uma instância daquilo que a semióloga Julia Kristeva chamou "intertextualidade" (diálogo de textos), com base na tese de Mikhail Bakhtin do "romance polifônico" de "estrutura carnavalesca", oposto ao romance tradicional, de tipo "monológico". Aliás, o *Serafim*, por sua natureza e temática, se presta à maravilha à exemplificação desse processo de "carnavalização" da literatura, popularesco e dessacralizador, cujas fontes Bakhtin rastreia na antigüidade greco-romana e na Idade Média. Cf. J. Kristeva, *Semeiotikè* ("Le mot, le dialogue, le roman"), Éditions du Seuil, Paris, 1969; M. Bakhtin, *Dostoevskij/Poetica e stilistica* (tradução italiana), Einaudi, Turim, 1968; *idem*, *Rabelais and his World* (tradução americana), M.I.T. Press, Cambridge, Mass., 1968.

episódios ou capítulos¹². Evidentemente que esta partição é artificial, responde a um certo ritmo exterior de construção e não à lógica íntima do encadeamento narrativo. Uma análise mais refinada vai reconhecer sob essas *grandes unidades* de superfície as verdadeiras funções constitutivas dos grandes sintagmas narrativos, as quais — sob a forma codificada de “blocos” ou “cadeias” de sintagmas do tipo “herói deixa a casa e se encontra com um adversário”¹³ — podem englobar mais de um episódio, mais de uma *grande unidade* naquela primeira acepção que demos ao conceito. Pois se é verdade que um capítulo pode ser constituído tanto por uma só frase como por muitas páginas¹⁴ — e temos exemplos de *grandes unidades* brevíssimas neste *Serafim* —, não é menos exato que uma única função (“fuga à perseguição”, por exemplo) pode recobrir — como também veremos no caso do *Serafim* — várias dessas unidades-episódios.

Feitas estas considerações, passemos à parte mais própria-mente analítica.

No sintagma de grau máximo (ou *sobressintagma*) que é o *Serafim* visto como todo — por outras palavras, na sua arquitetônica —, podemos distinguir, diferenciadas até pela caracterização gráfica, em lugar dos usuais capítulos de romance, e em lugar ainda das peças soltas, dos fragmentos de “antologia”, do *Miramar*, as seguintes *grandes unidades* (de superfície), dotadas de relativa autonomia:

¹² Tzvetan Todorov, em “L'Héritage Méthodologique du Formalisme”, revista *L'Homme*, vol. 5, janeiro-março 1965, p. 81, refere-se aos episódios como unidades sintagmáticas do sistema literário. [Tradução brasileira, por Leyla Perrone-Moisés, em T. Todorov, *As Estruturas Narrativas*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1969.]

¹³ Cf. Umberto Eco, *La Struttura Assente* (Introduzione alla ricerca semiologica), Bompiani, Milão, 1968, pp. 92 e 142.

¹⁴ Cf. T. Todorov, *ob. cit.*, p. 71. Pense-se na técnica de partição de capítulos de Machado de Assis, este grande precursor das inovações oswaldianas.

A) ESQUEMA DAS GRANDES UNIDADES (DE SUPERFÍCIE)	I —	RECITATIVO
	II —	ALPENDRE
	III —	FOLHINHA CONJUGAL
	IV —	TESTAMENTO DE UM LEGALISTA DE FRAQUE
	V —	NO ELEMENTO SEDATIVO
	VI —	CÉREBRO, CORAÇÃO E PAVIO
	VII —	O MERIDIANO DE GREENWICH
	VIII —	OS ESPLENDORES DO ORIENTE
	IX —	FIM DE SERAFIM
	X —	ERRATA
	XI —	OS ANTROPÓFAGOS

Estas unidades, por sua extensão e ingredientes, são mais simples ou mais complexas, podendo se resumir a uma rápida notação cenográfica (I — RECITATIVO) ou conter enclaves de material diverso, como é o caso de IV — TESTAMENTO.

Evidentemente, tudo é conduzido em pauta paródica, — e a paródia aqui, como no caso de Sterne ou de Joyce, é o meio natural para o “desnudamento do processo”.

I — RECITATIVO apresenta o protagonista à maneira de uma rúbrica teatral. Em II — ALPENDRE encontramos um excerto gaiato de cartilha (“Primeiro Contato de Serafim e a Malícia”); um quase retalho de composição infantil (“Recordação do País Infantil”) um estilo ingênuo-poético-malicioso que lembra o primeiro fragmento do *Miramar* (“O Pensieroso”); poemas-paródia (“Paráfrase de Rostand”, “Propiciação”), o primeiro assinado anagramaticamente — “Mifares” —, ao gosto dos vates de almanaque, e fazendo troça com o estilo ameno-sentimental de um autor finissecular que teve muita voga, Edmond Rostand; um excuro dedicado à iniciação amorosa e intitulado solenemente “Da Adolescência”, com êste subtítulo em contraponto humorístico: “ou seja A Idade em que a Gente carrega Embrulhos”¹⁵; uma cena dialogada de teatro bufô

¹⁵ Para se verificar como Oswald manipulava o dado meramente biográfico, integrando-o no seu texto, e por vèzes de maneira críptica, basta cotejar êste fragmento com a seguinte passagem das memórias reais

("Vacina Obrigatória"). III — FOLHINHA CONJUGAL é uma contrafação de diário íntimo, com freqüentes alusões "literárias" que funcionam como paródia dentro da paródia. Vejam-se por exemplo estas anotações, das quais ressaltam as preocupações e veleidades "beletristas" de Serafim (o barbarismo "pecedônimo" é um ingrediente óbvio da sátira):

"Ando com vontade de escrever um romance naturalista que está muito em moda. Começaria assim: "Por todo o largo meio disco da praia de Jurujuba, havia uma vida sensual com ares gregos e pagãos. O mar parecia um sátiro contente após o coito."

"A questão da impersonalidade em arte. O conhecimento com detalhes do escabroso caso Victor-Hugo-Sainte-Beuve...".

"Volto de nôvo a preocupar-me com o romance que imaginei escrever e que acho que sairá com pecedônimo. Tenho alguns apontamentos tomados sôbre o tipo principal, a jovem Marquesa de M...".

"É verdade, minha espôsa dá ganas de escrever um drama social em três atos tétricos."

"Saio à noite e procuro o Pires de Melo que lê-me pela terceira vez a sua encantadora novela "Recordação de um Ósculo."

O diário prossegue num apêndice ("O Terremoto Doroteu"), do qual foi extraída a última citação acima. Esse apêndice é introduzido por uma epígrafe em estilo de crônica mundana da época ("Salve Dorotéia! Dançarina dos tangos místicos,

do autor: "Caí afinal num bordel da Rua Líbero. Procurava, porém, dourar sempre de romantismo minhas visitas noturnas e rápidas. E muito me desgostei quando uma mulher que se desnudara no leito exclamou para mim: — Não precisa de tirar as botinas!" (*Um Homem sem Profissão*, Editora José Olympio, R. Janeiro, 1954, p. 101.) Muitos exemplos desse tipo serão facilmente rastreados mediante uma colação do *Miramar* e do *Serafim* com essas memórias oswaldianas.

flexão loira, bôca onde mora a poesia"). Dorotéia evoca Rolah do *Miramar*, e a epígrafe e a frase do "literato Pires de Melo" ("Tão loira que parece volatizar-se na manhã loira") recordam outra personagem daquele primeiro romance, Machado Penumbra, escrevendo impressões no "álbum de Mlle. Rolah" ("A sua loira e estranha divindade dominou a sala fantástica até extinguir-se a última nota da mágica orquestra"). Assim Oswald punha em ridículo a literatura "sorriso-da-sociedade", a fútil literatice de salão vigente em seu tempo (e sobrevivente ainda hoje!). Para que se possa avaliar a eficácia da paródia, leia-se êste excerto de um magazine da época, *A Cigarra* de 7.XII.1916 (nº 56):

"Carmem Lídia

Flor d'arte, de graça e de beleza, essa loira criança já intensamente palpita no sentimento estético do brasileiro. Quem é ela? — Uma pequenina grega tropical, que veste a *robe* ligeira de passeio e faz, como ninguém, a esquiva *boulevardière*; que cinge o *maillot* negro e, ágil, precipitar-se, como um turbilhão de vida môça, nas vagas do Flamengo: que se enroupa nas fantasias doidas de Salomé e faz renascer, no palco, o encanto bíblico da filha estranha de Herodíades...

Carmen Lídia está de passagem por São Paulo, com destino a Buenos Aires, onde vai iniciar a sua primeira *tour-née*, levando aos palcos das capitais sul-americanas, na perfeição da sua plástica, um raio vivo da nossa arte"¹⁶.

¹⁶ O trecho não é assinado, mas poderia ser inclusive do próprio Oswald, colaborador de *A Cigarra* (ver Paulo Mendes de Almeida, "A Cigarra literária", em Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 6-VI-64); o elemento de autocritica em Oswald, que se comportava como um "analista analisado", foi por nós examinado nos prefácios que introduzem as reedições do *João Miramar* (1964) e as *Poesias Reunidas O. Andrade* (1967), ambas da Difusão Européia do Livro.

TESTAMENTO DE UM LEGALISTA DE FRAQUE (IV), além do retrospecto das peripécias de Serafim na cidade conflagrada¹⁷, contém uma paráfrase de notícia político-jornalística ("Noticiário"); uma espécie de "objet trouvé" (um "Abaixo-assinado por alma de Benedito Carlindoga"); um "ensaio nirvanista" ("O Largo da Sé"), caricaturando os discursos sobre o óbvio de certa sublitteratura meditativo-filosofante; um "Cômputo" (que funciona como registro cenográfico, e cujas implicações veremos mais adiante); um "Intermezzo", combinando teatro bufo e romance de folhetim (êste anunciado pela pluralidade disjuntiva dos subtítulos: "Dinorá a todo cérebro ou seja A estranha mulher do Copacabana Palace ou seja A ex-peitudinha do Hotel Fracaroli ou seja O mais belo amor de Cascanova"). Aqui é oportuno observar que não apenas a literatura "cultivada", mas também as manifestações menos "nobres" do exercício da escrita — da imprensa popular à literatura folhetinesca, do romance de aventuras ao epistolário de circunstância — são convocadas por Oswald de Andrade, que assim, enquanto provoca o "estranhamento" do gênero *romance*, dissolvendo-lhe a categoricidade, o dessacraliza, utilizando o material "nobre" ou "artístico" — vejam-se certas passagens onde a intencionalidade da escritura estética é evidente, sobretudo nas descrições de lugares e ambientes que pontilham êste *Serafim* — ao lado do mais banal, da cartilha ao livro de cordel, do abaixo-assinado à carta, à intimação judicial, ao diário de "boudoir". Esta dessacralização, num outro nível, é desempenhada pelas súbitas intervenções, em anticlímax grotesco, de palavras chulas e do humor escatológico via trocadilho (veja-se, por exemplo, como Serafim encerra as suaz desavenças matrimoniais em "Terremoto Doroteu", apêndice da FOLHINHA CONJUGAL; ou, na mesma FOLHINHA, a mal sucedida aventura de Serafim com a criada...).

Mas voltemos ao exame das *grandes unidades* que articulam o livro. A quinta é NO ELEMENTO SEDATIVO. Embora

¹⁷ A inspiração bélica dêsse retrospecto é extraída da Revolução de 24, de que Oswald fôra um espectador aturdido, em companhia do suíço Blaise Cendrars (ver "O Caminho Percorrido", em *Ponta de Lança*, Editora Martins, S. Paulo, s/ data, pp. 123-125).

estejamos diante de uma "relação de viagem" em transatlântico ("steam ship") cosmopolita, a nota cômica é dada desde logo pela desfiguração "caipirizante" do nome do navio, *Rompe-Nuve*, como se se tratasse de um cavalo roceiro; o mesmo se diga da epígrafe ("Mundo não tem portera"), também em "dia-leto caipira". Entra aqui, entre outros ingredientes, um "dicionário de bolso", glossário de personagens, que tem algo a ver com o "Sottisier" e o "Dictionnaire des Idées Reçues" do *Bouvard et Pécuchet* de Flaubert. A história da Mariquinhas Navegadeira e das proezas do Pinto Calçudo a bordo é tratada à maneira das crônicas medievais e dos romances picarescos, com titulação apropriada ("Onde se constata a existência de Mariquinhas Navegadeira..."; "De como Pinto Calçudo, querendo fazer esporte...", etc.). Por êste veio Oswald remonta à literatura portuguesa de viagens dos séculos XV e XVI, que nos deu uma obra-prima, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, cuja estrutura autobiográfica é picaresca e cujo tom crítico e de cinismo ingênuo é também pícaro, como reparam agudamente Antônio José Saraiva e Oscar Lopes¹⁸. O relato converge para uma "Poesia de Bordo", onde se misturam arcaísmos: "gran", "assi"; estrangeirismos: "crêpe-santé", "mantô"; palavras ditas "poéticas": "zéfiro", "lúrida"; recursos voluntariamente histriônicos (rimas fáceis; a inversão sintática "Do navio as usinas"; a apócope "co" em lugar de "com"), tudo num clima de "pastiche" e derrisão. E culmina num curioso desenlace, com uma notação moderna ("Movietone"), alusiva a jornal cinematográfico, superposta ao cabeçalho medievalesco ("Interpelação de Serafim e definitiva quebra de relações com Pinto Calçudo"). Nesta cena chega ao auge o "desvendamento" do processo romanesco, pois, quebrando a ilusão e o distanciamento da leitura (até onde tais fatores ainda eram mantidos nesta obra "sui generis"), um dos protagonistas (Serafim) expulsa o outro (Pinto Calçudo) do livro:

¹⁸ Cf. *História da Literatura Portuguesa*, Pôrto Editôra Ltda., Pôrto, 5ª edição (s/ data; 1966?), pp. 311-316.

“— Diga-me uma coisa. Quem é neste livro o personagem principal? Eu ou você?”

De fato, o primeiro via ameaçada sua condição de “herói” da narrativa pela atuação cada vez mais destacada do segundo, que lhe rouba praticamente, por hipertrofia de intervenção, o episódio da Mariquinhas Navegadeira... Este efeito de quebra da ilusão e de autonomização das personagens, que rompem a moldura ficcional e parecem se projetar para fora do espaço romanesco, é repetido de certa forma no fragmento “Propaganda”, na seqüência do livro:

“Se Dona Lalá viesse agora de saias pelo joelho fazer as cenas indignas do começo do volume, nosso herói a fulminaria repetindo a frase de seu nôvo amigo, o Governador da Cochinchina:

— Não! Mas que educação é esta? Estaremos por acaso na Rússia?”.

CÉREBRO, CORAÇÃO E PAVIO é a sexta unidade estrutural a ser considerada. Abre com uma epígrafe da *História Trágica-Marítima*, compilação setecentista de folhetos relativos a naufrágios, os mais antigos dos quais remontam a meados do século XVI¹⁹. As epígrafes, no *Serafim*, têm sempre um propósito jocoso, por sofrerem uma deliberada deslocação de contexto, que lhes reverte a função, de séria para cômica, de edificante para burlesca e faceciosa (recorde-se a epígrafe de São Tomás de Aquino, que encima em tom equívoco o “Intermezzo”, em IV — TESTAMENTO)²⁰. Há, nesta parte,

¹⁹ Cf. *ob. cit.* na nota anterior, pp. 309-310 e 320. Observe-se, outrossim, que o título desta sexta unidade é uma paráfrase picante do camiliano *Cabeça, Coração e Estômago*.

²⁰ O estruturalista tcheco Jan Mukarovsky, estudando a “estética da linguagem”, mostra como a citação, a frase feita, a máxima podem adquirir eficácia estética quando “relacionadas de maneira semântica-

muito da poalha pontilhista de episódios do *Miramar*, dos fragmentos descritivos que fixam a estada parisiense e as peregrinações européias do primeiro herói oswaldiano. Não faltam ainda paródias em todos os níveis: poemas; cartas; lances oratórios; diálogos facetos em estilo de dramalhão; psitacismo de escola de idiomas ("A Aula" é uma retomada escatológica do poema "Escola Berlites", de *Pau Brasil*); inquisitório de tribunal puxado a literatura de cordel ("Serafim no Pretório — O bordel de Têmis ou Do pedigree de Pompeque"); um registro psicanalítico de sonho ("Confessionário"), etc. Nas vinhetas descritivas acima referidas, comparece o característico estilo cubista já por nós identificado no *Miramar*, e da contração metonímica deflagra muitas vezes a "metáfora lancinante":

"Um gramofone sentimentaliza o planêta e a alemãzinha atira os seios como pedradas no lago."

O que, em linguagem não perturbada pelos cortes metonímicos, pode ser "traduzido" da seguinte maneira: a) um gramofone emite música que produz efeito sentimental (em "um gramofone sentimentaliza" a causa eficiente é tomada pelo efeito); "planêta", objeto direto de "sentimentaliza", funciona como sínecdoque ("totum pro parte") em relação ao ambiente concreto em que se passa a cena (um lago suíço); b) a alemãzinha se debruça sobre o lago ou nêle mergulha (os seios, como num "close-up" cinematográfico, são focalizados em lugar do corpo inteiro); agora, a metáfora imprevista: c) os seios rijos da moça, voltados para o lago, são equiparados a "pedradas na água"; no verbo "atirar" se concentra tôda a carga explosiva da imagem, pois êle é ao mesmo tempo *metaforizado* (a ação de debruçar-se ou de mergulhar é comparada mentalmente à de disparar um projétil, que lhe assume o lugar na frase) e também *metonimizado* por força do inesperado objeto direto

mente inesperada com a unidade (contexto) em que são incluídas como elemento estranho" ("apud" Paul L. Garvin, *A Prague School Reader on Esthetics, Literary Structure and Style*, Georgetown University Press, Washington, 1964, p. 39).

para o qual sua ação transita (o detalhe anatômico dos seios elásticos, como pedras que alguém “atirasse” no lago, representa o corpo inteiro da jovem que se inclina para a água ou nela se “atira”).

O MERIDIANO DE GREENWICH é a sétima unidade compositiva, apresentada expressamente sob a forma de “Romance de Capa e Pistola” (notar a substituição maliciosa de “Espada” por “Pistola”...). Este suposto romance entra no livro como um encarte de “Biblioteca da Juventude”. Trata-se, outra vez, das peripécias de uma viagem marítima, como uma epígrafe atribuída a “Cristóvão Colombo e outros comissários de bordo”. O relato assume uma empostação “fidalga”, ao gosto dos romances de aventuras, com Serafim transformado em Barão Papalino e resquestando uma evasiva Dona Solanja. A linguagem acompanha o tom geral, com tratamentos cerimoniais e afetados (“Explicai-me, senhor Barão! / É-me fácil, minha senhora”), nos quais sempre intervém a contranota burlesca (“Permito tudo, senhor Barão, menos uma coisa, murmurou ela ruborizada”). Os capítulos desta noveleta têm títulos no mesmo espírito enfático-sentimental: “I — A Viva Morta! II — A mascarada flutuante. III — A sombra retrospectiva. IV — Vendetta!! e V — Epílogo Final” (aqui o pleonasma acentua a burla). Como nos romances de “capa-e-espada”, nos romances “românticos”, a efusão amorosa acaba em tragédia (no caso, porém, em tragicomédia, com uma fuzilaria “fállica” e um linchamento humorístico). Ainda como nesses romances, a intervenção de uma nova personagem “justicadora” (que se revela uma antiga “vítima” das aventuras serafínicas, a Dorotéia do “Terremoto Doroteu”) provoca o descabelado desenlace.

OS ESPLENDORES DO ORIENTE — a oitava unidade — é um episódio predominantemente conduzido no estilo descritivo-cubista do *Miramar*, fixando o cenário móvel das andanças de Serafim pela Grécia, Turquia, Egito, Palestina. Há um ritmo de romance policial nesta parte. Serafim (“nosso herói”) corre atrás de duas misteriosas “girls d’hoj’em-dia”, lésbicas e disponíveis. Entremeiam-se anotações erótico-facêtas do diário de “boudoir” de uma das “girls”, Caridad-Claridad, convertida ao amor heterossexual pelo infatigável Serafim.

IX — FIM DE SERAFIM abre com um poema de torna-viagem e fecha com um discurso de Serafim aos pósteros, cujo título é remanescente da parenética barrôca ("Pregação e Disputa do Natural das Américas aos Sobrenaturais de Todos os Orientes"). Como não podia deixar de ser, neste livro de "false starts" e "false ends", há ainda uma "Chave de Ouro" pós-conclusiva: uma panorâmica da evolução urbana de São Paulo, em traço sintético de pintura "pau brasil".

A décima unidade é uma ERRATA que faz as vezes de capítulo, tratando, em modo grave-cômico, ao gôsto das homenagens póstumas, da construção do "Asilo Serafim" pelos familiares e amigos do falecido herói. O primeiro hóspede dêsse manicômio memorial, "destinado ao tratamento da loucura sob suas formas lógicas", é justamente o pintor incumbido de retratar o defunto.

XI — OS ANTROPÓFAGOS é, porém, o verdadeiro fim do *Serafim*. Ou o recomêço de tudo (e do livro inclusive). Pinto Calçudo reentra em cena como capitão-pirata da nave "El Durasno" (antes disto houvera apenas uma breve alusão ao destino do co-herói expulso do romance, no fragmento final da parte VI: "Pinto Calçudo atolou numa francesa"). A linguagem é invadida por espanholismo estropiados (que grifam as fanfarronices do sobressalente herói-segundo), trocadilhos ((tombadilho/tombandilho) e citações "preparadas" ou deformadas (um longo excerto de *A Conquista Espiritual* do jesuíta e catequista Montoya, solertemente arrancado de seu contexto, dá o sinal de partida para o festim antropofágico). É um pandemônio com ressaibos de farsa medieval, de missa negra e ritual fálico. A utopia da viagem permanente e a reeducação, à maneira de Sade, da "virtude" pelo "vício", num exercício de liberdade total como radical negatividade. Como escreve Antônio Cândido em "Oswald Viajante": "Libertação é o tema do seu livro de viagem por excelência, *Serafim Ponte Grande*, onde a crosta da formação burguesa e conformista é varrida pela utopia da viagem permanente e redentora, pela busca da plenitude através da mobilidade"²¹.

²¹ Antônio Cândido, *O Observador Literário*, Comissão de Literatura, São Paulo, 1959, p. 91.

Por esta sumarização descritiva das *grandes unidades* que encadeiam o *sobressintagma* (ou sintagma de grau máximo) que é o livro, já podemos ver algo da função fabuladora que dentro e ao longo delas se delinea e perfaz. O *Serafim* é um portefólio de micro-enredos que, deslindados (e desprezada a miúda parafernália de eventos subsidiários), deixam articular-se um enredo de base, perturbado pela ambigüidade da sequência temporal: há um hiato cronológico, uma intercalação parentética, que fratura o tempo narrativo.

Em I — RECITATIVO tem-se um esboço de “situação inicial”²² — apresentação do herói, desenvolvida a seguir em II — ALPENDRE (infância, adolescência, emprêgo público, casamento). As peripécias conjugais e extraconjugais prosseguem em III — FOLHINHA. O miolo da ação ocorre em IV — TESTAMENTO, quando o herói transgride as normas da sociedade e do sistema e comete um “malfeito” segundo essas mesmas normas. Aproveitando-se do ambiente de conflagração que reina na cidade, Serafim rouba o dinheiro confiado ao filho, Pombinho, por tropas rebeldes, e mata Benedito Carlindoga, seu chefe na Repartição, o “tirano palpável”, que vivia a lhe repetir: “O país só pode prosperar dentro da Ordem, seu Serafim!”. Aparentemente, fuzila o próprio filho, o efebo Pombinho (que, porém, ressurgirá em X, masculinizado, de chapelão e cavalo):

“Vejo o fantasma do Carlindoga e do filho que matei. São eles, impassíveis, de fraque, chapéu alto. Passam conversando no meio das balas. Corretos, lustrosos, envernizados pela morte.
De pé! Dentro da Ordem!”

Em IV mesmo começa a “função de fuga”, com Serafim escapando de São Paulo para Copacabana (o “Intermezzo” com Di-

²² Acompanhamos aqui, mas apenas de longe e no possível, o esquema das funções da mensagem narrativa elaborado por Claude Bremond na esteira de Vladimir Propp. Ver revista *Communications*, Éditions du Seuil, Paris, n.º 4 (1964) e 8 (1966).

norá no Copacabana Palace). A “fuga” toma uma dimensão transatlântica em V (o mar é o “elemento sedativo” do título desse episódio). Serafim embarca no “Rompe-Nuve” em demanda de terras européias, acompanhado de seu secretário e ex-colega de Repartição, Pinto Calçudo, o qual é pôsto para fora do romance na conclusão de V. As andanças do foragido herói (ou anti-herói) continuam em VI (Serafim na França, em Madrid, nos lagos suíços), VII (viagem no “Conte Pilhanculo” e aventuras napolitanas) e VIII (viagem ao Oriente, no encalço das “girls”). Em IX dá-se a “fase de reparação”, com a função de perseguição e justicamento do herói-vilão. Aqui Oswald relativiza a sequência temporal, fazendo intervir uma transição abrupta, que desnorteia o leitor ao primeiro ingresso no livro. Há em IV — TESTAMENTO, depois do “Abaixo-assinado por alma de Benedito Carlindoga”, um “ensaio de apreciação nirvanista”, atribuído ao “Sr. Serafim Ponte-Grande-nôvo-rico”, com o título “O Largo da Sé”. Nesta digressão pseudo-filosófica em estilo de composição escolar, Serafim, o declarado autor do “ensaio”, surge já na condição de “nôvo rico”, locupletado no dinheiro roubado. Mas há um elemento de ambigüidade nesta dissertação ingênuo-caricata: trata-se, aparentemente, de uma reflexão de pós-viagem, com o herói peregrinante reentrado em seus lares, a descrever uma São Paulo revisitada e revista por olhos de expatriado:

“Quando um estrangeiro saudoso regressa à pátria e procura o Largo da Sé, encontra no lugar a Praça da Sé. Mas é a mesma coisa.”

Logo a seguir, sob o título “Cômputo” e o subtítulo “Efemérides, metempsicose ou transmigração de almas”, encontramos o herói no alto de um arranha-céu paulista, grimpado no canhão que ali colocara e com o qual abatera Benedito Carlindoga e Pombinho. Servindo-se do arranha-céu e do canhão nêle engravado como de um pódio, Serafim se apresenta candidato a edil, aparentemente também perante a multidão que, embaixo, observa seus atos, embora esta circunstância não esteja explícita. A notação é brevíssima, uma simples rubrica cenográfica

que fica em suspenso. Só em IX — FIM DE SERAFIM a cena é retomada, em dois lances: a) com um poema de retôrno ("Fatigado de minhas viagens... te procuro, caminho de casa") que faz par com a descrição do "Largo da Sé" revisitado; b) com a reintrodução de Serafim encarapitado no arranha-céu e manobrando o canhão. Já agora os bombeiros e a polícia o perseguem, incitados pelo povo. E é então que um raio justicador o fulmina, apesar do pára-raios que o precavido herói enfiara na cabeça... Entre o "Cômputo" (em IV) — título que carrega a idéia de cálculo final, de balanço — e o FIM DE SERAFIM (IX) abriu-se um enorme parêntese, operou-se um corte tmético como aquêles, famosos, do *Tristram Shandy*, que correm por páginas e páginas, permitindo a "expansão do material" intercalado²³. Assim, somos impelidos a considerar o sucedido em V a VIII (inclusive) como acontecimentos ("efemérides") desenrolados em "flash back" para o ponto-de-vista do protagonista na situação apresentada em "Cômputo" (IV) e só retomada em IX²⁴. Não é à toa que em "Cômputo" se fala também em "metempsicose ou transmigração das almas". Essa "transanimação" — reencarnação da alma de um ser humano morto em outro que lhe continua a vida (*meta + en + psykhe*) — faz pensar numa superação do espaço e do tempo. A "pregação" póstuma do Serafim finado (ou a finar-se) em IX — e não devemos esquecer que IV é apresentado também sob a forma de uma disposição testamentária, de um relato-testamento, embora se inscreva numa fase inicial do livro — orienta-se no mesmo sentido:

— Tudo é tempo e contra-tempo! E o tempo é eterno.
Eu sou uma forma vitoriosa do tempo. Em luta seletiva,

²³ Efeito estudado por V. Chklóvski na *ob. cit.* na nota 5. Ver também "Tristram Shandy's Anti-Book", posfácio de Gerald Weales à edição "Signet Classics", New American Library, Nova Iorque, 1962, da obra de Sterne.

²⁴ Tanto a palavra "cômputo", como a palavra "efemérides", têm conotações ligadas à apuração do tempo cronológico. A primeira significa também o processo pelo qual os calendaristas determinam o dia em que deve cair a Páscoa; a segunda, as tábuas astronômicas que indicam, dia a dia, a posição dos planetas no zodíaco.

antropofágica. Com outras formas do tempo: môscas, eletro-éticas, cataclismos, polícias e marimbondos!"

Esta ambigüidade no desenrolar cronológico dos eventos dá ao herói uma dimensão de perpetuidade temporal e de ubiqüidade. É ele que na falsa ERRATA "governa os vivos", ensandecendo o pintor de seu retrato memorial e inspirando depois o cruzeiro antropofágico de seu ex-secretário, Pinto Calçudo, ressurreto do limbo extra-livro para onde fora jogado em V. E não importa dizer que a cena final de Serafim no arranha-céu poderia também ser interpretada como um simples "retôrno ao local do crime". A extrema síntese de "Cômputo" implica, por si só, uma suspensão do tempo narrativo, um "signo dilatatório" que só encontra perfazimento na mente do leitor com a reproposição da mesma situação em IX. Tudo se passa, como diz Roland Barthes, num "tempo semiológico", que reduz o tempo real a uma "ilusão referencial"²⁵.

Outras passagens há, ainda, a considerar, neste jôgo de elementos progressivo-regressivos, de antecipações e recuos, que se instala em certos pontos do *Serafim*, como alçapões abertos onde se despenha a convenção da continuidade cronológica da ação e mesmo a lei da probabilidade ficcional.

Em I — RECITATIVO, na brevíssima primeira aparição do herói ao leitor, Serafim já comparece numa fase de seu "curriculum vitae" que só poderíamos situar apropriadamente em IV, no momento em que ele transgride a "ordem" constituída, aproveitando-se do convulsionamento beligerante da cidade ("Foram alguns militares que transformaram a minha vida", — eis a "pista" cronológica que nos permite recolocar no seu devido encaixe esta cena introdutória, que nos é projetada por Oswald como um "slide" fora da seqüência). Esta cena, ou registro cenográfico, vale ainda como um aceno autobiográfico. Nela, excepcionalmente, o relato é conduzido na primeira pessoa. O pronome "eu", na lição de Benveniste, marca a "subjetividade do discurso", por oposição ao pronome "êle", que caracteriza a "objetividade do raconto" (Benveniste distingue por

²⁵ "Introduction à l'analyse structurale des récits", revista *Communications*, Éditions du Seuil, Paris, nº 8, 1966, p. 12.

esta via entre *discours* e *récit*)²⁶. O eu-locutor comparece outra vez no prefácio do livro, onde a "persona" de Serafim é assumida criticamente pelo autor. Há ainda neste apêlo pessoal do autor, que se apresenta de maneira direta, "performativa", ao leitor, como "personagem através de uma vidraça", um efeito preambular de "quebra de ilusão". O leitor é jogado entre a "ficção" (o comparecimento ficcional de uma personagem) e a "confissão" (a presença autobiográfica do autor-narrador), para nos valermos de uma feliz paronomásia de Antônio Cândido.

Também em VI — CÉREBRO, CORAÇÃO E PAVIO, no fragmento "Patinagem", a irrupção de Dona Lalá no "Palais de Glace" em Paris:

"Grudam-lhe lâminas nas sólidas patas e soltam-no como um palhaço para gôzo de Dona Lalá",

contra todo o verossímil e o possível (já que a ex-consorte de Serafim ficara no Brasil, fugida com o Manso da Repartição, — ver IV — TESTAMENTO), é uma chamada mnemônica, uma interferência do tempo psicológico sobre o tempo supostamente real. Há uma cláusula condicional virtual, implícita nesta alusão desnorteante. Serafim faz uma triste figura como patinador bisonho, e logo imagina o prazer que sua Xantipa de "voz amarela" haveria de tirar de seu desastrado desempenho, *se o estivesse presenciando*. Na resolução sintática, porém, a ação efetiva e a evocação da memória se fundem num mesmo presente do indicativo ("soltaram-no") seguido de um complemento final ("para gôzo de Dona Lalá"). Os dois planos ficam assim imbricados, produzindo-se a sensação de ilogismo, de infração à seqüência e à causalidade lógicas.

Finalmente, em "Pórtico" (VIII — ESPLENDORES DO ORIENTE), damos com Serafim de binóculos, contemplando

²⁶ "Apud" Gérard Genette, "Frontières du récit", revista *Communications*, nº 8 (1966), pp. 159-160. T. Todorov, "Les catégories du récit littéraire" (*idem*, p. 145), retoma o filósofo inglês John Austin, cujos conceitos são estudados por Benveniste, para falar, correlatamente, em "dois modos do discurso, constativo (objetivo) e performativo (subjetivo)".

o pôrto grego do Pireu, e sucessivamente em Pera, o bairro europeu de Istambul, e no Egito, à vista do Nilo. Caridad-Claridad, uma nova personagem feminina, é introduzida *ex abrupto* por meio de uma das características “metáforas lancinantes” oswaldianas:

“Ora, Caridad-Claridad era um tomate na cachoeira dos lençóis.”

Só a seguir, numa súbita transição de cena, vem a “motivação”²⁷ do artifício, motivação que, na ordem da cronologia romanesca, se pode comparar à *prolepse* da retórica tradicional (figura pela qual se altera na exposição a ordem dos eventos, de modo a antecipar o que será uma consequência do que segue). De fato, a tomada seguinte nos apresenta Serafim em seu quarto de hotel parisiense, sendo visitado pela “girl-d’hoj’em dia”, Pa-funcheta, que lhe anuncia uma viagem para o Oriente, em companhia de outra “girl”, Caridad. O herói vai-lhes ao encalço. E só muitas cenas adiante, depois de várias peripécias excursionistas e de um persistente assédio amoroso de Serafim, temos o deslinde da metáfora inicial, agora repetida e explicitada:

“Amanhecia sôbre o Cataract-Hotel. Caridad acordou como um tomate nos lençóis. Estava na cama de nosso herói.”

A estrutura profunda do *Serafim*, como mensagem narrativa, postos entre parênteses os numerosos elementos digressivos que se incrustam nas suas “grandes unidades” de superfície,

²⁷ Valha esta expressão no sentido que lhe dá o formalismo russo: razão que governa o uso de um artifício particular, podendo incluir tudo, desde o propósito do autor de chocar o leitor, até a necessidade de providenciar suportes específicos, requeridos pela ação. Cf. Lee T. Lemon e Marion J. Reis, *Russian Formalist Criticism*, University of Nebraska Press, Lincoln, 1965, p. 30, nota 9.

e repostos em ordem de sucessão normal os seus "fabulemas" (ou funções agenciadoras da fábula), é, esquematicamente, redutível a um novo diagrama, este porém de natureza "funcional". De fato, se considerarmos as personagens como "unidades paradigmáticas" do sistema literário (T. Todorov)²⁸, teremos que a análise das funções agenciadoras da mensagem narrativa, em sua estrutura profunda, nada mais é do que uma forma de projeção do paradigma sobre o sintagma (o que soa, do ponto de vista da semiologia da narrativa, como um corolário do axioma fundamental da poética jakobsoniana). De fato, para Propp, pai desse tipo de análise, "a função representa o ato de uma personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenvolvimento da ação". Esta personagem funcional (e não psicológica) é o "actante" de Greimas, "personagem definida pelo que ela faz, não pelo que ela é" (Barthes)²⁹. Assim, a uma análise funcional, a *grande sintagmática* de superfície do livro (episódios) encobre as seguintes "esferas de ação" fabular, constituídas pelas "funções" desempenhadas pelos "actantes" (funções no sentido de "fabulemas", como antes as designamos):

- | | | |
|---|---|---|
| B) ESQUEMA FUNCIONAL (GRANDES UNIDADES PROFUNDAS) | { | 1º MOVIMENTO: |
| | | a) situação inicial (I + II + III); |
| | | b) transgressão da ordem (IV); |
| | | c) fuga (IV, desde "Intermezzo" + V + VI + VII + VIII); |
| | | d) perseguição e punição (IX). |
| | | 2º MOVIMENTO: |
| | | b ₁) nova transgressão da ordem (X e sobretudo XI); |
| | | c ₁) fuga e impunidade (XI). |

²⁸ Ob. cit. na nota 12, loc. cit. [tradução brasil. cit., p. 50.]

²⁹ Ob. cit. na nota 25, p. 17. A definição de Propp está em *Morfologia della Fiaba* (tradução italiana do original russo de 1928), Einaudi, Turim, 1966, p. 27. .

No 2º MOVIMENTO, que abrange duas *grandes unidades* superficiais, ERRATA (X) e OS ANTROPÓFAGOS (XI), há uma reproposição em modo amplificado de “b” e “c”. Sob o influxo do herói “justicado” — cuja simples evocação memorial tem o poder eversivo de enlouquecer o pintor incumbido de retratá-lo “post mortem” —, Pinto Calçudo, secretário-avataar do defunto, contesta novamente a ordem estabelecida, agora em termos absolutos, instaurando uma desordem perene (b_1). Conseqüentemente, a fuga à punição é autonomizada sob a forma de viagem permanente, insuscetível agora e por isso mesmo de sanção (c_1). O livro desemboca num devir utópico — a sociedade antropofágica, livre e redenta, perpétuamente “aberta” em razão de sua própria mobilidade. Isto exclui toda a possibilidade de uma eventual função d_1 . Como sintetiza Antônio Cândido: “Sob a forma bocagiana de uma rebelião burlesca dos instintos, Oswald consegue na verdade encarnar o mito da liberdade integral pelo movimento incessante, a rejeição de qualquer permanência”³⁰.

A sanção (d_1) extrapola então da ordem fabular para a ideológica. É no prefácio do *Serafim* — um dos mais impressionantes documentos de nosso Modernismo, desabusada página de crítica e autocrítica, balanço contundente de um contexto histórico-social e de um conflito pessoal nêle inscrito — que a utopia do *Serafim* é “justicada” retrospectivamente por seu autor, agora falando na primeira pessoa biográfica. Manifestando a sua vontade de “ser, pelo menos, casaca de ferro na Revolução Proletária”, o Oswald engajado, que emerge para o teatro de tese da década de 30 e para a tentativa de mural social do *Marco Zero*, na década de 40, define o seu segundo romance-invenção como: “Necrológio da burguesia. Epitáfio do que fui”. Mas o *Serafim* parece ter sete fôlegos. Seu estouro anárquico poderia ser “relido” hoje na perspectiva marcusiana da recusa, contra o pano-de-fundo do mundo administrado, onde as revoluções parecem converter-se rapidamente em estilemas retóricos e a ideologia monolitizada esvazia-se de conteúdo dialético. No universo do discurso incontestado, o *Serafim*, na forma como no fundo (par isomórficamente inscindível, de

³⁰ Ob. cit. na nota 21, p. 92. .

resto)³¹, oferece uma rara instância textual — crítica, dialógica — de permanente e vivificador inconformismo. É assim, por exemplo, que Giuseppe Ungaretti, numa página comovida publicada pouco antes de sua morte (o prefácio à tradução italiana do *Miramar*), vê a antropofagia oswaldiana: “um modo ante litteram do que hoje se costuma chamar — sem que contenha, senão raramente, a arte do argumento paradoxal e a poesia mordente e alegre de Oswald — contestação”³².

Aqui se põe uma reflexão de Theodor W. Adorno, quando este autor, passando em revista a evolução do romance moderno, mostra que aquilo que se chama *formalismo* em terminologia pejorativa é, afinal, o verdadeiro *realismo*. Esse *formalismo* não falseia o real, procurando uma inexistente conciliação da realidade e do sujeito através de uma forma romanesca ilusoriamente ordenada e pacificada, mas replica à sua concreta problematidade, problematizando em igual medida a estrutura da obra. Isto se dá, por exemplo, com a destruição do “continuum” temporal empírico em Joyce e Proust. “Destrói-se o “continuum” temporal empírico em Joyce, e também em Proust, porque a unidade biográfica dos currículos vitais se mostra inadequada à lei formal, exteriormente, e à experiência subjetiva à luz da qual essa lei se configura (...) Assim um tal procedimento literário entra em convergência com a dilaceração do “continuum” temporal na realidade, com o perecimento de uma experiência, perecimento que, por seu turno, remonta afinal ao processo tecnizado de produção de bens materiais, alheio ao tempo”³³.

A anarco-forma do *Serafim* é o “*habitat*” natural da consciência dilacerada de seu autor, que, no limiar de uma assunção

³¹ Prudente de Moraes Neto (“apud” Mário da Silva Brito, “As Metamorfoses de Oswald de Andrade”, *Ângulo e Horizonte*, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1969, p. 24) parece ter visto muito bem este aspecto, quando, depois de classificar o *Miramar* e o *Serafim* como “os irmãos brasileiros e de após guerra de *Bouvard et Pécuchet*, salienta que, em Oswald “a forma é inseparável do conteúdo”.

³² Oswald de Andrade, *Memorie Sentimentali di Giovanni Miramare*, Feltrinelli, Milão, 1970..

³³ Th. W. Adorno, “Voraussetzungen (aus Anlass einer Lesung von Hans G. Helms)”, revista *Akzente*, Munique, nº 5, outubro 1961, pp. 463-478.

crítica e de uma definida investidura ideológica, precisava de um brusco choque desalienador para converter essa negatividade em positividade. Mas a obra, como objeto, transcende as circunstâncias de seu sujeito transitório, e ganha um conteúdo prospectivo que pode compensar, mais adiante, as crises dessa mesma profissão de certeza e fé militante. Pois, como já observou Mário da Silva Brito, “por espantoso que pareça, Oswald era um moralista e, nessa condição, lutou pela mudança dos costumes sociais e políticos, literários e artísticos, numa ânsia de contribuir para a libertação do homem e do seu pensamento ético e estético”³⁴. A recuperação, em novos termos, do conteúdo antropofágico do *Serafim* é o que Oswald tentará fazer em sua tese *A Crise da Filosofia Messiânica*, no comêço da década de 50, no clima de desencanto e de frustração do stalinismo. Afinal, a obra de arte é um “sistema conotativo”; sua “mensagem segunda” deixa-se enriquecer continuamente pela história, e a possibilidade de sua releitura em modo sempre nôvo é um dado fascinante da relação dialética entre a série literária, de um lado, e a série social, de outro.

Ajunte-se, para concluir, que, nessa tese oswaldiana, a “vis anthropophagica” do “Manifesto” de 1928, da *Revista de Antropofagia* e do capítulo terminal do *Serafim*, é reencontrada, tingida agora de existencialismo, e passa a ser um instrumento para a revisão de todos os “messianismos”, entre os quais Oswald inclui o marxismo “institucionalizado” e burocrático. A perspectiva utópica, depois desenvolvida por Oswald numa série de artigos (“A Marcha das Utopias”, 1953), busca na aspiração às transformações sociais sua dimensão revolucionária e na tecnologia seu conteúdo concreto. Oswald vislumbra uma nova Idade de Ouro, uma cultura antropófago-tecnológica, na qual o homem natural tecnizado, sob a égide do matriarcado (vale dizer, sem as amarras da família, da propriedade e do Estado de classes, próprias da cultura patriarcal, “messiânica”), redescobrirá a felicidade social e o ócio lúdico, propício às artes³⁵.

³⁴ *Ob. cit.* na nota 31, p. 42.

³⁵ Comparar a utopia oswaldiana com a “sociedade fria” entrevista por Lévi-Strauss (“Leçon inaugurale”, Collège de France, 5-1-1960); com a sociedade “retribalizada”, de Marshall McLuhan (*Understanding Media*, 1965); no que tange à arte e à técnica, com o pensamento marxiano na interpretação de Kostas Axelos (*Marx, Penseur de la Technique*, 1961).

Serafim Ponte Grande

O MAL foi ter eu medido o meu avanço sôbre o cabresto metrificado e nacionalista de duas remotas alimárias — Bilac e Coelho Neto. O êrro ter corrido na mesma pista inexistente.

Inaugurara o Rio aí por 16 ou 15. O que me fazia tomar o trem da Central e escrever em francês, era uma enroscada de paixão, mais que outra veleidade. Andava comigo pra cá pra lá, tresnoitado e escrofuloso, Guilherme de Almeida — quem diria? — a futura Marquesa de Santos do Pedro I navio!

O anarquismo da minha formação foi incorporado à estupidéz letrada da semicolônia. Freqüentei do repulsivo Goulart de Andrade ao glabro João do Rio, do bundudo Martins Fontes ao bestalhão Graça Aranha. Embarquei, sem dificuldade, na ala molhada das letras, onde esfusiava gordamente Emílio de Menezes.

A situação “revolucionária” desta bosta mental sul-americana, apresentava-se assim: o contrário do burguês não era o proletário — era o boêmio! As massas, ignoradas no território e como hoje, sob a completa devassidão econômica dos poltícos e dos ricos. Os intelectuais brincando de roda. De vez em

quando davam tiros entre rimas. O único sujeito que conhecia a questão social vinha a ser meu primo-torto Domingos Ribeiro Filho, prestigiado no Café Papagaio. Com pouco dinheiro, mas fora do eixo revolucionário do mundo, ignorando o Manifesto Comunista e não querendo ser burguês, passei naturalmente a ser boêmio.

Tinha feito uma viagem. Conhecera a Europa "pacífica" de 1912. Uma sincera amizade pela ralé noctívaga da *butte* Montmartre, me confirmava na tendência carraspanal com que aqui, nos bars, a minha atrapalhada situação econômica protestava contra a sociedade feudal que pressentia. Enfim, eu tinha passado por Londres, de barba, sem perceber Karl Marx.

Dois palhaços da burguesia, um paranaense, outro internacional "*le pirate du lac Leman*" me fizeram perder tempo: Emílio de Menezes e Blaise Cendrars. Fui com eles um palhaço de classe. Acoroçado por expectativas, aplausos e quíleras capitalistas, o meu ser literário atolou diversas vezes na trincheira social reacionária. Lógicamente tinha que ficar católico. A graça ilumina sempre os espólios fartos. Mas quando já estava ajoelhado (com Jean Cocteau!) ante a Virgem Maria e prestando atenção na Idade Média de São Tomás, um padre e um arcebispo me bateram a carteira herdada, num meio-dia policiado da São Paulo afarista. Segurei-os a tempo pela batina. Mas humanamente descri. Dom Leme logo chamara para seu secretário particular a pivete principal da bandalheira.

Continuei na burguesia, de que mais que aliado, fui índice cretino, sentimental e poético. Ditei a moda Vieira para o Brasil Colonial no esperma aventureiro de um triestino, proletário de rei, alfaiate de Dom João 6º.

Do meu fundamental anarquismo jorrava sempre uma fonte sadia, o sarcasmo. Servi à burguesia sem nela crer. Como o cortesão explorado cortava as roupas ridículas do Regente.

O movimento modernista, culminado no sarampão antropofágico, parecia indicar um fenômeno avançado. São Paulo possuía um poderoso parque industrial. Quem sabe se a alta do café não ia colocar a literatura nova-rica da semicolônia ao lado dos custosos surrealismos imperialistas?

Eis porém que o parque industrial de São Paulo era um parque de transformação. Com matéria-prima importada. As vêzes originária do próprio solo nosso. Macunaíma.

A valorização do café foi uma operação imperialista. A poesia Pau-Brasil também. Isso tinha que ruir com as cornetas da crise. Como ruiu quase tôda a literatura brasileira "de vanguarda", provinciana e suspeita, quando não estremamente esgotada e reacionária. Ficou da minha êste livro. Um documento. Um gráfico. O brasileiro à-toa na maré alta da última etapa do capitalismo. Fanchono. Oportunista e revoltoso. Conservador e sexual. Casado na polícia. Passando de pequeno-burguês e funcionário climático a dançarino e turista. Como solução, o nudismo transatlântico. No apogeu histórico da fortuna burguesa. Da fortuna mal-adquirida.

Publico-o no seu texto integral, terminado em 1928. Necrológio da burguesia. Epitáfio do que fui.

Enquanto os padres, de parceria sacrílega, em São Paulo com o professor Mário de Andrade e no Rio com o robusto Schmidt, cantam e entoam, nas últimas novenas repletas do Brasil:

No céu, no céu
com "sua" mãe estarei!

eu prefiro simplesmente me declarar enojado de tudo. E possuído de uma única vontade. Ser pelo menos, casaca de ferro na Revolução Proletária.

O caminho a seguir é duro, os compromissos opostos são enormes, as taras e as hesitações maiores ainda.

Tarefa heróica para quem já foi Irmão do Santíssimo, dançou quadrilha em Minas e se fantasiou de turco a bordo.

Seja como fôr. Voltar para trás é que é impossível. O meu relógio anda sempre para a frente. A História também.

Rio, fevereiro de 1933.

OSWALD DE ANDRADE



Recitativo



A paisagem desta capital apodrece. Apareço ao leitor. Pelotari. Personagem através de uma vidraça. De capa de borracha e galochas. Foram alguns militares que transformaram a minha vida. Glória dos batizados! Lá fora, quando secar a chuva, haverá o sol.

Alpendre

**Passarinho avuô
Foi s'imbora**



PRIMEIRO CONTATO DE SERAFIM E A MALÍCIA

A — e — i — o — u

Ba — Be — Bi — Bo — Bu

Ca — Ce — Ci — Co — Cu

20 ANOS DEPOIS

— Apresento-lhe a palavra “bonificação”

— Muito prazer...

RECORDAÇÃO DO PAÍS INFANTIL

A estação da estrêla d'alva. Uma lanterna de hotel. O mar cheiinho de siris.

Um camisolão. Conchas.

A menina mostra o siri.

Vamos à praia das Tartarugas!

O menino foi pegado dando, atrás do monte de areia.

O carro plecpleca nas ruas.

O trem vai vendo o Brasil.

O Brasil é uma República Federativa cheia de árvores e de gente dizendo adeus.

Depois todos morrem.

PARÁFRASE DE ROSTAND

Tomei de tal maneira

A tua cabeleira

Como um clarão

Que como quando a gente fixa o Astro-Rei

Só enxerga ao depois rodelinhas vermelhas

Assim também quando eu deixo

Os fogos de que tu m'inundas

Meu olhar espantado

Pousa as manchas em que tu abundas

MIFARES

Da Adolescência

Ou Seja

A IDADE EM QUE A GENTE CARREGA EMBRULHOS

A loira. A morena. O pai da morena. Os irmãos musculosos da loira. Ele toma capilé na venda de Seu Pascoal.

A loira deixa-se apalpar como uma janela. No escuro. Numa noite de adultério ele penetra na Pensão da Lili. Mas ela diz-lhe que não precisa de tirar as botinas.

PROPICIAÇÃO

Eu fui o maior onanista de meu tempo
Tôdas as mulheres
Dormiram em minha cama
Principalmente cozinheira
E cançonetista inglêsa
Hoje cresci
As mulheres fugiram
Mas tu vieste
Trazendo-me tôdas no teu corpo

Vacina Obrigatória

Delegacia da autoridade que tem a cara arguta das 23 horas e procura um esparadrapo para o pudor da Lalá. Entre uma maioria de soldados — nosso herói. Brasileiro. Professor de geografia e ginástica. Nas horas vagas, 7º escriturário. Serafim Ponte Grande.

Lalá atirou-se do viaduto do escândalo ao primeiro sofá.

A autoridade — Estais no hall do templo da justiça! Peço compostura ou pôr-vos-ei no xilindró nº 7! de cócoras!

Benevides — Doutor! Minha senhora sabe que terá de conter sua dor de progenitora diante de V. Exa!

Benevides é estrêla.

*A autoridade — Eu compreendo que vós todos desejais o sacramento do matrimônio. Mas, modéstia à parte, no meu fraco parecer, o *conjugo vobis*...*

Lalá — Ih! Ih! Pi! Fi! Fi! Ih!

A autoridade — Que falta de noção do pundonor!

Mme. Benevides — Foi êsse sem-vergonha, seu doutor! Ela não era assim, quando estava perfeita...

Benevides — Eu faço questão do casamento só por causa da sociedade!

Com um barbante invisível, puxa o police verso dos bigodes.

Lalá — Foi o Tonico, t'ái

Benevides — Quem minha filha?

Lalá — Já disse, pronto!

Serafim — Garanto-lhe, doutor, que foi o Tonico.

Mme. Benevides — Foi êle, seu doutor!

Serafim — Perdão! Eu não costumo mentir nem faltar com a verdade!

Mme. Benevides — Olhe que eu conto! Bom!

Lalá — Eu acho que foi o Tónico...

Mme. Benevides (no primeiro plano) — Um dia, eu tinha chegado da feira e espiei pelo buraco da fechadura, a tal lição de geografia!

Lalá — Era ginástica.

Benevides — Respeitem este recinto!

Lalá — Com este frege, ainda não jantei.

Mme. Benevides (ao futuro genro) — Lata de lixo!

Sai pela direita

Lalá — (*soluçando*) — Serafim, escolha... ou você casa comigo ou eu vou para um alcouce!

Serafim — Isso nunca!

Vozes — Então casa! Casa! Casa!

Uma voz — Faz o casamento fiado!

Serafim — Mas andaste duas vezes de forde com o Batatinha!

Lalá — Por isso que eu estava ficando louca lá em casa!

O soldado abre as grades das maxilas. Conduzem Serafim gado e séquito para debaixo do altar da Imaculada Conceição.

Folhinha Conjugal

Ou Seja

Serafim no Front

Quinta-feira

Partida de bilhar com o Manso da Repartição. Joguei mal. Pequena emoção guerreira.

Lalá quer passar o inverno em Santos. Já fiz os cálculos e vi que o ordenado não dá, mesmo com os biscates.

No entanto, deve ser muito bom mudar de casa e de ares, de objetos de uso familiar e de paisagem quotidiana. Seria excelente para mim, homem de sensibilidade que sou. E quem sabe se também mudar de paisagem matrimonial. *Sed non possumus!* como se canta no intróito da missa.

Têrça-feira

Ando com vontade de escrever um romance naturalista que está muito em moda. Começaria assim: "Por todo o largo meio disco de praia de Jurujuba, havia uma vida sensual com ares gregos e pagãos. O mar parecia um sátiro contente após o coito".

Nota: Não sei ainda se escreverei a palavra "coito" com tôdas as letras. O arcebispo e as famílias podem ficar revoltados. Talvez ponha só a sílaba "coi" seguida de três pontinhos discretos. Como Camões fazia com "bunda".

Quarta-feira

Inesperada enfermidade de Lalá. Cheguei a converter-me de nôvo ao catolicismo. As três crianças berravam em tórno do leito materno. Quadro digno do pincel de Benedito Calixto.

Sexta-feira

Chove. Verdadeira neurastenia da natureza.

Sábado

Eu preciso é largar de besteira, me aperfeiçoar e seguir a lei de Deus!

Domingo

Benedito Carlindoga, meu chefe na Escarradeira (vulgo Repartição Federal de Sancamento) partiu para a Europa, a bordo do vapor *Magellan*. Vai se babar ante o saracoteio desengonçado e lúbrico das personagens de Guy de Maupassant.

Têrça-feira

Dieta de cachorro por causa do vinho Barbera que bebi ontem, festa dos italianos, em companhia de meu prezado colega e amigo José Ramos Góis Pinto Calçudo, a fim de celebrarmos a brecha de Porta Pia.

Lalá e o Pombinho (Pery Astiages) invadem o repouso contemplativo de minha sala de visitas. Estou convencido de que as seis cadeiras enfronhadas em branco, o espelho, a gôndola de Veneza, o retrato do Marechal de Ferro, tudo tem vontade de disparar.

Piano. Os sinos de Corneville.

Resposta de Lalá à minha queixa:

— Você precisa pagar a prestação do mês passado. Se não o homem vem buscar o Stradivarius.

Mais Stradivarius.

— Que valsa é essa?

— *Le lendemain du mariage.*

Quarta-feira

Salvas de canhão anunciam o feriado nacional. Não vou à parada. Estou ficando anti-militarista.

Quinta-feira

O bataclan doméstico despenca para a cidade de bonde. Comemos empadas e doces no Fazoli. Depois, cinema. Ao lado das ironias vestidas de pano de almofada que constituem a minha família, vejo desfilar no écran luminoso os ambientes altamente five-o'clock da Paramount Pictures.

Quarta-feira

Parece que Deus quer ver no primeiro dia dêste ano inteiramente evoluída a minha transformação psíquica, tantas vêzes ameaçada pelos acontecimentos.

Primeira etapa: Março-Abril. Amizade com o Celestino Manso que, vamos e venhamos, me incutiu uma outra orientação na vida. A questão da impersonalidade em arte. O conhecimento com detalhes do escabroso caso Víctor Hugo-Sainte Beuve, etc., etc.

Segunda etapa: Maio a Setembro. Reabilitação da indumentária. Fraque sem colête e botinas americanas. Sabendo da sugestão dos ambientes sôbre a existência, disponho-me a alargar o círculo dos meus amigos (salvo seja!). Há muito mais gente boa, por aí do que se propala.

Terceira etapa: até os dias presentes. Tendências de economia. Reação contra os gestos atávicos de Dona Lalá, a telefonista!

Têrça-feira

Vou tomar chá, hoje, às oito horas, em casa do Comendador Sales. É o Manso quem me reboca. Um dia, hei de comprar um Ford a prestações.

Domingo

Miserável despertar de sensualismo. Releio as apimentadas memórias de Jacques Casanova.

Têrça-feira

Dia dos anos do Pinto Calçudo. Vou dar-lhe de presente um suspensório azul-pavão.

Volto de nôvo a preocupar-me com o romance que imaginei escrever e que acho que sairá com pecedônimo. Tenho alguns apontamentos tomados sôbre o tipo principal, a jovem Marquesa de M... Quando o sedutor, o invencível galã Álvaro Velasco, inicia a sua ofensiva por debaixo da mesa de jantar, ela retira bruscamente o pèzinho. Nota humorística: a Marquesa tem um calo.

Continuo a viver uma vida acanhada. Só vejo um remédio para me moralisar — cortar a incômoda mandioca que Deus me deu!

Sábado

O Pinto Calçudo observa sensatamente, ao bilhar, que se houvesse uma fôrça dupla, tripla, múltipla, etc., as bolas teriam sempre que dar.

Domingo

Lalá me envelhece. Mas também me galvaniza. Tenho ímpetos de largar esta gaita e dar o fora. Um fora sensacional!

Segunda-feira

Ontem, boa conversa com o Manso sobre o tipo requintado de Fradique Mendes. Ele mora com uma tia. Almocei lá. Bebemos cerveja.

Sexta-feira

Desenvolvimento imprevisto da tragédia íntima que as Doze Tábuas da Lei me obrigaram a fazer. Lalá, depois de uma vasta fita, propôs o divórcio. Eu aceitei sem pestanejar. E berrei trepado numa cadeira: A vinculo, minha senhora!

Domingo

Nada mais incômodo do que esse negócio de ter filhos sem querer.

Para evitarmos os abortos levados a termo e os outros que Lalá vive provocando com risco da própria vida, o Pinto Calçudo me ensinou um remédio muito bom.

Ontem à noite, depois de termos feito as pazes, estávamos conversando sobre Freud, eu e ela e ficamos excitadíssimos. Mesmo vestida, tirei-lhe as calças. Mas quando desembulhei o remédio (que já tinha comprado na Farmácia) e ela percebeu que precisava enfiar uma seringa de vidro, enfezou, protestou e fechou as coxas, dizendo que assim perdia a poesia. Foi inútil explicar-lhe que bastava meia seringada, etc. etc.

Quando acabei de convencê-la já tinha perdido toda a força!

Segunda-feira

Afinal a criada foi uma decepção. Compursquei o meu próprio leito conjugal, aproveitando a ausência de Lalá e das crias. No fim, ela gritou!

— Fiz um peido!!

Travessuras de Cu...rido!

Terça-feira

Hoje, succulenta macarronada com Pinto Calçudo no restaurante *Al vino cattivo di Viva la Madonna!*.

Quarta-feira

O Comendador Sales abre-se conosco na Confeitaria Fazoli. Acha que sem recursos não se pode gozar a vida. Contou-nos diversas aventuras de amor, pedindo-nos reserva.

Ontem, o Manso almoçou aqui. Conversamos a respeito de moelas.

Quinta-feira

Vem-me à cabeça a tôda hora, uma idéia idiota e absurda. Enrabar o Pinto Calçudo. Cheguei a ficar com o pau duro. Preciso consultar um médico!

Sexta-feira

O Manso relata-me que um tal Matatias, cunhado de um primo dêle, nunca teve nenhuma manifestação de sífilis, nem hereditária nem pegada — mas eis que agora está com a vista e a espinha invadidas. Aconselha-me a fazer exame de sangue em todos da casa.

Domingo

Decidi traçar um sério programa de estudos e reabilitar assim a minha ignorância. Português, aritmética, latim, teosofia, balística, etc.

Napolcão, segundo me disseram, aprendeu a ler aos 29 anos e o grande Eça de Queiroz escreveu *O Crime do Padre Amaro* com 50 anos!

Têrça-feira

Amanhã, missa em Santa Efigênia. Ação de graças pelo aniversário da bêsta do Carlindoga. Podia ser de 30º dia!

Sábado

Lalá passou mal a noite. Não morreu.

Sexta-feira

Mudamos de residência. Esta tem um quintalzinho de onde se avista o Brás e com binóculos de alcance se distingue perfeitamente a casa do Carlindoga.

Quinta-feira

Fomos visitar ontem, o Dr. Costa Brito. Um grupo de admiradores. Está hospedado na finíssima Rotisserie. Parece um ator. Usa chapéu verde e monóculo. Mostrou-se muito afável. Conversamos sobre a falta de idéias que caracteriza o nosso país.

Segunda-feira

A César o que é de César. Beijei a criada nova.
A outra, Lalá pôs pra fora. Andava desconfiada.

É verdade, minha espôsa dá ganas de escrever um drama social em três atos tétricos. Brigas loucas porque eu gasto luz demais com minhas leituras! Quer que eu seja inculto!

Decidimos pôr as crias no Externato Barros. Foi o Manso quem lembrou.

Têrça-feira

Deram dois tiros no pai do Birimba da Repartição, almo-fadinha e baliza do Sírio. Vasta emoção na Escarradeira. O irmão mais môço do Birimba tinha sido avisado que iam matar o pai. Mas esqueceu e dormiu. Quando acordou foi com a vítima entrando em casa e o berreiro da família.

Quarta-feira

Comprei meia dúzia de copos inquebráveis.

Sábado

O Dr. Teles Siqueira, conhecido advogado, morreu de soluço.

Agradável palestra no Bar Barão com o Comendador Sales, o Pinto Calçudo e o Manso, à saída da Repartição.

O Comendador acha que aqui não existe opinião pública. Falou-nos das intrigas e difamações de que tem sido vítima. Não podendo os crápulas igualar-se aos homens honestos, tratam de rebaixá-los por meios inconfessáveis.

Domingo

Lalá fez a surpresa de me preparar um quentão com gengibre e amendoim. Será que não estou com a escrita em dia?

Sábado

Levei o Pery Astiages à Repartição para ir com êle depois comprar um terno de roupa numa liquidação da Rua 25 de Março. Acharam-no muito crescido.

Quarta-feira

Ontem, último dia de Carnaval, fizemos o Corso na Avenida Paulista. Vaca com o Manso para pagar o táxi. Além disso, êle, gentilmente, ofereceu uma bisnaga das grandes à Lalá.

Mudou-se aí para a frente um menino que é um Apolo. Se não fôsse a jararaca...

Têrça-feira

Chegou de sua estadia na Fazenda Monte Alegre o jovem escritor Pires de Melo. O Manso prometeu apresentar-mo oportunamente.

Cinema. Esta família é um pêso.

Quinta-feira

Comprei a prestações uma caneta-tinteiro. Não funciona muito bem, mas serve.

Sábado

Vi um sujeito morrer na rua.

Vou convidar o menino aí da frente para fundar um clube de futebol com o Pombinho. Aperfeiçoamento da raça!...

O meu drama conjugal estronda como os rios nas enchentes. Nego-me de pés juntos a acompanhar o bando precatório ao Cine-América. Não vou!

Quarta-feira

Visita de pêsames ao vizinho, Seu Manduca, que perdeu a espôsa, atropelada por um automóvel imprudente. Está inconsolável.

Domingo

O Manso deu de presente à Lalá um colar roncolho. Eu não disse nada, mais creio que a pedra maior é falsificada.

Têrça-feira

Aniversário da senhora do Senhor Benvindo, Dona Vespucinha.

Graças ao Comendador Sales, fui também. Muita gente. Salas abertas e iluminadas. Políticos e senhoras degotadas. Vários discursos. Guaraná a rodo. Dona Vespucinha é um peixão!

Segunda-feira

O Manso levou Lalá e as crianças a uma festa de igreja em Guarulhos. Depois iam à Exposição de Automóveis.

Sábado

Lalá me pediu para comprar na casa de música, a ópera *Santo Onofre Sobre as Ondas* que a visinha Dona Ester diz que é linda.

Têrça-feira

Idéias de Pinto Calçudo.

— Para defender a liberdade de pensamento, eu iria às barricadas!

Eu também.

Domingo

O Manso apresenta-me ao literato Pires de Melo. Vamos pela garoa até um bar pitoresco do Anhangabaú. Aí, êle expõe-nos a sua vida que é um verdadeiro chef-d'œuvre. Precisa de um mulher para inspirá-lo. Achou-a. Mostrou-nos uma carta e uma fotografia. A carta terminava assim: "Agora, a nossa encantada aventura jaz embelezada pela distância".

Têrça-feira

Diante das razões filosóficas do Pinto Calçudo, fiquei determinista. Mas creio ainda um pouco em Santo Anastácio.

O Terremoto Doroteu

Salve Dorotéia! Dançarina dos tangos místicos, flexão loira, boca onde mora a poesia.

(De uma crônica da época.)

Não há mais modéstia que me impeça de afirmar que o único rebento sobrevivente de minha falecida família floriu numa grande e formosa artista. Chama-se Dorotéia Gomes, é declamadora *diseuse* e acaba de, para bem das musas, fixar residência em São Paulo, na Pensão Jaú.

Dorotéia é uma deidade que desceu à terra. Cerca-a de todo o lado a mais bela das aclamações, a aclamação unânime

da mocidade literária. Mesmo os que não na conhecem, a admiram!

Tomei uma definitiva e irrevogável resolução. Mando às favas os ciúmes horríveis de Lalá e as eternas tosses compridas das crianças.

Dorotéia recita: anjos abrem alas em torno dela!

O homem é um microcosmos! Por assim dizer, um resumo da terra e como tal é guiado por leis imutáveis e eternas. Estou de acôrdo com essas idéias provadas pela ciência. Porém, há as erupções, há os cataclismas!

Ontem, berrei para Lalá:

— Defendo o direito das convulsões sísmicas!

Dorotéia é o meu Etna em flor!

Fiz confidências ao Pinto Calçudo. Estou arrependidíssimo. Conte-lhe que ela me mostrou os peitos.

Inútilmente, procuro distrair-me, olhar em torno de mim. Não me interessa o grosso escândalo do Comendador Sales que dizem que levou a breca financeiramente. Consta até que empenhou o piano de cauda.

O fato é que devolveu os bilhetes para o recitativo que Dorotéia vai dar aos apreciadores da boa arte, no Grêmio Colibri. Bêsta!

Ontem, justamente, encontrei-o no Piques. Parecia uma locomotiva. Perguntou-me se não achava bom que êle se mudasse para Taubaté.

— Lá se gasta menos, e eu posso escrever em sossêgo o meu livro sôbre *Datas Célebres*.

Nada disso me preocupa.

O Pinto Calçudo irrita-me com absurdos a propósito de Dorotéia. Diz que os aplausos universais matar-lhe-ão a fonte dos sentimentos puros.

Passei o dia de fraque.

O Manso rosna por aí que eu fiquei louco. Tenho para me defender a opinião do Pires de Melo que tácitamente me aprova, êle, o grande literato que passou a vida debruçado sôbre a alma feminina.

Quanta emoção pode ocultar-se sob um guarda-chuva! Acompanhei Dorotéia ao cinema, debaixo de enorme aguaceiro.

Ela é, sem dúvida, a grande artista de temperamento tropical! É a única *diseuse* que possui personalidade entre nós!

Na Repartição, o Castanheta briga com o Birimba, dizem uns que por causa da colocação de pronomes, outros por causa de uma alemã que é garçonete no Bar Costeleta.

Quão diferente e grandiosa é minha vida secreta!

Frase do Pires de Melo sôbre ela:

— Tão loira que parece volatizar-se na manhã loira!

Este meu lar é um verdadeiro *chemin des dames*!

Ah! Se eu pudesse ir com Dorotéia para Paris! Vê-la passar aclamada entre charutos e casacas de corte impecável! Mas contra mim, ergue-se a muralha chinesa da família e da sociedade.

Saio à noite e procuro o Pires de Melo que lê-me pela terceira vez a sua encantadora novela *Recordação de um Ósculo*. Ao lado dessa espontânea solidariedade, o Manso acusa-me de inconseqüência moral.

Lalá descobre no meu topete um chumaço de cabelos brancos. Tudo pela posse real da vida!

Dorotéia declamando *Os Elefantes* com mímica apropriada é um verdadeiro gênio! Fico aniquilado.

Posso dizer que hoje, segunda-feira, penetrei de repente no âmago da alma da mulher. Dorotéia declarou-me clinicamente que ama o Birimba! Resultado das apresentações!

Isolo-me para meditar sôbre os acontecimentos. Nesta velha sala de visitas, onde me sento, fitando na parede fronteira, o retrato do Marechal de Ferro, revejo o meu passado. O infame sogro Benevides que mudou-se para Rocinha, o Carlin-doga, o Manso.

Que será do futuro se a vida crescer de intensidade e paixão como sinto que cresce? O meu futuro, o de Dorotéia, o do Birimba, o de Pinto Calçudo, de Lalá e meus filhos?

Caio de joelhos, e exclamo:

— Deus que salvastes Fausto e perdoastes São Pedro, tende consideração!

Pires de Melo, a quem narro detalhadamente o meu caso, resolve-o pelo pan-sensualismo de Freud. Acha que Dorotéia não me largará por causa de certas vantagens...

O fato é que minha vida está ficando um romance de Dostoiévski.

Por causa de Dorotéia, vejo tudo possível para mim.: Tribunas, Cadeias, Manicômios, Cadeiras Elétricas, etc. etc.

E vejo tudo lúcidamente. Sou o crítico teatral de minha própria tragédia!

De novo, beijos ardentes na saleta da Pensão Jaú. E o corpo que desfalece como o de Cleópatra nos braços de César Bórgia.

De novo, choradeira monumental em casa.

Lalá me guspiu na cara e foi para o piano tocar o Langosta.

No restaurante *Ao Buraquinho da Sé*, Dorotéia me consola, dizendo:

— Comeremos a vida inteira no mesmo prato!

Lalá depois de sair três noites a fio com o Manso, caiu doente. Proponho chamar-lhe o Dr. Salgadinho que é a celebridade do bairro. Ela não quer. Diz entre lágrimas e soluços histéricos que só deseja na vida o meu amor. Figa! Depois que sou de Dorotéia, nunca fui adúltero!

Sonhei que tinha mudado de sexo e era noiva do Pinto Calçudo. Sinal de calamidade!

De fato, o Birimba sumiu da Repartição e Dorotéia fugiu da Pensão, sem pagar a conta.

O Pinto Calçudo me informa que estão no Rio, onde vão trabalhar numa fita intitulada *Amor e Patriotismo*.

Eu hurlo de dor, pensando que uma objetiva vai enlameá-la definitivamente ao lado de um cáften!

Ando sinistro, magro e pensando em suicídio.

Abstenção sexual absoluta. Continuo fiel à minha perjura.

Bem me disse aquela vaca do Pinto Calçudo que ela era capaz de surpresas morais!

Confirmou-se totalmente o péssimo pressentimento que eu tinha a propósito desse negócio de Dorotéia trabalhar no cinema. Os jornais suspeitos e pornográficos do Rio vêm cheios de alusões equívocas a propósito da cena final do tal filme *Amor e Patriotismo* em que ela tomou parte. Ela era obrigada a se deixar beijar como no fim de tôdas as fitas. E o indigno e malandríssimo galã, que não é outro senão o já famoso burocrata raté Ernesto Pires Birimba, teve, no momento do beijo, uma inconvenientíssima ereção que infelizmente foi filmada. A *Maçã Descascada*, jornaleco imundo que vive de escândalos e chantages, estampa a propósito um artigo com êste simples título infamante: "O pau duro dos trópicos não respeita estrêla!" Eis a consagração artística que ela ganhou...

Encerro o presente ciclo de minha vida com a frase lapidar de um poeta: "Fim da dor!"

Sim, porque sinto-me tranqüilo, apesar das notícias mais ou menos positivas que me chegam do final burlesco da tragédia amorosa que encheu minha vida de ilusão e sofrimento!

Sinto-me tranqüilo. Curvo-me sob a desequilibrada férula do Destino e entrego ao Divino Acaso a minha desarvorada existência. A Dorotéia amorosa e boa que foi, esfriou, mudou

de opinião, esqueceu os mais sagrados juramentos, sei lá porque!

Os sentimentos eternos com que eu contava não se inclinam mais para o meu lado. Minha atitude, porém, é absolutamente estóica e superior.

Acabou-se em fumaça a grande mulher que entrevi nos dias em que me fiz amar. *Souvent femme varie*, já dizia Victor Hugo, autoridade na matéria!

Apenas ontem, tive um momento de fraqueza. Foi ante uma apóstrofe imunda de Lalá contra ela. Chamou-a de estrepe e marafona! Isso me pôs revoltas no sangue e na cabeça e me deu a imediata vontade de assinar um papagaio, ir de aeroplano ao Rio e justar contas com o miserável que a raptou.

Enterrei a palheta e saí para a rua debaixo do chuveiro.

Mas só, andando refletindo sob os lampiões, depois de um grave tumulto psicológico, senti que meu espírito tomara uma direção mais calma. Fiz um pensamento: "O amor é a amizade reforçada pelo apoio físeo-sexual".

E quasi dormi num banco da Praça da República. Com o frio da noite, acordei tomado de um desânimo enorme. Procurei em redor um aconchego e senti-me só.

Entro em casa. Lalá foi com o Manso ao Circo Piolin, ver o leão Nero que já matou duas pessoas. Choro longamente.

Enrabei Dona Lalá.

Testamento de um
Legalista de Fraque



POR cem bocos de ruas falam as metralhadoras na minha cidade natal.

As onze badaladas da torre de São Bento furam a cinza assombrada do dia, onde as chaminés entortadas pelo bombardeio não apitam.

É à hora em que eu, Serafim Ponte Grande, empregado de uma Repartição Federal saqueada e pai de diversas crianças desaparecidas, me resolvo a entregar à voracidade branca de uma fôlha de papel, minhas comovidas locubrações de última vontade.

Hoje posso cantar alto a Viúva Alegre em minha casa, tirar meleca do nariz, peidar alto! Posso livremente fazer tudo que quero contra a moralidade e a decência. Não tenho mais satisfações a dar nem ao Carlindoga nem à Lalá, diretores dos rendez-vous de consciências, onde puxei a carroça dos meus deveres matrimoniais e políticos, durante vinte e dois anos solares!

Requiescat oh ex-vaca leiteira que Deus e a Sociedade fizeram a mãe de meus filhos! Requiescant castrados da Repartição que diariamente me chamavam de *Chocolate com ovos!*

Nem um cão policial nas ruas encarvoadas. Apenas um gôzo voluptuoso de pólvora penetra das ruas que escutam como narinas fechadas por essas janelas afora!

Num incêndio sem explicações, há um silêncio do tamanho do céu. Um homem passa debaixo de um saco no cosmorama desconforme.

Aqui, nesta mesa de jantar, hoje deserta como um campo de batalha, minha voz foi sempre abafada pela voz amarela de Dona Lalá. E pela do Carlidonga no tardo país que faz contas.

Mas eu sou o único cidadão livre desta famosa cidade, porque tenho um canhão no meu quintal.

Minha espôsa, tomada por engano de sensualismo num sofá da adolescência, foi o mata-borrão de meus tumultos interiores.

De noite, às quintas e sábados, fazíamos filhos com a cara enquadrada nas claridades cinematográficas da janela. Pensava no grelo de Pola Negri, ou nas coxas volumosas de Bebé Daniels. Minha espôsa pensava em Rodolfo Valentino. Os filhos saíram em fila — o Pombinho atrás, com o lindo nome de Pery Astiages!

Só o Pombinho é hoje senhor dêste segredo de eu possuir um canhão que os rebeldes abandonaram em meu quintal.

Comprei um Código Civil, visto que os jornais anunciam que o povo ordeiro e trabalhador, volta provisoriamente à forja das ocupações, os mendigos às pontes, os bondes aos trilhos.

Na madrugada branca e brusca, o Pombinho parte de nôvo para a guerra, com uma carabina às costas.

Um vento de insânia passou por São Paulo. Os desequilíbrios saíram para fora como doidos soltos. A princípio nas janelas, depois nas soleiras das portas. O meu país está doente há muito tempo. Sofre de incompetência cósmica. Modéstia à parte, eu mesmo sou um símbolo nacional. Tenho um canhão e não sei atirar. Quantas revoluções mais serão necessárias para a reabilitação balística de todos os brasileiros?

Vejo de perto uma porção de irmãos do meu canhão, alinhados nos vagões que vão perseguir os revoltados nas guaviras de Mato Grosso. A gare da luz repleta e revirada. Marinheiros ocupantes com cara de queijo de cabra. Digo a um soldado que estou à espera de minha família. E mostro-lhe meu guarda-chuva de cabo de ouro, símbolo da Harmonia.

Oficiais parecem estrangeiros que conquistaram a população de olhos medrosos.

Os paulistas vão e voltam, bonecos cheios de sangue.

Mas a revolução é uma porrada mestra nesta cidade do dinheiro a prêmio. São Paulo ficou nobre, com tôdas as virtudes das cidades bombardeadas.

Assoviam ninhos nas telhas. Na distância, metralhadoras metralham pesadamente.

O Pombinho regressa de carabina virginal, equilibrando a noite na cabeça de cow-boy.

Uma grinalda de fogo sobe da cidade apagada. Uma recrudescência de tiros.

Invadem o meu sacro quintal. Um sargento sem dentes, um anseçada negro, um dentista, dois recolutas. Atiram sem mira!

Negros martelam metralhadoras. Uma trincheira real onde se digere pinga-com-pólvora! Famílias dinastas d'África, que perderam tudo no eito das fazendas — fausto, dignidade carnavalesca e humana, liberdade e fome — uma noite acordando com as garras no sonho de uma bateria. Viva a negrada! Sapeca fogo!

E os índios onde os missionários inocularam a monogamia, e o pecado original! E os filhos dos desgraçados co'as índias nuas! Vinde! Vinde destroçar as tropas do Governador-Geral! Fogo, indaiada de minha terra tem palmeiras!

Coloco o meu canhão sôbre a lata vazia de um arranha-céu. Vou revelar a meus olhos a chapa fotográfica de São Paulo, branca ao sol primavera.

As fôlhas das árvores explodem no silêncio semanal dos jardins. Parece que a vida parou. Soldados embalados não deixam passar. Altos lá! Quem-vens-lá?

Um sino corta pelo meio um tiro de igreja e cada bala é uma dançarina que procura o bôlso de um homem.

Tudo conspira nesta cidade silente. Encontrei numa rua deserta um bonde, jogado nos trilhos, aceso e quieto. Quando me viu, zarpou num risco de fios.

O irmão do concunhado de meu barbeiro afirma que o general revoltoso regressa amanhã, trazendo a bandeira, o escudo e a coroa do Presidente. Viva a Realidade Brasileira!

O Carlindoga, no entanto, era otimista. Achava apenas que não temos cultura bastante. O país só pode prosperar dentro da Ordem, Seu Serafim!

Vai tudo raso. Parece um curso pirotécnico!

Refugio-me num mosteiro e interpelo o abade sobre a vida de São Bartolomeu, cuja estátua cheia de sangue tem uma cabeça decepada nas mãos e um facão de carnicheiro. O abade responde-me que durante o flagelo da guerra, não se discutem pormenores do passado mesmo guerreiros.

Quinhentos refugiados de todos os sexos. Um tumulto na entrada hospitalar. Chegam crianças de camisolas mortas. Vêm gélidas nos automóveis baleados da Cruz Vermelha. Um homem. Tem a cabeça desfolhada como uma rosa.

As famílias são átomos. Cheios de corpúsculos polarizados. A minha família é um metal que se degrada. Para renascer. O Pombinho será o sol de um universo novo de bebês.

Sonambulismo. Domingo parecido com um dia qualquer. Gente vadia. Automóveis com lenços brancos na busca de rings imprevistos. Nocaute no Governo!

O Carlindoga é o reflexo dos altos poderes. O tirano palpável. Contra ele preparo um imenso atentado.

Um campo verde, onde há canhões ocultos, uma enfermeira grande como a caridade. Um automóvel largado numa estrada. Um cavaleiro do exército, lento, subindo por detrás de um cemitério, como em tôdas as guerras. Estalidos de floresta e o povo agitado, florestal.

Se o Pombinho aparecer por aqui, neste alto refúgio, onde abro o meu canhão azul, fuzilo-o!

A cidade é um mapa estratégico, fechada num canudo de luar. Gritam lá embaixo, não se sabe adonde. Há gatinhos machucados por toda a parte. Silvos e o sangue que responde. As balas enroscam-se nas árvores. Trabalham os telhados e os chicotes de aço. Vejo o fantasma do Carlindoga e o do filho que matei. São eles, impassíveis, de fraque, chapéu alto. Passam conversando no meio das balas. Corretos, lustrosos, envernizados pela morte.

De pé! Dentro da Ordem!

Amei acima de tudo a infiel Dorotéia e a minha cidade natal.

Nunca me vem à memória, senão para odiar, a minha família, desaparecida com o Manso da Repartição, numa for-dinha preta, na direção da Serra dos Cristais.

Transformei em carta de crédito e pus a juros altos o dinheiro todo deixado pelos revolucionários no quarto do Pom-binho.

Matei com um certo tiro de canhão no rabo o meu diretor Benedito Pereira Carlindoga.

A castidade é contra a natureza e vice-versa.

Minto por disciplina social e para não casar novamente na polícia.

A noite aterra de aeroplano. Vou pregar um tiro de canhão no ouvido.

Ordem do dia do povo brasileiro: GASTAR MUNIÇÃO.

Noticiário

Serafim Ponte Grande conseguira movimentar o seu canhão. A direção das granadas que tinham vasado como um ôlho a residência repleta do Carlindoga, indicava como ponto de eclosão dos tiros, qualquer dos enormes dados da cidade. O canhão havia agido de altura. Essa circunstância intrigou excessivamente o Gabinete de Queixas e Reclamações. Chegou-se a meditar que o artilheiro misterioso houvesse visado das pregas e precipícios do Jaraguá. E durante alguns séculos de relógios passou pela cidade a expectativa de um milagre feroz — o retôrno do exército fantasma que se perdera primeiro num rio depois no coração florestal da pátria militarizada.

Nas sessões espíritas, invocou-se sem resultado a alma do almirante Custódio de Melo.

A coincidência da aproximação de Marte — esfinge do espaço — e uma comunicação oficiosa do Observatório Astromômico, atribuindo-lhe o atentado, acalmaram as populações revolucionadas.

Abaixo-assinado

por alma de Benedito Carlindoga

**Destinado à elevação de uma herma a êsse senhor;
traíçoeiramente falecido, como Marat. no banheiro de sua
residência, pelo estouro de uma perfida granada.**

Serafim P. G.	5\$000
José Ramos Góis Pinto Calçudo	2\$400
Um anônimo	1\$000

O Largo da Sé

Ensaio de apreciação nirvanista pelo Sr. Serafim
Ponte-Grande-nôvo-rico.

O Largo da Sé agora está se modificando muito. Nem parece o Largo da Sé de dantes. Dantes era menor. Tinha casas com tetos para fora e a igreja com uma porção de carros.

Naqueles bons tempos a gente ia à missa mas como derrubaram a igreja e nasceu outra geração que só cuida dos jogos de futebol, e do bicho, ninguém mais vai à missa.

O Largo da Sé começou a ficar diferente por causa das Companhias Mútuas e das casas de Bombons que são umas verdadeiras roubalheiras mas que em compensação aí construíram os primeiros arranha-céus que nem chegam à metade dos últimos arranha-céus que não chegarão decerto à metade dos futuros arranha-céus.

O Largo da Sé é, sem perigo de contestação, o ponto de conjunção das Ruas 15 de Novembro e Direita que também são, sem perigo de contestação, as principais de São Paulo. De modo que as pessoas que querem fazer o célebre triângulo, seja ou por negócios e business ou para o simples e civilizado footing, passam fatalmente no Largo da Sé.

Quando um estrangeiro saudoso regressa à patria e procura o Largo do Sé, encontra no lugar a Praça da Sé. Mas é a mesma coisa.

Cômputo

Efemérides, metempsicose ou
transmigração de almas

Serafim como um diamante no dedo da cidade trepa no canhão que colocou graças aos acontecimentos sôbre a oscilante banana do arranha-céu onde inútilmente se apresenta candidato a edil.

Intermezzo

Ora, a fornicação é deleitável...

São Tomás de Aquino — De Malo
— art. 9 — ad 7 — q III.

Dinorá a todo cérebro

ou seja

A estranha mulher do Copacabana Palace

ou seja

A ex-peitudinha do Hotel Fracaroli

ou seja

O mais belo amor de Cascanova.

- Como são finas as tuas meias!
- Malha 2360
- São duráveis?
- Duram três, quatro horas...

O mar lá fora urra querendo entrar em Guanabara.

— Não. Lindas são as minhas calças. Olha, ninguém tem êste recortezinho... Mas como estás mudo... sem espírito...

- Comovido porque te conquistei...
- Não. Não é uma conquista...
- Que é então?
- Uma revanche...
- De quê?
- Da vida.

O telefone estraçalha o silêncio.

— Alô! Quem é? O tintureiro? Faça subi-lo! Espere! Não faça não! Recebo-o amanhã às três e meia...

Lá fora o mar.

O mar sem par. Serafim amanhece. Ela o envolve, o laça. É uma mãozinha que tem cara, cabelos de recém-nascido à la garçonnette.

- Te esmigalharei como um pequenino inseto...
- Levada!

Bôcas que se beijam como nos melhores folhetins do planêta Marte, que se lambem como nos melhores canis.

— Não! Fui eu o blefado! Eu que tenho uma trágica experiência do amor! Eu que me acreditava cínico para o resto da vida!

É um pijama que dá guinchos, ironias, pinotes. Ela o acompanha de primeira fila.

— Sentir que o coração se comprometeu nesta vasta aventura de três dias! Perguntaste-me se te quero um pouco. Amote! Porque és a resposta no vasto diálogo telefônico da vida! Falaste-me em embelezar os dias que passam. Com outra, eu teria rido às bandeiras despregadas! Mas a tua simpleza... a tua naturalidade...

— Bárbaro!

— Não! Oh! Porque te prendo na atmosfera que tu mesma criaste. Porque te reduzo à menina permanente, curiosa, sentimental que existe em toda mulher!

Lá fora o mar. De par em par. Ela baixou a cabeça. Perdeu a sintaxe do coração e as calças.

— Nunca julguei que fôsses tão forte!

Serafim vai à janela e qual Narciso vê, no espelho das águas, o forte de Copacabana.

No Elemento Sedativo

onde

se narra a viagem do Steam-Ship

ROMPE-NUVE por diversos oceanos.

Mundo não tem portera

Burrada e paquebot

Na véspera da Pascoela, se tendo abalado em fuga com um figaro de damas Dona Dinorá — o nosso herói por sua vez toma bordo e barco a querosene e vela no Steam Ship Rompe Nuve, luxuoso e rápido paquête que seu fiel secretário José Ramos Góis Pinto Calçudo pasmara em ver com a fumaça de seus três apitos, nas fôlhas e cartazes do Rio de Janeiro.

Manobra a nau contra o vento traquete e põe ôlho Serafim em mulher viúva e môça a palrar com garboso oficial sôbre o outeiro do Pão de Açúcar. Pensa d'aí em Dorotéia longínqua e com as mãos enclavinhas no tombadilho, urra vindita sem sequer ver a paisagem.

Literaturas de bombordo

Na manhã seguinte, tendo-se-lhe dado uns engulhos, ei-lo que deita carga ao mar. E sarando percebe a ausência de bibliotecas, pois o paquebot as não possui. Reclama de seu secretário José Ramos Góis Pinto Calçudo, na mescla prostituída da segunda-classe, um livro; e êste dá-lhe um dicionário

de bolso de sua lavra para não confundir nem esquecer as pessoas que conhece ou conheceu.

A

Adelina Cinira — Atriz que amei em silêncio.

Amélia — Minha ama de leite.

Amelinha — Filha da precedente.

Arnaldo Bicudo — Célebre pintor de letreiros.

Aguiar Nogueira (Dr.) — Médico gordo que me curou de recaída de gonorréia.

Adauta Bernardelli Schubert — Professôra sistema Berlitz. Ia sempre passar os domingos e dias santos nua no mato, segundo os civilizados costumes da Europa.

Arari (Dr.) — Padrasto de meu amigo de infância Juquinha.

B

Belmiro — Sujeito que conheço pouco.

Birimba — Pirata da Repartição e vendedor de cocaína. Acaba na cadeia. A sua fama entre as môças é porque é baliza do Esport Clube Sírio e nos dias de parada sai na frente seminu, mexendo aquêlo negócio.

Carlos Florêncio — Grande poeta inédito falecido na flor da idade.

Claudina Rios — Môça de cara grande que vivia na janela e acabou freira.

Dona Bataclina Benevides — Conheço-a de legenda. Ex-sogra longe do meu prezado amigo e chefe Serafim Ponte Grande.

Carlindoga — Exemplo da indignidade humana!

Carolina — Casada com Seu Tadeu.. Eu às vêzes vou lá, dar uma prosa, depois do jantar.

Padre Carrão — Sacerdote da religião católica. Um pouco jesuíta.

Dr. Carlos Bretas — Deputado do povo!

D

Dorotéia Gomes — Sapo e nuvem.

Diva Ismênia — Sonho que embeleza a adolescência trágica do poeta Carlos Florêncio. Se tivesse coração, se suicidava.

Domiciano Bombeiro — Herói das chamas!

E

Seu Efigênio — Marido da Gija.

F

Filomena — Sujeita amalucada.

Mme. Firmina — Estrêla de primeira grandeza da Companhia de Óperas e Operetas Salvaterra. Pernas dignas de museu!

G

Dona Guiomar — Senhora importante da sociedade. Conheço-a de ouvido.

H

Helena — Filha de Seu Hipólito.

Henriqueta — Irmã da precedente.

Hipólito — Pai das duas.

I

Inácio — Prêto de pé escarrapachado. Foi empregado do Dr. Quincas.

J

José Ramos Góis Pinto Calçudo — Autor dêste modesto badeker anésico.

João — Diversos.

Justiniano — Criado da Pensão do Galo, onde passei a residir.

K

Klober — Sábio alemão e massagista. Meu vizinho de quarto.

Kathe — Baleia que amei uns tempos.

Seu Kuk — Alemão que fazia criação de gatos de raça. Faziam troça com o seu homônimo corporal.

L

Lino — Garganta.

Lulu Jangada — *Arbitus elegansiorum!* Seu campo de ação é o Triângulo.

Dona Lalá — Jovem e carinhosa espôsa de meu prezado colega e particular amigo Serafim Ponte Grande.

O que lendo o nosso herói fecha fragorosamente nessa página o índice e o atira às águas revôltas do oceano exclamando:

— Pintérismo, tu erraste!

Onde se constata a existência de Mariquinhas Navegadeira, pesando 41 quilogramas e precavida de 25 tickets correspondentes a outras tantas bóias na Cidade-Luz, para onde vai de mudança.

Destorcida e airosa compatriota de Serafim, ei-la senhori-ta e só que se abeira da mesa central do barbaças comandante e dono do navio.

— Bom dia, cavaleiros!

São sorrisos, olhares, exames. Ela levanta cuidadosamente a saia atrás e senta-se com desenvoltura, face a nosso herói. Ao seu lado, escarrapacha-se bebericando vinho o desertor da Grande Guerra, Capitão Leão.

Mariquinhas navega. Navega Mariquinhas Navegadeira.

E se queixa de que a foram indecorosamente espiar pelos óculos da Casinha de bordo, quando em acrobáticas posturas.

O Comandante sorri como Noé e Capitão Leão comenta, julgando estranho o caso:

— Nunca isso me aconteceu na vida! Até esta idade, ninguém me espiou nesse lugar!

Mariquinhas navega. Navega Mariquinhas Navegadeira.

De como Pinto Calçado querendo fazer esporte, enfia no óculo da cabina um pau comprido e rema, produzindo um grave desvio na rota do transatlântico que aporta inesperadamente ao Congo Belga.

O reverendo de bordo sentado na sua cadeira de vime e lona, relê outra vez o sermão de São Pacômio, de que tinha perdido a página.

Capitão Leão insiste junto a inconquistada Mariquinhas para que veja a linha do Equador, oferecendo-lhe óculos de grande alcance.

Alhures, discute-se sobre a Guerra de Tróia que durou dez anos por causa das descomposturas antes dos combates.

Quando do mais alto mastaréu, o vigilante vigia descobre uma trave de enxôfre no mar das descobertas. A nova se espalha comovidamente.

— Terra! É Jerusalém!

— Não!

— É Mexico!

— É Guaratinguetá!

Então, o dono do navio tomando de um altifalante, explica que devido a uma pane na bússola e a insidiosa atuação do vento boroeste, estão à vista de um continente ignorado nas cartas e talvez longe dos roteiros habitados. E acresce aos brados:

— Sus! Ânimo! Eia! Ladies & Gentlemen! A esperança nos salvará dêste temeroso engano e nos levará a contento a terras do Setentrião, onde a vossa chegada fará notório o esforço que obruarmos!

A fim de trazer uma recordação do povoado chamado Congo Belga, negociam Pinto Calçudo e seu amo um saboroso e gran cuscuz, antes do embarque.

E vendo de nôvo do lado estibordo a desolação verdolenga do mar que parece o Pássaro Sem Fim, o nosso herói recosta a cabeça, morde o salva-vidas e chora de saudades de Dorotéia, seguindo o exemplo do Último Hamlet que, de botas e esporas, também soluça na Cabina P. 2. 721 Deck D J — V P., por causa de outra marafona, recolhida pelos pais a um convento de freiras em Buenos-Aires.

Em que se acabam as bolachas do Rompe-Nuve e do remédio que a isso se dá.

A criada de bordo verifica na dispensa que Pinto Calçudo e o Último Hamlet avançaram nos derradeiros quilos de finas bolachas inglêsas tão geralmente apreciadas nos five-o'clock dançantes de bordo.

Serafim Ponte Grande, arguido e vexado, oferece em pali-nódia o seu apetecido cuscuz que é logo aceito, dividido em fatias e servido na mesa do Comandante, na mesa do Guardião, na mesa do Último Hamlet, na mesa da Quiromante de Marselha, e por engano em outras mesas que ficam muito agradecidas.

Em que Pinto Calçudo tomado de pânico, revela o segredo que produziu a nefasta ida ao Congo.

Vai voz geral e consternada de que o navio não anda e em lugar de seguir a rota do Norte, bordeja na direção Sul-Este-Noroeste.

Um violinista irrompido da terceira classe harpeja noturnamente o Jocelyn para a quiromante de Marselha que goza a calmaria. A nau é uma rocha quieta sob as mesmas bambinelas celestes. Estrêlas sufocadas e enormes espiam-na com ironia. Estão já todos confessados e prontos para falecer.

Eis senão quando na atenciosa madrugada, José Ramos Góis Pinto Calçudo que se conservara insone de camisola, vai bater resolutas pancadas no confessionário do padre que acordado se diverte ouvindo as matinas de um gramofone.

— Meu pai! esconjura o recém-aparecido. Pare essa caranguejola! Como vejo que esta encrenca não desamarra, o melhor mesmo é confessar e comungar! Mas a deficiência das instalações desportivas dêste transatlântico é que me fez ter a horrível lembrança do que planejei e consumei. Fui eu, fui eu meu Pai, que virei o Rompe-Nuve para as fornalhas do árido continente. Minhas clavículas e bíceps careciam de remar. Passei um pau comprido pelo óculo do camarote...

Padre Narciso surge em ceroulas de cadaço!

— Cadê o pau, meu filho? Onde está o pau?

O infeliz soluça de joelhos.

— Atirei o pau no Atlântico!

A primeira providência tomada em conselho pelos maiores, Guardião, Mestre, Contramestre e Jota-Pilôto é campear o pau perdido nas ondas.

Mas como Pinto Calçudo pôsto a ferros quentes, descreve o fatídico remo como sendo apenas um corrimão de escada, furtado na calada da noite, ordem se dá para que tudo que seja pau, varejão, porrete, mastro, mastaréu, taquara, verga, chuço ou manguera seja urgentemente arrancado e enfiado a título de remo nos óculos das cabinas.

E os turistas a postos mergulham esperançosamente as hélices pontiagudas na massa inerte do líquido estafermo.

Transformado em galera e fazendo fôrça nas máquinas o Steam Ship alcança enfim mares ventosos em regozijo de que se dá sessão de cinema, seguida de um leilão de prendas.

O Rompe Nuve atinge o 315º de latitude noroeste, dá uma culapada e apita. Todos constatarem estomacalmente que o navio abriu na sola. Nosso herói é o primeiro a ter náuseas. Em pleno dining-room, espirra do nariz sôbre um prato de couves

a massa branca do almôço mal digerido e apressadamente os stewards e stewardesses o conduzem de maca para a cabina.

À noite, a pedido de diversas famílias, o Rompe-Nuve pára da volada em que vai, a fim de se promover uma exhibição de filmes que é levada no alto da chaminé do navio para todos enxergarem e rirem, seguindo-se depois um disputado leilão de prendas, em que o secretário de nosso herói revela e mostra as suas capacidades de leiloeiro.

De como um papiloma chamado berruga vejeta inopinadamente na cabeça de Pinto Calçudo e dos transees que elle vem a passar

Tôdas as manhãs, na ânsia de descobrir portos, ilhas e continentes, o ativo secretário resgatado pelo ouro de Serafim trepa no pau-de-sebo-da proa e espia improficuamente os horizontes uniformes.

O Grumete que dá a mão na escada delicadamente o interroga sôbre a natureza e origem da protuberância que se espevita dentre seus ralos cabelos.

Pinto Calçudo coloca rapidamente a mão no crânio e sente um calombo duro. Procura inútilmente torcê-lo e arrancá-lo. Horrorizado busca um espelho com a Quiromante de Marselha, depois outro maior com Mariquinhas Navegadeiras.

— É uma berruga, dizem todos unissonamente.

O médico de bordo, chamado e acudindo, vai consultar os seus livros e declara que a berruga chama-se Papiloma.

Pinto Calçudo ardendo em febre e apalpando a sua calosidade nojenta e mole, é conduzido na maca atrás referida até os porões da enfermaria que se abrem e se fecham com estrondo como o Inferno de Dante.

Para não ouvir a conferência clínica, dão-lhe um cristal de narcótico.

Depois de uma calorosa discussão, concordam que o paciente está impaciente devido a uma súbita e extemporânea apendicite no osso interior da cabeça também chamado externo cleido-mastóideo ou seja ápice da otorrino-laringologia.

De como o impávido Capitão Leão após ter produzido um sonêto se atira ao pélagos verde mar pela vigia do bergantim.

Eis senão quando o mocinho serviçal do salão de barbeiro tendo ensaboado as bochechas periclitantes do inclito militar em questão, entabola com êle o seguinte diálogo:

— Então Seu Capitão, tem gozado muito as pequenas de bordo? Vieram me dizer que o senhor não casa com Dona Mariquinhas Navegadeira porque ela corta o cabelo *à la caniche*!

— Mas ela parece ser uma môça séria!

— Que séria! A primeira vez que entrar aqui com parte de pentear as pestanas, eu dependuro nos beiços!

— Mas ela é virgem...

— Virgem? Só se fôr no sovaco! Pois eu conheço um alfaite que passou um mês e meio com ela, em Santos, fazendo todos os números.

O Capitão visivelmente traumatizado, deixa-se inundar de pé-de-arroz Azurea, de loção Anticaspa e de extrato de Melancia orgânica.

Chegado ao beliche, toma de uma máquina de escrever e assim começa os quatorze versos de um sonêto:

Nunca pensei que tu não fôsses virgem!

Findo o qual, bebe de um trago o vidro de tinta e afunda de cabeça na cabaça do oceano, rompendo com o baque o pesado silêncio da navegação, tendo antes lançado uma última grelada para a fatal cabina de Mariquinhas Navegadeira.

Onde o aparelho de telegrafia sem fios, incapacitado de transmissões pela distância que o barco guarda de terra a terra, acha a sua finalidade na berruga atrás descrita.

A êsse tempo os médicos enfiam inútilmente os seus afiados facões na berruga epidêmica de Pinto Calçudo que deita sangue, espirra caldos mas não cede.

Em nova conferência, os esculápios comentam e aprofundam o estranho caso.

— Para mim trata-se de um simples tumor inchado...

— E se fôsse uma mordida da môska Tsé-tsé?

— Ora, caro colega, o paciente continua acordado e trêfego.

— Que idade terá êle?

— Mistério tão grave como o da virgindade de Dona Mariquinhas!

— E se empregássemos a electrocução parcial?

Todos concordam num gesto unanime e ordens são dadas para que chovam raios de T.S.F. sôbre a pontiaguda excrescência.

Logo para as grandes festanças de bordo, comemorativas da passagem da linha do Equador, improvisa-se uma enorme piscina sem peixes nem carangueijos, nem siris.

Aí, Pinto Calçudo passa nu horas e horas, impedindo que as damas se utilizem de tão agradável refrescante, aliás infeccionando pela sua asquerosa berruga.

Chegada a hora da Festa de Netuno, o nosso secretário com umas barbas postiças faz de Deus dos Mares e a graciosa Mariquinhas de Deusa dos Ventos, jogando nágua Serafim e outros inexpertos viajantes, sob o jocoso pretexto de batizá-los.

No banquete o resto do champanhe do Rompe-Nuve espoca e baba nas taças. Mariquinhas e Pinto Calçudo entoam de mãos dadas o célebre dueto do Rigolletto, no que são interrompidos de furiosos aplausos e bises.

De como Pinto Calçudo querendo fazer o "Olho do Porco" produz um desenho imoral pelo que é de nôvo pôsto a ferros.

Logo uma comissão de môças vestidas de azul e branco vem chamar o trêfego e popular secretário para a disputa final dos brincos de bordo.

Ele abandona a mesinha do bar, onde jogava dados com o Último Hamlet que por sinal anda sempre de botas lustrosas de montar.

E tratando-se de desenhar o "Ólho do Porco" da cara vendada, Pinto Calçudo não tarda em produzir no soalho do tombadilho uma piroquinha, razão por que o Capitão apita, o Rompe-Nuve estaca e quatro robustos marinheiros o agarram e trancafiam nas marmorras do porão.

Onde a berruga intercepta um radiogramma em que se fala de piratas e do doce alvoroço que isso causa a bordo das cabinas femininas.

A providencial e horrenda berruga do malogrado secretário faz com que não muito se prolongue o seu segundo cativado.

Mais que ninguém, após o sucesso do dueto do Rigoletto, a jovem e apreciada Mariquinhas Navegadeira inquieta-se pela evolução clínica do papiloma que tôdas as manhãs é estralejado de raios na cabina telegráfica sem fios. E consegue um vale do Comandante para acompanhá-lo como fiel enfermeira de avental e bidê, piedosamente seguida pelo Último Hamlet.

Num lindo ocaso, estão todos locupletados de gim, cantando ao ar livre, em redor do piano onde gaiatamente se senta Padre Narciso.

Eis quando, pálida e trêmula, entra Mariquinhas Navegadeira relatando que Pinto Calçudo recebeu na sua antena encefálica um rádio anunciando a presença de piratas, trágica nova que circula no Rompe-Nuve, deixando tôdas as passageiras geladas de apreensivo e falso horror.

De como Pinto Calçudo por causa do jôgo de futebol promete cortar um argentino de alto a baixo, com uma afiada navalha de barba que mostra e faz reluzir.

— Pois é o que lhe digo. Era uma vez o tal Dom Juanito no primeiro pôrto nacional em que descermos!

Enquanto Pinto Calçudo assim se expande para um parceiro de poker chamado Paulino Guedes, o argentino reúne um luzido grupo de senhoras e senhoritas no bar e oferta-lhes cocktails, mandando convidar o zangado brasileiro a fim de terminar a briga em risonha tertúlia. Mas Pinto Calçudo dobra-lhe duras e indignadas bananas.

Muito diversamente, o nosso herói entregue a nobre cogitações, produz os seguintes versos que passam de mãos em mãos com justos louvores.

POESIA DE BORDO

A noite desce qual um pássaro inclemente.
Sôbre a gran vasta amplidão.
Nem uma canoa no grave horizonte marinho.
Só zéfiro acaricia.
O crepe-santé da água quando tudo invade.
O mantô da Nostalgia.
Numa lúrida e doentia
Mas agridoce saudade.

Assi a noute cai
Assi a noute vai
Estão todos roncando nas cabinas
Só vivem e resfolegam
Do navio as usinas
Co seus vastos pulmões
Remexendo os porões

Mas numa beleza pagan
Logo ressurgue a manhã
Co seu loiro clarão

Tudo são cantos
Tudo são gritos
Tudo são mantos
De luz e apitos
Às vêzes... do Capitão

Movietone

ou

*Interpelação de Serafim e definitiva quebra de relações
com Pinto Calçudo*

Aparecido que foi o frio anunciando o pôrto de Marseilha, os passageiros do Rompe-Nuve num só gesto põem luvas, echarpes, sobretudos e agasalhos que fazem a sua aparição com as dobras e os fedores das malas.

Na noite estrepitosa Serafim passeia para cá e para lá. Chegando-lhe os ruídos da farra de despedida em que a voz nasal de Pinto Calçudo tudo domina, produzindo balbúrdia e riso.

Vendo-o levantar-se tragando um cigarrinho e se dirigir ao W. C. o nosso herói intercepta-lhe a marcha e passa-se entre ambos o seguinte diálogo:

— Venha cá...

— Agora não posso. Estou com famílias.

Mas Serafim insiste; dirige-se atrás dêle até o reservado dos homens e grita-lhe:

— Diga-me uma coisa. Quem é neste livro o personagem principal? Eu ou você?

Pinto Calçudo como única resposta solta com tôda a fôrça um traque, pelo que é imediatamente pôsto para fora do romance.

Cérebro, Coração e Pavio

onde havia muitos tigres, Leoens, e todo
o outro genero de Alimarias nocivas

História Trágico-Marítima.

UM mês após, um homem trajando violentas polainas demi-saison subia calmamente a Avenue des Champs Elyseés em Paris.

Os leitores já terão adivinhado que era Serafim Ponte Grande.

Sob o elefante pedrês da Étoile, descobriu-se ante a flama do Souvenir e pela portinhola do Arco em espiral subiu setenta e quatro degraus.

Paris ajoelhou a seus pés coberto de lagartixas arborizadas. Ele, então, dirigiu-lhe éste ora viva!

— Fornalha e pêssego! Domingo de semi-deusas! Egito dos faraós! Roma de Garibaldi! Dás dobrado o que as outras capitais oferecem! Ao menos, dentro de tuas muralhas, se pode trepar sossegado!

PERN' INO

Saia branca
Engomada
Das avós brasileiras
Repólho de pecados
Fábrica de suores
Ninho de bebês
Onde estás?
Em que arca?

Saia de dançarina
Das senhoras honestas
De meu século
Rala
Pétala
Vais subindo
E deixando ver
Nas ruas, nos bars, nos automóveis
Os troncos florestais
Onde eu mergulho

Pernas
Pra que te quero!

NA ROTONDE

Um garçom apressado lhe serve num copo leite coloidal
com chicória azul, do outro lado do Sena. Ele bolina ime-

diatamente as senhoritas Tzatzá, Chipett e Dedê e com elas passeia e faz confidências.

Tzatzá e o chinês das fourrures. Chipett e o prêto dos tapas. Dedê e Serafim dos bons modos.

Estamos em Montparnasse.

PATINAGEM

Grudam-lhe lâminas nas sólidas patas e soltam-no como um palhaço para gozo de Dona Lalá.

O Palais de Glace funciona na música.

NOITE DE ESTÔPA

Serafim entre as pernas de uma radiola. 3 horas e 21 minutos nos relógios deitados. Silêncio de nozes.

Ela — Como você ronca!

Ela — Vou dormir com a cabeça nos pés!

Ela — Vou mesmo...

Ela — Você não ouve?

Ela — Melhor é dormir com a cabeça na sua barriga...

Ela — Você não quer?

Levanta-se. Acende um cigarro. Serafim começa a sonhar que está andando a cavalo num campo verde.

DECEPÇÃO D'AMOR

Nas 24 horas seguintes, êle tropica numa italiana cinematizada do Hotel Lutetia e combina de jantar e suarem juntos. Mas quando êle foi buscá-la num elegante táxi, ela fugira nos abraços de um gigante para o Alcatrão da Noruega.

ÉPOCA MAQUINISTA

— Major Duna Sabre, ex-ferido da Conflagração! Apareço-lhe no meu papel. O de vir ao seu luxuoso hotel, oferecer-lhe, já que está na Cidade-Luz, a última invenção dos incendiados bulevares! A Mariquinha do Livre Arbítrio! Nem mais nem menos. Funciona como fonola, também como radio-la! E como Paris-viril. No segundo centenário de Kant, fui eu que instalei a primeira em Koenigsberg! O professor Freud, de Viena, encomendou-me sete dúzias! Trabalha com pilhas secas. No automóvel, no autobus, no avião, no watercloset! Decide as indecisões! Mata na cabeça as abulias! Diverte, remoja, espevita! Eu acho-me no meu papel. Shopingar a domicílio...

Serafim paga e põe o vendedor no ôlho da rua. Depois desenrola a máquina, liga os fios, libera as antenas, recoloca os fusíveis. Depois, deposita-lhe na greta o nome, a idade, o sexo e uma moeda de 200 réis. Depois escuta como uma lâmpada elétrica.

É uma complicação de logaritmos e silvos, um berreiro de Klaxons e diversos buracos de olhos.

— Volta para o regaço de Joaninha, a insone! Essa te ama com os vinte anos de Mistinguette, anônimos e doloridos.

Tôdas as noites veste o pijaminho que lhe compraste nas Galeries Lafayette e soca uma bronha em tua honra!

Serafim entre pundonoroso e encantado pára a imoral.

OS DRAMAS DA ÓPERA

*Carta para ser lida daqui a oito
dias, quando eu estiver completa-
mente morta e podre!*

Minha querida mamãe natural.

Esta noite, mais do que nunca, sinto-me só, brava e reganhada!

Só verto sorvetes de sangue pelos olhos, pelos lábios e pela bôca.

Nem tenho mais coragem, nem fé, nem níquel!

Depois que me encontrei Chez Hippolyte, com o infame brasileiro Dom Serafim que diz que é nobre! sou uma bacia, uma taramela!

Joaninha

DO OUTRO LADO DA PAREDE

Meu laço de botina.

Recebi a tua comunicação, escrita do beiral da viragem sempiterna. Foi um tiro no alvo do coração, se bem que ele já esteja treinado.

A culpa de tudo quem tem-na é êsse bandido dêsse Coronel do Exército Brasileiro que nos inflcitou!

Reflete antes de te matares! Reflete Joaninha. Principalmente se ainda é tempo! És uma tarada.

Quando te conheci, Chez Hippolyte querias falecer dia e noite. Enfim, adeus.

Nunca te esquecerei. Never more! como dizem os corvos.

João da Slavonia.

CÚCEGAS

Na mesa perniciosa do Barão Tapavento, Dona Branca Clara, rainha da beleza, belisca-o. Por que? Por que Dona Branca Clara o beliscaste-o?

Mas ei-la que sorri como um isqueiro:

— Escuche Dom Serafim. Eu lhe falo com todo o desca-ramento de que uma católica fogosa é capaz. Um homem só bolina e diz que amia para fazer da protagonista duas coisas — ou sua espôsa ou sua sobranceira...

Serafim some pelo escapamento .

O AMOR — poesia futurista

A Dona Branca Clara

Tome-se duas dúzias de beijocas
Acréscete-se uma dose de manteiga do Desejo
Adicione-se três gramas de polvilho do Ciúme
Deite-se quatro coleres de açúcar da Melancolia
Coloque-se dois ovos
Agite-se com o braço da Fatalidade
E dê de duas horas em duas horas marcadas
No relógio de um ponteiro só!

MISSIVA A UM CÔRNO

Coronel

Enganei-lhe com um cavalheiro ignorado. Foi devido a um coup-de-foudre! Subi ao quarto dêle, na Rua dos Mártires. Fiz o amor e tive uma grande desilusão.

Joana a louca

P. S. Creio que estou grávida! O pai deve ser S. Exa. o fura-camisas!

NUIT DE CHINE

— Branca, oh Branca Clara! Que posso esperar enfim, depois de tanta sala de espera?

— Mas que deseja?

— Tudo!

Silêncio de terceira velocidade. O chauffeur penetra no Chinês.

Na sala verde, bojuda e letrada, orientais e lanternas param em danças esfregantes, em danças pululantes. Um inglês velho mergulha no uísque invisível duma espécie de midinette turca com olheiras. Enquanto uma miss esbelta atravessa a nado o canal e chama o chamado do Oriente como um cachorro para copular de pressa, de óculos.

— Sabe de que mais, Dom Serafim, todos os homens que se aproximaram de mim até hoje, brocharam. Todos!

DIETA

No céu quente da Lorena, há um cheiro de pinheirais dos Vosges, outro de fromage à la crème e outros cheiros.

É quando uma francesa pintada de inglesa briga com o Pavilhão de Ceres, donde tira carinhosamente um animalzinho achado nas ruas internacionais de Deauville, o ano passado. E dá-lo ao nosso herói como recompensa de ter-lhe apalpado as pernas num autobus.

O cachorrinho é branco malhado de marrom como convém a um legítimo papa-ôvo.

Comovidamente e orgulhoso, o neo-proprietário batiza-o de Serafim Ponte Pequena. E leva-o laçado nas areias das aléias, projetando sorrateiramente com êle afrontar num táxi do Marne, a Avenida des Acacias.

O IMPÉRIO DE BABILÔNIA

— Sê pirata! Bordeliza os automóveis! As mulheres de teu século não usam calças e são cabeludas como recém-nascidos!

AVENTURA E NOITADA COM MADAME XAVIER, TAMBÉM
CONHECIDA NA DISTINTA COLÔNIA BRASILEIRA DE PARIS POR
A SENHORA COCAÍNA

Um quarto. Uma cama. Um boião do tamanho da unha.
Pompeque amarrado. Uma saudade de João do Rio.

— Vamos tomar o trocinho, meu bem?

— Vamos...

Abrem o frasco hospitalar. Mergulham na atração imponderável, como baratas.

— Fala-me de tua imensa chance...

— Que chance?

— A tua fortuna!

— Ahn! Umas terras que herdei no Rio do Peixe.

Vácuo de pedra pomes. Mais trocinho.

Uma atração sexual nas lâminas sem pêso. A ronda das fechaduras atrás dos trincos. Um frio estupefato, de nariz duro. Os corações maratonam como sexos.

Pompeque assusta e ainda lambuzada ela lhe pergunta o que pensa da atitude de Benjamin Constant para com o imperador.

— Não foi um ingrato?!

BAR AUTOMÁTICO

— Fivom! Roo! Este negócio de cocktail e cachorrinho acaba é na cadeia! Perdeste meio milhão de francos papel na rolêta viciada de Cannes! E de Dona Branca Clara, a Gela-deira, nada conseguiste! Fizeste feio como os outros! O Barão Tapavento engoliu-te com pompa!

MORALIDADE

Serafim admira de alto a baixo aquêlê suntuoso príncipe russo que o chamou no chá-tangô para o combinado encontro de Dona Branca Clara. Resta-lhe apenas da antiga nobreza uma segurança tranqüila de cáften internacional.

A AULA

Serafim — Gosta você de cabeça de Medusa!

A aluna — Pará comêr nos sentamôs diante da mesá nos pomôs uma guardanapô nos petôs.

Serafim — Gosta você, cenorita, do cheiro do gás?

A aluna — Não! Eu não gostô do cherodogaz porque é deságra-vadel!

Serafim — Toma você o lête com azucár?

A aluna — Sim. Eu tomô o lête com azucár. O relójo tem duas ponteiros, uma grande e uma curto.

Serafim — Gosta você do professor?

A aluna — A-pi-za-do-pro-fe-zor-é-de-lei-ta-vél!

O relógio intervém. Confusão de línguas.

FLORIDA

Branca Clara na mesa do Marajá! Súbito levanta para dançar nos seus amplexos. Diabólica, vermelha, saída de Channel ou de um tímpano de mágica. Ilustração de catecismo, o inferno escancarado no lampadário da terra, o teto extravasando até o céu.

Tropeçam na bolina sindical, champanizada, na absolvição das terras sem pecado, no cheiro da música mestiça. Ele a palpa aos metros sôbre as flôres quadradas do vidro rubro. Balanças machas pesam-lhe as bouillottes dos seios, compassos de tango medem-lhe os músculos das coxas, orçam-lhe os mais

peludos segredos. Serafim quebra como um arco, como um estilingue, como uma frecha, como um banco.

Em cima, Deus Nosso Senhor tendo ouvido os gritos da música, abençoa os pares de Floridá e remete anjos vestidos de garçons jogarem sôbre Paris bolas azuis, bonecas e tetéias.

NOTURNO

- Ih! Ih! Como eu sou uma grande desinfeliz!
- Por que madama? Conte-me o seu romance!
- Nós tínhamos uma fabrica de sapatos mas meu marido pôs tudo fora... na belote!
- O que êle fazia?
- Era aviador de loopings. Mas não me apalpe!
- Magine se Madame Cléo de Mérode me visse!

SERAFIM MENESTREL

Dona Branca Clara.

Oh! Não vos recuseis. Senhora! Peço-lhe apenas um après-midi de vossa vida. Que é afinal de contas um après-midi? Nos separaremos ao depois. Mas levareis no vosso corpo o orgulho de teres sido amada.

O orgulho de teres sida amada por um legítimo brasileiro. A senhora sabe que um brasileiro é geralmente diferente dos outros.

E além disso por um poeta. Os poetas — já o disse Dante — são aspirinas de loucura e de ferro velho!

Guardareis no fundo do vosso coração e do vosso sexo a baita lembrança dêsse après-midi.

É o que, de joelhos, soluçando, peço-lhe.

E. R. M.
De Da Ponte Grande

Depois de devidamente selada no envelope com uma estampilha federal de 2\$500, e reconhecida a firma, a missiva é entregue ao groom do hotel.

RÉPLICA

Senhor

Não continue! Por quem é! Por alma de sua mãe! Não me faça mandinga!

Vossa gentil missiva, pôs-me em grave "perigo". Decejo partir, fugir, fazer o golf, jogar peteca, me distrair, levar a breca!

Branca Clara

MADRI

Mulheres fendidas colocam pandeiros nos corações dançarinos, com cabelos de peopaias, sob as árvores degoladas no verão.

No espaço das mesas bem toalhadas, mulheres sincopam como bandeiras, como dínamos nos braços esmaltados de São Guido.

Sob as árvores sôltas do verão, debaixo dos balões cativos das lanternas.

A orquestra mistura falas, altifalantes, serrotes e gaitinhas.

Ele a desfolha do fundo dos pampas, em função de nostalgia aritméticas. Ela encheu-lhe os bolsos dos mais caros Sullivan com algodão drogado, dos mais finos Philipp Morris.

Quando os foquestrotes mudam da languidez balanceada para pernas de passos longos com uma tabua na cabeça de hemisférios engastados.

Serafim segura o hálito de Branca Clara, os cabelos de todo o corpo depilado, o ventre que indica o gêlo central da terra.

INTERNATIONAL-SUMMER

Nove horas de verão. A tarde provinciana demora a ver se vê os efeitos luminosos. Caçadores de vermelho povoam de fornos a tarde metálica sôbre o cabo da tôrre em luva de Champagne.

Do outro lado, sôbre a Tôrre vertical de Paris, uma radiola foquestrota para outros planêtas.

Enquanto isso, a Tôrre Eiffel descobre para que foi feita e pisca o b-a-bá de Citroen.

A lua medalha em prata a Exposição das Artes Decorativas. Ano 25. Século de Serafim ou da Fortuna Mal Adquirida.

CONVOCAÇÃO

Nº 13.

Tribunal dos Cachorros, 7 de junho.

Departamento da Velocidade a pé.

O Sr. Esparramado, juiz de Instrução, convida o Ilmo. Sr. Serafim da Ponte Grande a comparecer ao seu Gabinete, no Palácio da Deusa Justiça e outros veículos, a fim de darem uma prosa a respeito do cachorrinho Pompeque.

GIGOLOTAGEM

No Perroquet vendo-o dançar o visceral charlestão com as porcelanas renovadas por um dentista épatant, já se chuchotava interrogativamente de grupo à mesa:

— Quem será êsse nôvo e estranho professor?

MUSICÓL

A floresta brasílica e outras florestas.

Mulheres fertilizantes conduzem colunas, arquiteturas e hortaliças. Música, maestro! Matéria orgânica!

Corbeilles monumentais atiram do sétimo céu dos copos brancos ananases de negras nuas.

Periquitos, ursos, onças, avestruzes, a animal animalada. Rosáceas sôbre aspargos da platéia. Condimentos. As partes pudendas nos refletores. Síncopes sapateiam cubismos, deslocções. Alterando as geometrias. Tudo se organiza, se junta coletivo, simultâneo e nuzinho, uma cobra, uma fita, uma guirlanda, uma equação, passos suecos, guinchos argentinos.

Serafim, a vida é essa.

PNEUMÁTICO

Um almôço oficial no Ritz com diversos banqueiros e algumas celebridades homossexuais impediu-me de vos-tê-la na ponta do fio, a uma hora.

Paris está horrível. Cheio de amas de leite e sem leite, desembarcadas do canal.

Do teu
Pequenérismo

SERAFIM NO PRETÓRIO

O BORDEL DE TÊMIS

OU

DO PEDIGREE DE POMPEQUE

Salomão — Vocês aqui em França têm o hábito de substituírem os meninos e meninas pelos cachorros e cachorras.

Serafim — Eu não sou de França, Excelência! Venho, através de algumas caldeações, procurando refinar o tronco deixado numa praia brasileira por uma caravela da descoberta. Tronco que se emaranhou de lianas morenas...

Salomão — Ná! Ná! Ná! Está a gracejar? Mas a mim que vivo de conhecimento e argüição do bicho homem não me ilude. Quer por ventura afirmar que o príncipe da Gran-Ventura que o Tout Paris admira vem dos sertões de Pau-a-Pique?

Serafim — São Paulo é a minha cidade natal.

Salomão — A Chicago da América do Sul. Mas nunca me convencerá que a sua desenvoltura que tão preciosa torna a sua estadia entre nós, é originária do Anhangabaú! Guarde para desespero de sua modéstia esta pequena verdade: o meu amigo vem de Florença. E sabe de que Florença? Da dos Médici!

As testemunhas sorriem e depõem. Ninguém não viu nada. Afirmam mesmo que Pompeque não foi colhido pelo auto fatídico CJDVTH^o. O que deu-se foi que apenas o número pregou um susto no travêssio mamífero. O

juiz, porém, não discute. Aceita a versão queixosa e condena os imprudentes automobilistas a cem talentos de multa ouro.

O réu-líder — Isto é que se chama uma verdadeira arbitrariedade! Um cachorro sem raça nem jaça! Papa-ôvo legítimo! Um cachorro que vivia no meio da rua, cheirando — com perdão da palavra — dejeções cavalares!

Serafim — Não é fato. Eu tive muita e muita vez o cuidado de atravessar os bôlevares nas horas de movimento com êle ao colo.

A co-ré — Senhor juiz. Foi então uma fatalidade. V. Exa. não ignora que os automóveis são feitos para deslizar no asfalto embriagado das vias públicas...

Serafim — Mas não para esmagar pobres e vertebrados animaluscos!

Salomão (berrando) — A argumentação do queixoso é invencível! Confirmo a condenação conforme o art. 439 g. P.? E do Código do Meio da Rua.

Os réus, de cabeça baixa, retiram-se do banco dos réus e vão ao Banco dos réis. Pagam a multa ao huissier com um cheque de fundo falso.

Serafim — Afirma-se no meu espírito a noção que eu sempre formara da alta imparcialidade dos juizes de França. Viva a França!

Salomão — Muito gentil! Très chic! Agradeço-lhe em nome da Justiça. Mas fique sabendo que a França de hoje não é feita por nós franceses primogênitos da Igreja — apesar de tôdas as autênticas veleidades revolucionárias. Isto aqui é uma espécie de zona neutra, onde se exercita a caligrafia sexual dos povos liberados. Oh! Oh! Pobre Pompeque!

Serafim — Pobre Pompeque! Eu estava justamente reconstituindo a sua geneologia. Tinha chegado à conclusão de que o pai pertencia a um florista. Gente modesta, gente que faz os animais dormirem no próprio leito conjugal. Mas, justiça seja feita, que os lava todos os sabados.

Salomão — Era um cachorro de grandes virtudes!

Serafim — Algumas... Sabia muito bem fingir que tinha falecido. E latia muito nas fortificações. Infeliz Pompeque!

Levanta-se a audiência, inserindo-se na ata um voto de profundo aborrecimento pela desmaterialização de Pompeque.

POEMA OVAL

Eu gosto de ovos
E de balas de ovos
E de ovos duros
Com lingüiça alemã
E boa cerveja
Eu gosto de ovos mexidos
Poached & scrambled
Com bacon & toast
Em Londres
E chá da China
Mas gosto mais
— Lá isso gosto!
De tomar ovos quentes
Co'a Serafina

CUDELUMES

Serafim pisa as escadas subterrâneas da Rue Daunou e encontra no newyorkino zinco do bar que o espera solitário a cabeleira esguia de um jovem artista arquiteto e pintor da Grande República Estrelada da América do Norte, o qual admira os alemães pelos seus dons políssexuais.

- O uranismo entrou em franca decadência...
- Sim, a promiscuidade...
- Perfeitamente, a promiscuidade, como nos povos anteriores ao alfabeto...

Estrêlas verticais passam na noite de cantos negros.

- E sôbre o eterno feminino?
- Adoro as mulheres de Dumas Filho...
- E os homens?
- Os de Dumas Pai!
- Garçon! um gin sêco, um side-car e especiarias!

Nosso herói oferece ao jovem môço recondução, hotel e vias urinárias.

POR ROSAIS E PAVILHÕES

Branca Clara faz a bôca em canudo e chupa êle até a moleira numa queuntura mole, dente no dente.

E como se perdem na longinquidade de Fontainebleau, estando a noite repleta de fantasmas no Hotel Gravurado de França e de Inglaterra, jantam em Cornebiche e conseguem um único quarto d'hotel duvidoso como o Éden.

Despiu-se brandamente como uma fada que vai dar um trocadilho. Saiu para trapos de vapôres. Banhou-se em banhos da cidade de Colônia.

Soletram o luar sem lua.

MEUS 40 ANOS

Pode ser que não sejas muito elegante de longe na rua
Mas na cama
Oh! Deliras

TARAS

Apesar do sabonete inglês de verbena que aprendeu a cheirar em Deauville, apesar mesmo das cavalgatas sincrônicas no Bois, como side-car — não admite que os garçons ergam os guardanapos caídos durante as risadas empernadas dos jantares.

VITA NUOVA

Mas eis que Branca Clara é um frio sortido no jantar pára-sol da Pomme d'Api. Caem na noite e no deserto da noite a mulher aparece no deserto da vida. Como uma víbora morena no contato bem tratado da carne.

Que serviu de tê-la tida?

A despreocupada allure azul de campo de golf em quinto chá, toca para o Claridge, toca para o Ritz, toca para o Rumfelpelmeyer.

Serafim resolve posar para o busto da humanidade sofredora.

TAXIMETRO

Quando êle lhe deu um ósculo e pegou na coxa de setineta, a pucela Jacquy sussurrou sem bôca:

— Oh! Vós me fazeis chorar!

Ele então narrou-lhe a proeza náutica de que pescara Joa-ninha das águas turbulentas do Sena. E subindo, sob a calça, ligeiramente tocou-lhe o mandorová. Mas ela disse:

— Oh! Vós me fazeis corar!
A berlinda passa no quilômetro 69.
— Morde minha estegomia!

SAUDADES

Entre montanhas quadrilongas, caminhos saem menstruados à procura do Brasil mas logo parapeitos da minha cidade atropelam tórres antiguas que são hotéis modernos e as palmeiras são brinquedos da Rua das Palmeiras.

DE PAPAGAIO

Nosso herói para esquecer busca a Suíça como um relógio por via aérea. Na primeira classe do aerobus encontra o Governador de cavanhaque da Cochinchina que torna-se seu amigo comentando ambos com ardor o caso duma americana bêbada de uísque que quebra a vidraça e quer jogar-se lá embaixo como Ícaro no que é impedida pelos seus criados.

— Não! Caro Senhor da Ponte Grande, mas que educação é essa, a dessas mulheres de hoje? A culpa é da Rússia! Olhe, fui soldado e fui môço e não me lembro de ter tomado uma carraspana dessas! E veja que saias. Vê-se-lhe tudo! Até os bigodes, com perdão da palavra! As devassas, meu senhor, a terra não deve a população que tem!

PROPAGANDA

Se Dona Lalá viesse agora de saias pelo joelho, fazer as cenas indignas do começo do volume, nosso herói a fulminaria

repetindo a frase do seu nôvo amigo, o Governador da Cochinchina.

— Não! Mas que educação é esta? Estaremos por acaso na Rússia!

SERAFIM NOS LAGOS

Pedregulhos vadios de Ouchy que nasceis entre montes de montanhas, diríeis as férias quando o trem passa para a Itália.

Sob o chalé da floresta funicular recenseada, florindo em flôres, mitifones e livros.

Um gramofone sentimentaliza o planêta e a alemãzinha atira os seios como pedradas no lago.

Serafim trança o braço na cintura remexente e parte pela aléia pedregosa que pesponta os jardins.

Por ela deixaria a agitação, o furor, o bacará. Teria sua paz em pijamas, sua loira em chinelas. Mas passa o passado com Dona Lalá da Delegacia.

Seus olhos afrouxam sem corda com uma bola de ténis no sapato. Voltam competentes para as felicidades assustadas.

A Suíça é um sanatório.

CULTURIZAÇÃO

Nosso herói pede ao chauffeur que o conduza e elucide a propósito dos grandiosos monumentos que perpetuam a formosa capital do Universo Civilizado. O cinesiforo leva-o à Bastilha mas, tendo sido ela tomada pelos avós dos bolchevistas, permanece só entre bôcas de metrô um espêto de coluna.

— Aquilo lá em cima é o gênio!

— De asas?

— Certamente.

Visitam depois o Louvre, a Tôrre de São Jacques e o Arco da Étoile que, segundo o chauffeur, já foi derrubado várias vezes pelos comunistas e reconstruído pelos capitalistas.

Ambos concordam que a França é eterna.

CONFESSIONARIO

Prezado e grandíssimo Sr. Sigismundo.

De regresso a Paris encontrei minha ex-amante, Dona Branca Clara inteiramente nervosa.

Vive sonhando que tem relações sexuais com Jesus-Cristo e outros deuses. Isto é demais! Peço-lhe o socorro da psicanálise. Junto lhe envio o pesadelo de um dos seus espécimens ou um espécimen dos seus pesadelos.

Grato pela solução.

P. G.

O aviador zangou-se. Começou falando baixo e pouco a pouco levantou a voz e tirou para fora o pênis. Eu fingi que não vi e por isso fui condenada à morte. Jesus-Cristo também. Estávamos numa sala muito comprida e cheia de recados. Meio escura, meio iluminada. Tínhamos uma porção de problemas aritméticos a resolver antes de subir para nos entregarmos ao verdugo. Deixamos dois problemas para o dia seguinte. Por cansaço. Despedimo-nos. Jesus-Cristo encostou-se todo em meu corpo. Eu desci no meio de escadas. Estava numa capela de colégio cheia de alunas, genuflexórios de alumínio e freiras. Que nojo! Resolvi fugir pelo fundo. Duas escadas subiam saindo de um estrado alto. Tudo preto, forrado de pano. Uma eça ao centro. Um padre enorme e horrível com uma máscara na mão. Para fugir, eu precisava tomar impulso num castiçal de madeira. Quando toquei as mãos nêles para passar com as pernas abertas como num jogo de sela, uma bomba estourou e fendida fui jogada para uma altura enorme.

Compreendi que tinha sido vítima de uma cilada enquanto caía desfeita em faíscas. Que dor!

RECEITA

Ilustre balaústre

Só um acôrdo com o subconsciente de Dona Branca Clara poderá esclarecer o magnífico negativo que tenho em mãos e revelá-lo. Parabéns pelo monstro que tem em casa. Mande-o.

Sigismundo

Diagnóstico: Dona Branca Clara é uma vítima da cristianização do Direito Romano também conhecida pelo mote de Civilização Ocidental

Seu José, assistente

A Cabaçuda de Chez Cabassud ou

DAS AVENTURAS QUE NÃO ACONTECEM

Ele encontra no Bois do Outono a pequena relojoeira Maudy Polpuda que possui um noivo na Côte d'Ivoire. Ela lhe diz que não acha nada feio ser rendeiro.

Ele lhe presenteia com uma bolsa encarnada de vidrilhos que na opinião dela dá-lhe um ar muito galinha. E o noivo

chega da Côte d'Ivoire trazendo um dente de elefante que tem a aparência de um corno.

Vão todos ao baile de Magic-City.

LA BANANE

DANCING METAPHYSIQUE

Apesar de ter achado o Bal Nègre, última invenção, pior do que qualquer baile de quarta-feira de cinzas na Favela, nosso herói resolve dinamitar o cérebro e a memória em companhia do célebre Raymo banqueiro marital com a própria senhora sua mãe. No corredor sonoro onde reservava mesa, tem logo em frente, atrás, do lado, em cima, Carlito, Gloria Swanson, Georges Carpentier, Raquel Meller, Einstein, o Dr. Epitácio e Picassô.

O serrote das florestas atávicas o irmana sem barulho às orquestras mulatas e coloniais. Nem êle inútilmente disfarça. Sôbre as peles despidas por Poirêt, Patou, Vionet, Lanvin, calombos crescem de perlas, e verrugas verdes de safiras, guinchos de negros, corpos de lamparina e de dentista e animais de tôdas as Áfricas vestidas se esfregam nas fêmeas brancas.

Ora, êle é da raça vadia que passa o dia na voz do violão. Sambas e queixumes. Tanguinhos de cozinheira. Valsas das cidades.

— Meu caro amigo, o Brasil é isso. Daqui a vinte anos os Estados Unidos nos imitarão.

— Só temos um inconveniente: as baratas. E também os nomes das ruas não evocam coisa nenhuma! Largo do Piques!

SURUMBA

Parece um cigarro caipira numa tabacaria de Old Bond.

Nos halls milionários sentam mulheres de pernas ginastas vestidas de defloramento, em mauve, em azul, em cardeal, em cocktail, em fumigação. Largando as cascas de papagaio e jaguatirica, para o esfregamento dos tangos matemáticos. Dos black-bottom massagistas.

Conduzidas por uma geração invertida desembarcando do cinema com óculos, cabelos engomados de índio, músculos de ring.

— I'm sorry sir!

No bôlso do seu colête chamalotado por Sulka inventariar-se-ia uma palha tresmalhada de milho e um canivete Roge comprado no mercado de Mogi.

Raymo, o banqueiro, introduz nosso herói nos escritórios da Interastral Quanta & Radio Railway. No cheiro automático a bundinha de cada stenô senta-se cientificamente ante a letra dum alfabeto cego e a borracha dos papéis perfurados pneumatiza 600 mil palavras por minuto.

Relógios imperturbáveis, arcangélicos, oscilografam ameaças interplanetárias. No silêncio monumental a morte se espirola nos transformadores. Até parece a precisão dos tangos.

De repente a alão de Serafim afunda numa cabina, salta pelo arame agudo, finca a cabeça na atmosfera, atravessa os azuis, as tempestades, as neves, os bolchevismos, escala o Everest, passa guerras, crimes, criméias, festas antagônicas e comunica-se com Pompeque do outro lado estrelado do oceano atmosférico.

Raça dos apólogos de Machado de Assis, nunca! Dos batuques. Das batotas.

Ele é apenas o que os jesuítas estragaram — magro, desconfiado e inocente no Concêrto das Nações enriquecidas pela Reforma.

Mas é o paladar mesmo da aventura.

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Rios, caudais, pontes, advogados, fordes prêtos, caminhos vermelhos, porteiras, sequilhos, músicas, mangas.

E no fundo os juncos milenários, as caravelas e os malmalucos.

Como foi! Como foi! Pinto Calçudo atolou numa francesa. No país animal foram as senzalas que mandaram as primeiras embaixatrizes aos leitos brancos.

BIBLIOTECA DA JUVENTUDE

O Merediano de Greenwich

ROMANCE DE CAPA E PISTOLA

EM 4 PARTES E 1 DESENLACE

"Andando mas mas se sabe".

*Cristóvão Colombo e outros
comissários de bordo*

1 — A VIVA MORTA!

Como no bôjo de cada transatlântico existe uma mulher extraordinária, na saída do pôrto, Serafim Ponte Grande deu de cara com a graça presente do *Conte Pilhanculo* que os conduzia à cidade de Cecília. Era uma morena, morena e môça com a bôca imobilizada num assento circumflexo e uma sardinha na asa do nariz. Um birote de meigo tom encarecia o seu aquilino perfil grego. Conversava desembaraçadamente sobre câmbio e após guerra.

Na tarde seguinte pilhando-a só e triste no salão de bilhar e esperando que ela tivesse terminado uma carambola, disse-lhe com uma barretada:

- Madama, sois vós itálica?
- Não, meu senhor.
- Turca?
- Não, meu senhor.
- Venezuelana... Chinesa?

Ela esfregou o giz no taco e sussurrou:

— Eu sou a solitária!

Horas depois, conversavam interessadamente. E a conversa rodando e parando, enveredou sem tardança para as apreciações do justo valor de viver. Sendo uma entediada de alto bordo ela tentou provar-lhe que a existência de nada valia.

— A vida é uma besteira, senhor Barão!

Houve um silêncio filosófico.

— Ao lado de Vossência! redarguiu Serafim galantemente. Nas horas em que nosso herói se achava só, o seu coração guinchava aterrado por numerosos espectros. Sobretudo o Carlin-doga e Dorotéia Gomes!

Ora, uma mulher nova e bela, mais que bela, duma severa beleza, se apresentava agora à sua pornográfica imaginação. Ela existia, estava ali — viva e morta! Viva porque suas pulsações latiam como cães de fila sob a moldura da cútis num ritmo adolescente, tudo, tudo prometendo mas nada dando... E morta porque não vivia a vida estouvinhada daquela coletividade cheia de ingleses caídos em infância, às primeiras milhas de distância das leis e dos costumes da terra firme.

Os ingleses quando estão juntos sejam talvez o único povo que sabem viajar a bordo de um navio. São duas, três, quatro até meia dúzia ou mesmo dúzia e meia de semanas de um esporte infernal que invade os corredores, as salas, as pontes, os tombadilhos, os decks, os bars, os fumoirs, os ocasos. Como se um bando de loiros piratas tivesse tomado a muque o transatlântico. Saltos, pulos, brinquedos de sela e pegador, amarelinha, pedrinha, bolinha de gasosa, laranjinha, entrudo, esconde-esconde, apalpa-apalpa, barra manteiga, roda, gangorra, acusado, bolina e comadre — no meio do oceano atropelado.

Ela, a Ela, mantivera-se sempre afastada de lado, sem porém que a sua vislumbrada indiferença fôsse impolida, hostil ou desagradável. Serafim fiscalizava-a com o rabo do olho!

Certa tarde, tma curiosidade comum os conduziu ao mesmo grupo de badauds que olhando comentavam os violentos esportes do dia. Justamente um argentino taleigo, regressando na tôda de uma corrida doidivas, inadvertidamente pregou um tranco nos dois que sem quererem se deram uma imbigada. Ela pediu desculpas, corando.

Chamava-se Dona Solanja e revelara-se de uma finíssima intelectualidade. Não fôra difícil para êle, hábil manejador da psicologia feminina, diagnosticá-la. Um dia, sorvendo uma gemada no bar, disse-lhe às de queima-roupa:

— Quer saber o que de si penso, madama? A senhora é uma vítima de sigo mesma! Uma vítima impassível!

— Explicai-me, senhor Barão!

— É-me fácil, minha senhora. Permitti-me porém uma certa desenvoltura da psicanálise que talvez no entanto não precise ir até o cinismo de certos escalpelamentos!

— Permito tudo, senhor Barão, menos uma coisa, murmurou ela ruborizada.

Serafim tossiu, escarrou ligeiramente, passou o pé por cima, enxugou os bigodes e prosseguiu:

— Um caráter independente, caprichoso, que não encontrando nunca a felicidade-lei tranqüilamente se dispôs a gozar, encerrando a existência no prazer-ânfora!

Ela sorriu como uma fechadura e disse:

— Que grande pissiquélogo o senhor me sai! Puxa!

Serafim modestamente observou em francês:

— Je suis une triste cire!

A verdade porém é que êle tomara vento diante daquela tácita aprovação. Continuou pois como um astrólogo fixando o horizonte repleto de astros invisíveis.

— A senhora já sofreu pra burro! Mas agora não vê que sofre mais. A senhora anda agora num estado se me permite verdadeiramente perigoso não para a senhora, mas para o resto da humanidade masculina!

Houve um divino silêncio apenas turbado pelo barulho poético da ventania.

Mas meia hora após vendo-a meditando, êle ofereceu-se-lhe cavalheirescamente em holocausto:

— Minha fé de viver talvez lhe possa ser útil!

Eis porém que o contágio da tristeza dela foi mais robusto que a permanente dinamite anímica de Serafim.

Êle viu aquêles lábios feitos para dar chupões, estalar beijocas e fazer boquinhas pronunciar estas palavras tumultares:

— Para que recommençar êste jôgo sem fim. Não pense que tenho medo do seu Cupido. Não! Só que não me interessa.

É que nem a corrida de batatas. Nada não me interessa. Pronto!

Dirigiu-se num passo de garça para o beliche.

E o nosso pobre e distinto barão ficou olhando num vago desespero o mar malvacéo, a quem já fizera versos. Vieram-lhe ao cérebro as côres negativas do Passado. E êle se pôs a raciocinar desta maneira:

— Por que, oh! por que tanta beleza junta! Por que a brancura sibilante do navio, fôrça geométrica armada e busso-lada para a visita de tôdas as nações? Por que? Para eu viver dentro sofrendo e penando? Penando e sofrendo?

Serafim de noite envolveu-se no smoking e foi para o bar tomar outra gemada. Mas logo achou pau estar consigo mesmo. Tornou à cabina e ficou de ceroulas. Mas só cochilou quando a homérica manhã rompeu no hublot com os pés descalços.

III — A MASCARADA FLUTUANTE

Dona Solanja não compareceu à festa que se preparara aquela noite a bordo do *Conte Pilhanculo*. Enquanto no tombadilho mamado de lanternas a burguêsia exhibia o seu fulgurante carnaval para a risada do Oceano, ela só, rainha do seu camarote com banheiro, despiu-se e ficou nua na cama. Então no silêncio apenas turbado pela luta das hélices contundentes contra a moleza horizontal do oceano, decidiu abrir a carta que êle lhe mandara pelo guarda noturno.

Ele havia obedecido. A sua altivez de homem e de barão tinha-se dobrado ante o gorgueio de seus gestos. Ela tinha exigido dêle uma declaração de amor por escrito.

Entretanto dessas páginas jogadas sôbre o característico papel de bordo como o ouro generoso de um milionário ao acaso de uma roleta, aprumava-se como um fálus sob uma calça o duro nervo de uma personalidade.

Ela, Dona Solanja, antes pelo contrário, era uma papa mole. Suas avós a tinham entregue, indeciso botão, às unhas

calvas das últimas detentoras do Convento da Chartreuse d'Avant-Guerre.

Quando ela se viu livre das tais freiras, o seu horror pelas novenas, missas, procissões e badalos era definitivo. Esperava então a hora de pôr nocaute o chamado sexo forte. Mas essa hora não soou e ela então deu o fora em tudo! Desde aí só duas coisas a emocionavam: os galgos e o schuvim-gum.

Ele, ao contrário, desde os mais tenros anos, tinha sofrido o embate dos jacarés e das minhocas de sua terra natal e provavelmente adquirira o bicho carpinteiro que levara outrora os seus gloriosos antepassados — os bandeirantes — aos compêndios geográficos do Brasil.

Ela só tinha uma preocupação: procurar a beleza por fora. Ele, ao contrário, gostava da beleza por dentro.

Mergulhado nessas e noutras cogitações, nosso herói procurou o bar a fim de buscar o reconforto de mais outra gemada.

Ela só gostava de frescos. Ele adorava a máscula luta e nas horas de lazer costumava se exercitar no difícil jôgo da rasteira. Mas o amor agora o tinha fisdado!

Naquela noite, vendo desenvolver-se na ponte galharda do transatlântico, a humilhante terça-feira gorda de todos êsses abacaxis que navegavam — ao seu espírito, onde permanecia predestinada e fiel a imagem dela, subiu uma vaporosa forma feminina. E ele comparou o desprêzo solar de sua nova amiga, deitada a essas horas no silêncio ortopédico da cabina, com o resto.

III — A SOMBRA RETROSPECTIVA

Pensando bem, Serafim Ponte Grande, apesar dos pisões, não tinha nenhuma razão de andar jocoso e alviçareiro. A felicidade arisca que tinha em caixa, conseguira-a, como o restante dos homens, através de humilhações e pedidos, de roubos e piratarias. E na verdade era feita de conchavos com o inexistente. Só uma coisa tinha sido real em sua vida: o amor

de fera de Dona Lalá. E o cabaço, aliás complacente, de Dorotéia!

Na noite afundada no mar, deu uma espiada inútil no horizonte sem faróis.

IV — VENDETTA!!

Mas enfim, no dia seguinte, Dona Solanja cedera ao seu discreto convite. Desceria pelo seu braço em Nápoles, a antiga Partenopéia.

De fato, roçando a mão enluvada no seu musculoso mocotó, ei-la que junto dêle, pisou o cais com os seus pés de anjo.

Tomaram um guia a fim de não se perderem e disseram-lhe por gestos que desejavam saborear uma finíssima macarronada com tomates.

E como durante a caminhada êle insistisse em amá-la, ela o interrompeu rindo e debicando:

— Amar! Que vulgaridade senhor Barão!

— Honra lhe seja feita. A senhora não sabe como eu sopito...

Tinham-se abancado no famoso Gambrinus. Os dentes pontiagudos de ambos e do guia trincavam voluptuosamente os barbantes da macarronada.

— Outra dose?

— Obrigado. Estou cheia. Só quero lavar as mãos e mijar!

— Não vai uma gemada? propôs êle delicadamente.

— Tenho medo que me dê gases!

Vendo-se de nôvo na rua, pediram delicadamente ao guia que fôsse indo "adelanti!"

— Dona Solanja, por que êsse suicídio anestésico? — sussurrou êle.

Estavam em plena festa napolitana. Era dia de San Genaro. E pela primeira vez, depois de tantos anos, a indifferente e fria Dona Solanja sentiu corar o seu enfadonho coração. Ela enfim apalpava alguém que, ao seu lado, terno e sub-

misso, era a felicidade de paletó. E sentia subir em todos os seus ventrículos a vida que sacaroteava no meio da rua. Para ela existia também uma festa interna. Entretanto, que se tinha passado? Nada de extraordinário, daquele extraordinário que ela esperava na beleza desfolhada dos seus parques de Juvisy-Tonnerre ou na moleza vertiginosa de seus inúmeros fordes. Ela esperaria em vão o bandido mascarado para o assalto de suas pérolas ou o estraçalhamento de sua anti-higiênica virgindade.

Tinham regressado ao cais. Mas eis que Serafim Ponte Grande estacara com a bôca desmesuradamente aberta. O palito que êle mascava rolou por terra. Solanja olhou em tórno e viu que, depois de ter dado um safanão no guia, avançava para ambos uma mulher mal vestida e cheirando a alho, com uma garrucha no polegar. O barão do Papa berrou:

— Dorotéia! Dorotéia Gomes! Perdão!

Um camorrista bigodudo e baixo, com uma enorme cabeleira desgrenhada, acompanhava a nova personagem. Era o Birimba.

Houve três estampidos na direção do feliz casal. Mas eles não tinham sido atingidos. Então, sem que ninguém a visse, a nobre dama passou rapidamente a mão nas calças do atarantado Serafim e tirando-lhe a pistola, sem hesitar, sapecou seis vezes azeitonas no coração da desgraçada Dorotéia que outra não era senão a pandorga que o Barão fodera em môça nas almofadas femífloras da Pensão Jaú.

V — EPÍLOGO FINAL

Dona Solanja foi linchada pelas senhoras da multidão.

Os Esplendores do Oriente

Amar sem gemer

Do diário noturno de Caridad-Claridad

PÓRTICO

Na madrugada pé-de-ninfa, o binóculo desenhou a testa do céu amarelo no esquadro fumegante da esquadra abandonada pelos persas nas usinas do Pireu.

De volta das noites bogaris, o porteiro de Ali-Babá fixou o cadeado do orquestrão gordo que costuma electrocutar os silêncios de Pera.

O Bar Bristol entre cindros e cadeiras sírias era um paralítico inocente atravessado de um cão policial onde o príncipe negro preparava o crenel nômade dos cruzados globe-trotters e políglotas. Por isso os soldados curdos negavam a essência dos copos litúrgicos dos armênios candelabros.

As alfândegas do turismo atingiam desertos pederastas onde se massacravam condutores milionários e ingleses com chapéus de Vitória Régia. Populações envolviam-se de vermelho até o mar dicionário e no vinho dos hotéis girls colonizavam, ladeando steaks de tênis nas escadas, dedilhando as ruas que esplendiam sem barulho. O Nilo ficou frente a frente com steamers e muralhas.

Ora, Caridad-Claridad era um tomate na cachoeira dos lençóis.

Mas ainda carretas empurravam trilhos por dezenas ágeis nos espirros do rio prêso e o gala-gala de olho no bolso tirou pintos vivos dos fogaréus.

Camelos, espanadores, martelos, mulheres e felás fugiam para as fotografias.

Estava aporrinhado de jantar tôda a noite no Café de Paris, em ouro e branco, entre garçons italianos, leopardas faiscantes, americanos de smocking comendo à noite filés com ovos e dançando shymmis de pé torcido.

Quando abotoava a braguilha para sair, bateram à porta do seu quarto do Ritz da Rue Cambon.

A Girl-d'hoj'em-dia entrou e disse:

— O senhor é o célebre guitarrista Clemente. Quero um retrato para o meu álbum de amantes ideais. Minhas amiguinhas só falam de si! Até ma-mère se preocupa com seus olhos!

Serafim ia honestamente expor que havia equívoco, êle não era nenhum clarinetista, nenhum dançarino, nenhum fresco. Mas a Girl prosseguiu:

— Somos da Classe de Retórica. Terminamos a vida de colegiais. Vou partir com Caridad-Claridad para Constantinopla e daqui a dois meses nos encontraremos no Cairo com Miss Bankurst, nossa aia-confidente. Eu me chamo João no

colégio, Pafuncheta na vida. Eu e Caridad somos muito queridas. Temos três amantes em comum.

— É um colégio misto?

— Não vê! Não admitimos marmanjos em amor!

Sentara-se, deixando ver até os intestinos.

— Nós somos sul-americanas, suas compatriotas? As francesas nos adoram por isso. Um dia, uma enfiou a língua na minha garganta...

Nosso herói ergueu-se como um jaguar. Mas ela fugira. Berrou da escada.

— Mande-nos retratos para Jerusalém... Convento de São José, padroeiro dos trouxas...

Serafim atrás das girls penetrou nos mares da História pelas mãos convulsas dos sopros clássicos, acorridos à sua aparição, de dentro dos Luzíadas.

O Mediterrâneo balanceado pelas mitologias poseidônicas pôs nosso herói de cama. Ele vomitou de Marselha a Nápoles, viu a Itália num catre de chuva, passou sem saber Messina e o farol do Stromboli.

De repente sentiu-se no caramujo do mundo antigo. Tinha dobrado cabos desabitados.

Nada agitava no cristal as beiradas do mar de Mattapan. A Grécia era rugosa e amarela como uma ruína sem um grito. Ilhas côr-de-limão deflorado saíam da lixa esbatida de uma montanha no cádmio sereno de tudo sob a navalha do céu e do nada.

Apenas, eram aquelas as montanhas do Peloponeso e o navio se emocionava na baía de Salamina.

A Acrópole avivou-se, parecida com o museu do Ipiranga, pálida e abandonada sob o corcovado do Licabeto.

Compêndios altos escoltavam Atenas.

As usinas do Pireu balizaram docas de meeting comercial, com navios prêtos e brancos. Uma sereia de lancha se espevitou no azul mitológico.

O pôrto movia-se entre descomposturas homéricas de ca-traieiros. E os olhos de Serafim foram atirados para a pôpa, entre marinheiros e grumetes, onde um boxeur negro enrugava

a testa ao sol da Ática, treinando. O seu nu doirava na dança do ataque entre upper-cuts e mergulhos de swings na defesa suada, entroncada, de punhos.

Serafim commingman nas espaçosas calças de Oxford viu do outro lado um avião esticar o aço sôbre a Acrópole. Sorriu. Sacudiu os braços e as pernas fazendo gestos para a Grécia ressuscitada no negro e no avião.

As ruas de Pera apresentaram-se ao nosso herói. Mas qualquer coisa fugia sob a aparência modernizante em que a Turquia falava francês, inglês, italiano sem nenhum mistério.

Serafim de volta do bazar de Istambul penetrou para o chá no edifício europeu do Pera-Palace. O porteiro de opereta curvou-se até o sub-solo.

Um jazz balofo guinchava no interior. Serafim pisou o deserto encerado. Garçons de casaca cresceram enquanto a orquestra era negróide e gorda. E sorria para o inesperado auditor. Serafim inútilmente pediu um cocktail nativo e leu no bombo Rose-Select-Orchestra.

Uma voz de oficial francês gritou entre reposteiros:

— Il me restera toujours le souvenir d'avoir fait la traversée avec des jeunes-filles modernes!

Pafuncheta e Caridad defendiam-se dos galões de um magricela, iguais no mesmo completo côr-de-camelo, sob fôrmas enterradas nos rostos masculinos. Pafuncheta ria, a outra era atlética como um reclame odontológico.

Caridad Claridad quis uísque. A orquestra animara de goma arábica um fox-trot. Ele saiu apertando-a no pé-espalhado de um charleston.

O bilhete trazido ao apartamento pelo garçon que recuava para ser degolado, avisou-o de que elas tinham partido. Acrescentava: "Há quarenta séculos os obeliscos nos esperam!"

A noite lá fora caíra numa neve completa. Serafim sentiu-se longe do Brasil das vidas animais. Estava em pijama, metido nuns chinelões recurvos, e desembrulhou sôbre a mesa um pano de Bucara, arrancado às extorsões dos primeiros mercados que tinha defrontado na mistura negra de Istambul.

Lá fora a neve silenciosa. Deitou-se numa luz frouxa, vinda de outro quarto. Estava em Constantinopla. Visitaria as mesquitas, as fortificações dos imperadores, ouviria a voz minguada do muezin. Num caos colegial, Teodora, Solimão, os osmãs e os turcos atuais de Kemal Paxá, visitaram a fadiga de seus olhos. Acordou e sonhou. As princesas russas que lhe tinham servido o jantar no Karpish entre diplomatas do Reich e nucas nacionalistas rapadas... os olhos envidraçados dos fumadores de narguilé nos cafés... duas prostitutas italianas que o encostaram, uma enorme, a outra rotunda e baixa, as meias curtas hibernais, mergulhando chinelos na lama de um beco.

Madrugada. Uma carreta ia conduzindo degolados nas ruas de Pera. Silêncio absoluto. Madrugada de mercadores das mil e uma noites desenrolava tapêtes. Serviam-lhe café turco junto a um braseiro brasileiro. E o seu harém tinha já quatro fêmeas, as duas italianas, Pafuncheta e Caridad.

Uma voz estridulou em clarineta no escuro: — Não senhor! A Turquia não podia continuar a ser a risada da Europa!

Virou para a parede. Nesses quinze dias daria uma grelada na Terra Santa.

A Buick da *Desert Mail* deixara o caminho de transportes iraco-persa para conduzir Serafim Ponte Grande de óculos à Palestina. Atravessou a Fenícia atropelando as primeiras caravanas, à vista de um mar de folhinha, sólido, litográfico, ondeando pontas desertas de terra vermelha. Sidon e Tiro como um museu roubado, num esplendor emudecido que a terceira velocidade ia deixando para trás em barras, nas mãos muçulmanas de um cinesíforo de fêz.

— Anglais, argent beaucoup, mossiú! Vous anglais, mossiú!

Serafim enfiara um casco da Índia na cabeça de escôva e olhava tudo como uma vaca.

— Anglais beaucoup, mossiú!

Uma ignorância britânica o refastelava impassível. Subiram, estacaram numa passarela fresca de Observatório. O chauffeur leu alto num rótulo: — Pa-les-tai-ne!

Nosso herói procurou depressa o passaporte, o bædeker, a kodak e a Bíblia.

A paisagem rajava-se em verde amendoim. Seus olhos fil-mavam árvores côr-de-fumaça entre uma e outra sombra de casa cúbica, com as primeiras figurinhas saídas da História Sagrada.

Poços, cisternas, curvas na boa estrada entre filas de camelos beduínos.

São João d'Acre crenelou sôbre o mar saudades de Cleópatra. Do outro lado, Haifa fedeu laranjais no escuro sem lampiões.

Serafim andou de Camel Bus, experimentou Água de Melissa autêntica no Convento espanhol sôbre o promontório, comprou um bentinho e às dez horas da manhã partiu pela Samaria afora!

Um trem de presepe afogava-se longe na planície. Duas montanhas iguais e baixas quebravam-se de encontro para deixar perceber o recôncavo de Tiberíades no fundo de teatro do mundo.

A agitação de uma regata de catraieiros e turistas no lago de mármore, onde nada prende à terra e lembra a vida. Ninguém mais morava em Magdala senão árvores, em Betsaida senão urzes, em Cafarnaúm senão destroços. No deserto almo-fadado de um convento um franciscano e uma caseira procriavam a solidão.

O mais tinha tudo emigrado como a casa de Nazaré, pelos ares, para os livros do Ocidente. Nem Tibérias tinha mais romanos de Tibério.

Um padre bem vestido informava para um bando internacional de Kodaks que Cristo escolhera o país estéril, a fim de não estragar com a maldição de Deus uma Suíça ou uma Itália.

— Visão econômica, meus caros irmãos!

Na hospedaria mosteiro de Casa Nova em Nazaré, o franciscano alemão da portaria tirara das barbas uma frescura gelada de cerveja clara — Helles Bier, mein herr! E lhe propôs uísque e cigarros estupefacientes na vastidão almoxarifada da sua cela conventual.

O quarto lembrava um hotel de São João del Rei. O padre mestre que era um sábio das Arábias trazia na vassoura negra da barba meio quilo de brilhantina.

Serafim pagou a hospedagem com fortes esmolas, mandou dizer uma missa pela sua própria alma e na manhã pó-de-lima pesquisou inútilmente a binóculo, Jericó num cupim de muralhas eremitas.

Por declives agonizantes, desceu no calor até o poço salso do Mar Morto. Era o lugar mais fundo da terra, com trezentos níveis abaixo dos longes metros do mar. Daquele lado, ficavam Sodoma e Gomorra. Serafim olhou e viu uma pederastia de azul. A Standard Oil comprara Sodoma e negociava Gomorra para explorar o querosene das punições.

O deserto da Judéia esticou-se entre panoramas de papelão amarrotado, e arborizações de desastre, Josafás como autó-dromos, cidades côr-de-tenda e ferrugem. Tudo torrado, es-covado, quilometrado de anátema.

Entre o Jordão magro e sujo e a sombra de salgueiros, o padre dos turistas dissera que só tomaria um banho para salvar a humanidade em Água de Colônia.

Ascensão da serra direta. Betânia, a Casa de Lázaro, a funicular de Josafá. E as tôrres novas de Jerusalém na lama consternada e no frio. Por cima o céu da Ascensão.

Serafim fôra encontrar os mesmos judeus barbados e sujos do Muro das Lamentações, que na véspera mexiam o corpo ante a decadência do Templo como galinhas aflitas — sorridentes e páldos na sala promíscua da Banque Imperiale Ottomane.

Um sacerdote assuncionista eruditamente o guiou de galochas aos dominicanos de Santo Estêvão e à Gruta do Leite, em Betlém. Um franciscano comercial distribuía papelinhos de pó galatogênico na sacristia. Chamou Serafim de lado e o preveniu contra o dragomã de circunstância.

— Estes padres de hoje, meu senhor, não acreditam nem em Deus!

Serafim saiu só pela noite de Jerusalém. Era a rua principal em descida. Penetrou nas luzes do Café Bristol. A sala abafada coloria-se de papel no jazz idiota. Um pianista sara-coteava nulamente entre garçons e cadeiras vazias. Havia sírios gordos, homens vagos do Sul, caixeiros, viajantes bêbados e duas alemãzinhas globe-trotters. Um ar de inocência iluminava aquela blasfêmia que um cachorro enorme vigiava. No interior do bar um rei mago tingia um cocktail.

Nosso herói saiu pelo vento. Em cima fazia uma lua paulista. Passou os armazéns, o Hotel Allembly, um café turco. De repente a noite crenelada dos cruzados gritou quem vens lá! A Torre Antônio velava sobre a lama dos quarteirões. Havia sombras de guardas ao lado dos degraus de um portão. Serafim aproximou-se. Eram dois soldados curdos. Perguntou-lhes pelo Santo Sepulcro.

— Não há nenhum Santo Sepulcro...

— Como?

— Nunca houve.

— E Cristo?

— Quem?

O outro esclareceu:

— Cristo nasceu na Bahia.

Mas o guia assuncionista o fez subir de vela na mão os dezoito degraus do Calvário e por capelas e muralhas afundou com êle na escuridão monumental das Cruzadas.

Procissões teimosas, barbudas, gregas, coftas, armênias, franciscanas sucediam-se, precediam-se, desapareciam, brigavam de velas e de cânticos, liturgias, flexões, ante os envoltórios dos sacros sinais guardados por tocheiros, lampadários e capitéis.

O guia explicou-lhe:

— Precisamos sair antes que o muçulmano feche a porta. É um turco que tem a chave do Santo Sepulcro já que os cris-

tãos não se entendem sôbre a posse das verdades e das capelas... Às seis e meia fecha-se tudo e êles ficam aí brigando de candelabro e reconciliando-se depois pelas narinas da volúpia nos divãs de pedra, com grande gaúdio do tihoso...

Serafim viu na sombra, sentado sob a defesa secular de uma parede, os olhos em brasa dum pederasta de barbas e batina.

Os desfiladeiros onde Sansão andou treinando filisteus e a linha de trilhos por cidades ferroviárias até o deserto inicial do Sinai. Saaras aqueceram moles ondulando infinitos amarelos no sol de trem. Onde Moisés andou a pé.

Alcântara, o canal milionário, as alfândegas sob o domício das estrêlas. Os olhos de Serafim aflitadamente procuraram o Cruzeiro no fôrro do céu africano.

O Cairo às onze horas. Nas luzes colossais do hangar costumes de opereta, fezes, gente da Europa. Lá fora, autocars com nomes excitantes. Semíramis, Heliopólis Palace, Shepherds Hotel.

Procurou um detetive que imediatamente lhe deu o endereço das girls por quem viera.

Pafuncheta e Caridad se tinham feito vacinar nas coxas por um doutor negro de fêz, no seu apartamento de Mena House, donde a vista barrava os andares das pirâmides.

Estavam de pernas nuas, fazendo secar a sangria estrelada. Caridad pinicava num banjo. Pafuncheta de verde lia. Não se mexeram. Gritaram vendo-o. Tropicalizado nosso herói procurou varejar com os olhos as últimas defesas de ouro das camisas-calças, onde escuridões se rachavam.

Pafuncheta gritou mostrando o livro:

— É um manual de paixões. Está fechado, como nós duas!

Folheava-o. Berrou:

— Dos deboches! Depressa, um corta-papel!

Serafim trouxe um alfange, mas ela tinha perdido a página.

— Cultura física. É no capítulo dos deboches? Resignação à morte... para mais tarde.

Tinha-se levantado. Caridad-Claridad limpou a vacina, espezitou-se nua como um sol num lavabo.

Inglêsas velhas sob chapéus da Rainha Vitória na grenadina quente dos ocasos. Fezes com luvas. Atravessaram o jardim de Mena House. Laranjadas e criados bérberes, com o rosto irrepreensivelmente estigmatizado.

Sentaram-se para o chá. Peregrinagens subiam os degraus maciços da pirâmide de Queops no azul.

Rodeando turistas alarmados, policiais espancavam camelos e condutores numa gritaria de massacre.

Tinham dansado charlestões macacais nas construções milionárias do Heliópolis Palace. Tinham-se fotografado sobre berros de camelos junto à Esfinge compassiva. E visitado os destroços de Mênfis e o túmulo arado dos Bois na manhã que peneirava o deserto. Combinaram partir para Luxor, Assuã, as barragens superiores do Nilo, a Núbia, o inferno.

No trem branco de Luxor, no trem louco de Luxor. Pa-funcheta dormia em cima o sono da veilleuse.

Ele entrara de manso, sentara-se na couchette de Caridad. Conversavam. Ela acordara e dizia asneiras. Ele sentiu-lhe nas mãos as coxas ásperas de virgem, o ventre mole. Apertava o busto nu contra o seu busto peludo. Que suor! Que frio! Um vômito emocional ia sacudi-lo. Abotoou-se. Saiu da cabina, pálido, enquanto ela esperava.

Caridad anotara no seu diário:

“Ser amante de um homem! Fui esta noite. Mas parece que continuo semivirgem. Que sono me deu quando ele entrou.

Não fiz escândalo por causa de Pafuncheta. Me fêz pegar no seu lança-perfume! Isso me deu um incômodo horrível de espírito. Era a primeira vez. Não será a última. Sofri como em casa, quando tomava uísque escondido. Felizmente êle teve um acesso de remorso e saiu”.

O guia missal, sujo como um templo, de abaia azul e turbante, explicara-lhes nos túneis vazios de Tut-Antkh-Amon que a Deusa Verdade protegia o defunto e que a fila das testemunhas ritmadas na parede, retrucava aos inquêritos acusadores.

Fora, o deserto era o sarcófago do sol.

No vale catacumbal dos Reis.

Três burrinhos gordos, Serafim e as duas girls tinham trocado até atravessar o Nilo. Populações seguiam atrás pedindo bachiche por terem nascido tão longe.

Na tarde sôbre o Egito vermelho envolvido de amarelo, Serafim deu o braço a cada uma e enfiou o casco da Índia na cabeça repleta de maus pensamentos.

Nas pelusas do hotel, um coqueiro esplendia como um espanador.

Um inglês de dois metros batia a bola de tênis para uma espiga côr-de-rosa. Girls de escarlata, sob chapéus coloniais, ladeavam uma senhora insulada e decrépita.

Saíram pelo muro lateral, contornaram o Winter-Palace, a rua, a agitação sem barulho do Oriente, fezes, caftãs, portas de negócios, sudaneses, abissínios, vendedores de bugigangas e cigarros.

O hotel sôbre as escadas jazzbandava em glicínias. Camisolas enormes e brancas de criados do Sudã moviam o terraço.

O Nilo em frente com velas e steamers. Para lá, as muralhas róseas de Tebas. E o Egito até o Mar Vermelho.

Caridad escreveu no seu diário:

— “Que beijo! Desceu até lá embaixo. Não sei mais o que fazer. Que falta me faz Miss Bankhurst para pedir conselho.

Ele procura é lá. Entrego-lhe tudo pela primeira vez. Os seios esféricos e pequeninos, o ventre... Não. Ele tem as mãos teimosas. Ele quer chegar é lá. Ao centro. A divisão do meu ser”.

Partiram para a poeira de Assuã. Entre óculos enfumados de janelas, o trem se cobrira dum capacete branco e afundou equipado no deserto.

Fornos e crenéis de casas negras, lado a lado do Nilo contratado como fertilizante.

Cidades perdidas no pó ou brancas sufocadas de palmeiras nos oásis.

Caridad deitara a cabeça no colo dêle e cheirava-lhe voluptuosamente as virilhas. Paisagens abriam lagos indecisos, suspendiam zepelins de pedras no horizonte tranqüilo das miragens.

Do diário de Caridad:

“Lambeu minha tatorana. Nunca pensei que fôsse tão agradável!”

Sob as estrêlas da Ilha Elefantina, Serafim pensando em Cleópatra que êle acreditava ter sido rainha em Sabá, falou assim à Girl-d'hoj'em-dia:

— O teu hálito cheira a fumo de minha terra!

— O teu cabelo é da côr das manhãs de Minas!

— O teu beijo é quente como o sol do Rio de Janeiro.

— Quando os teus lábios reviram nos meus me envolvem do calor das águas de minha terra.

— O teu corpo é frio como o sepulcro do meu!

— Quando saís no foquestrote aí por êsses hotéis, na po-dridão das orquestras, sinto as tuas duas pontas espetarem o meu coração enquanto a minha lança se revolta contra a tua virgindade.

— Minha mão em concha apanha a tua bunda quente, viva, musculosa e buliçosa.

— Encosto a cabeça na tua, aí por êsses foquestrotes, por êsses charlestões. Encosto a língua na tua, mole, babosa, sa-livosa.

E ela escreveu:

"Os efeitos do amor. Hoje fiquei em pêlo no quarto e notei que minhas coxas se arredondaram, ficaram gordinhas e macias trabalhadas pelas suas mãos, minhas curvas se afirmaram, meus peitinhos ficaram duros e rebitados. Mas que co-ceira no bibico!"

D'engenharias de parapeitos, êles espiavam os espirros gigantesco do Nilo reprezado.

Um gala-gala surgiu na ponte, um ôvo no ôlho, atrás da orelha, tirando pintos vivos da manga desembaralhada.

Um fogaréu amarelo queimava as vassouras das tamareiras.

Deslizaram sôbre trilhos em carretas indígenas.

O sol martelava no estuário. Depois virou rodinha de São João na parede do céu, enquanto as barcas recolhiam nas pauntas do Nilo.

O silêncio vermelho. O rascar das noras no rio. Amanhecia sôbre o Cataract-Hotel. Caridad acordou como um tomate nos lençóis. Estava na cama de nosso herói. Escreveu "Gemil"

Voltaram ao país atarracado de templos, espetado de fálus. Mulheres e felás punhas roupagens nos bois sacros, silhuêtas brancas repunham em burricos a fuga para o Egito. Filigranas altas de camelos ritmavam as caravanas.

Do diário de Caridad:

"Hoje de manhã dei de cara com Miss Bakhurst, no hall do Shepherds. Perguntou-me se a baía de Constantinopla é mais bela que a baía de Hudson."

Em Alexandrina, um navio passava como um bonde. Serafim tomou-o.

O Oriente fechou-se. Tudo desapareceu como a cidade no mar, seus brilhos, seus brancos, suas pontas de terra, esfinges, caftãs, fezes, camelos, dragomãs, pirâmides, haréns, minarettes, abaias, pilafs, desertos, mesquitas, templos, tapêtes, acrópoles, ingleses, inglêsas.

Fim de Serafim

A modo que um cabron en um curral
de cabras.

*Montoya — A conquista
espiritual.*

Fatigado
Das minhas viagens pela terra
De camelo e táxi
Te procuro
Caminho de casa
Nas estrêlas
Costas atmosféricas do Brasil
Costas sexuais
Para vos fornicar
Como um pai bigodudo de Portugal
Nos azuis do clina
Ao solem nostrum
Entre raios, tiros e jaboticabas.

Nosso herói tende ao anarquismo enrugado.

O Brasil dos morros da infância que lhe ofertava a insistência dos mais feijões, dos mais biscoitos — dá-lhe o amor no regresso.

Pernas duras, bambas, peles de setineta de mascate e de lixa de venda, seios de borracha e de tijolo, bundas, pêlos, línguas, sentimentos.

Acocorado sobre o seu arranha-céu, depois de luzir de limpo o seu canhão, ensaia dois tiros contra o quartel central de polícia romântica de sua terra. Fogueteiro dos telhados, ameaça em seguida a imprensa colonial e o Serviço Sanitário.

Descobrem-no, identificam-no, cercam-no. Os bombeiros guindam até escadas o pelotão lavado dos Teatros e Diversões.

O povo formiga dando vivas à polícia. Ele cairá nas luvas brancas dos seus perseguidores.

Uma tempestade se debruça sobre a cidade imprevista. Ele arranca de um pára-raios e coloca-o na cabeça invicto...

Uma nuvem carregada de eletricidade positiva esbarra sem querer numa nuvem cheia de eletricidade negativa.

Ambas dizem:

— Raios que te partam!

Faz então um escuro de Mártir do Calvário.

PREGAÇÃO E DISPUTA DO NATURAL DAS AMÉRICAS AOS SOBRENATURAIS DE TODOS OS ORIENTES.

— Tudo é tempo e contra-tempo! E o tempo é eterno. Eu sou uma forma vitoriosa do tempo. Em luta seletiva, antropofágica. Com outras formas do tempo: moscas, eletro-éticas, cataclismas, polícias e marimbondos!

O criadores das elevações artificiais do destino eu vos mal-digo! A felicidade do homem é uma felicidade guerreira. Tenho dito. Viva a rapaziada! O gênio é uma longa besteira!

CHAVE DE OURO

A cidade das casas contra-fortes e a igreja com uma porção de cônegos de espartilho no terreiro rios e o pendão do pontão.

A população das entradas padreava o subsolo mas construíam os primeiros arredores para a meta dos costura-céus. E abriram e fecharam o vínculo dos veículos das ruas do central cabresto de São Paulo com grilos, campânulas e arrebois.

Errata

Os mortos governam
os vivos.

FRASE FEITA.

A SOMBRA macha de Celestino Manso, Dona Lalá prosperara e parira anualmente, na confluência ubérrima de dois rios bandeirantes que dividiam em Canaãs e capitânias o estado de Mato Grosso. O Pombinho crescera de chapelão e cavalo.

Senhores e possuidores de fundos e de largos latifúndios, quizeram perpetuar no bronze filantrópico das comemorações, o ex-marido, ex-pai e ex-amigo. Fizeram construir num arrabalde de Juqueri um Asilo para tratamento da loucura sob suas formas lógicas. E encomendaram a um pintor vindo da Europa uma fotografia a óleo do falecido. Para isso lhe forneceram um instantâneo de domingo, onde se via num banco do jardim da Luz o malgrado herói, de palheta, ao lado de Pinto Calçudo e do traidor Birimba.

O pintor trabalhou pacientemente, honestamente, furiosamente. Mas o retrato não saiu parecido. Dona Lalá achava-o magro, a Beatriz gordo e o Pombinho era da filial opinião de que êle tinha as sobrancelhas carregadas de chumbo explosivo.

O pintor refez o trabalho. Mas Celestino notou que faltava um detalhe. Ele mexia a pontinha do nariz quando falava.

O pintor, louco como um silogismo, inaugurou as celas de luxo do Asilo Serafim.

Os Antropófagos

Os padres viram que o tal cristão quando voltava para umas vêzes não trazia mais chapéu, outras o capote, outras os calções e outras o gibão. Então o que é isto? Disseram os padres com admiração e não compreendendo o proceder do cristão perguntaram-lhe que sumiço tinha dado do que era seu. O homem replicou assim: Vós padres bem-aventurados, vós falais aos pagãos conforme o vosso conhecimento das coisas e eu também conforme o alcance da minha inteligência falo a êles. Aí nos dias passados faltaram-me as palavras, por isso as minhas obras em vez de vãs palavras tratei de empregar e repartir tudo quanto tinha pelos principais a fim de os angariar a mim; os principais tendo-se rendido por fim de contas as demais gentes prontamente se submeteram também. Assim disse o homem humilhando-se perante os padres e comovendo-se por fim. Os bons padres em verdade compadeceram-se de sua liberalidade

que se privava das coisas de que necessitava. Depois de se terem passado alguns dias, eu já vou-me disse o homem aos padres e depois que êle se foi patenteou-se o seu mau procedimento enfim. Com as coisas que êle possuía, seduziu algumas meninas e algumas raparigas que deviam ficar a seu serviço e com elas abalou.

MONTROYA. *A Conquista Espiritual.*

Entanto o canhão na proa lambeu o mar em pancada oito horas da manhã e José Ramos Góis Pinto Calçudo, com um galão na bunda, tomou conta do bar e do leme. Estavam em pleno oceano mas tratava-se de uma revolução puramente moral.

Nosso dissimulado herói em Londres havia consertado a experiência de um mundo sem calças sobre a solidão chispada que agora salgavam milhas fora da projeção econômica das alfândegas.

Após seca e meca, o encanecido secretário já falava argentino no Simpsons, de bombachas, com uma messalina e um comandante de transatlântico aposentados.

— Uma vez puso dós inglêses nocaute en la calhe! Pas-savam e mi dabam encontronos todavia! Yo me fué arrabiando e exclamé: — animales! Hijos de puêta! Se volvieram luego diez ou dôce! Mas antes de fechar el tiempo, dê al primeiro uno swing en la nariz, al segundo um chochet en la padaria. Fuemos todos parar en el pau. Se reia de mi muque el jefe de polizia! E mi invitó para instrutor de box de su famijia!

Planejaram ali um assalto à nave *El Durasno* em áceos arranjos nos diques de Belfast. Combinaram a alta oficialidade comprada.

Mas na quitância da Europa, foi-lhes impossível qualquer composição de ditadura natural a bordo. A população traves-seira soletrava tôda Havellock Ellis e Proust. Atravessaram o mar de smoking e cornos.

Mas reunida agora a marinhagem em pelotão freudiano no balão largado das auroras americanas, foi afixada no Purser's Office a seguinte "Ordine di tutti i giorni".

*"Qui non c'e minga morale,
E un'isola!"*

Seguiu-se um pega em que todos, mancebos e mulheres, coxudas, greludas, cheirosas, suadas, foram despojadas de qualquer calça, saia, tapacu ou fralda.

Na ponte de comando, incitando a ereção da grumetada, um bardo deformava Camões:

*E notarás no fim dêste successo
Tra la pica e il cul qual muro é messo!*

Um princípio de infecção moralista, nascido na copa, foi resolvido à passagem da zona equatorial. E instituiu-se em *El Durasno*, base do humano futuro, uma sociedade anônima de base priápica.

O poderoso Jack da piscina pederastou em série, iniciando ante avisada assembléia pálido conde sem plumas. Todos gritavam, batendo palmas: Chegou o dia do anos do conde!

Marinheiros montaram latejantes e duros sob lençóis de berths puros. Foi ordenado que se jogasse ao mar uma senhora que estrilara por ver as filhas nuas no tombadilho que passara a se chamar tombandalho. Mas ela replicou que chorava de saudades do célebre curandeiro Dr. Voronoff.

E reunido um troço de passageiros, recalcitrante, entre os quais alguns recém-casados, desceram todos à sala das máquinas, onde Pinto Calçudo, nu e de boné, fez um último apêlo imperativo, "ante a cópula mole e geométrica dos motores" e enérgicamente protestou contra "a coação moral da indumentária" e "a falta de imaginação dos povos civilizados".

— Que os vossos sonhos se precisem, oh ladies and gentlemen! No jardim de inverno e alhures!

Passaram a fugir o contágio policiado dos portos, pois que eram a humanidade liberada. Mas como radiogramas reclamassem, *El Durasno* proclamou pelas antenas, peste a bordo. E vestiu avêssas ceroulas e esquecidos pijamas para figurar numa simulada quarentena em Southampton. Todos os passageiros se recusaram a desembarcar. Sem dinheiro, tomaram carregamentos a crédito. E largaram de repente ante os semáforos atônitos. Encostaram nos mangueirais da Bahia. Sempre com peste. Depois em Sidnei, Málaca, nas ilhas Fídji, em Bacanor, Juan Fernandez e Malabar. Diante de Malta, Pinto Calçudo arvorou a Cruz de Malthus.

Nos longes, nas nostalgias dos salões, nos tombadilhos, à passagem do capitão, gritinhos cínicos lembravam fingidos pudores:

— Que c'est mal ce que vous faites, Maître!

El Durasno só pára para comprar abacates nos cais tropicais.

Os Caminhantes

e

Destino de Labão

são duas novelas que decorrem nas ruas do pôrto do Recife, e narram uma a história do velho Naé e seu cão mal-cheiroso, e outra o drama de um homem feio e sem amor.

Histórias de solidão e de almas humilhadas,
estas narrativas de

José Conde

constituem duas obras-primas de nossa literatura de ficção. Nelas o autor de *Vento do Amanhecer em Macambira* atingiu a pleno despojamento estilístico e a mais rara simplicidade de linguagem — despojamento e simplicidade que ressaltam o conteúdo humano dessas duas fábulas dramáticas, tensas e comoventes.

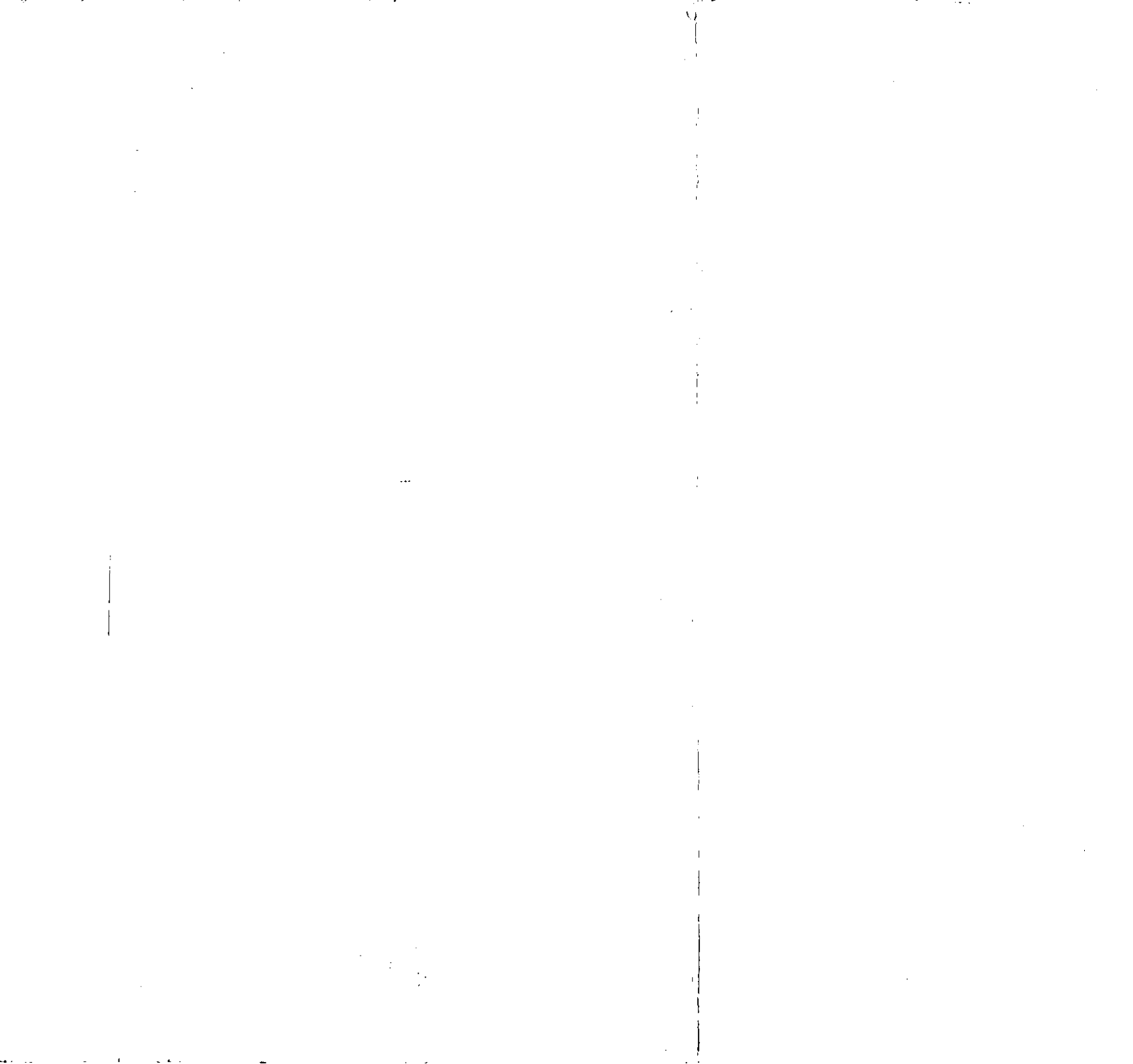
Encomende a esta Editôra ou peça pelo Reembólso Postal
o seu exemplar de TEMPO VIDA SOLIDÃO:
Rua da Lapa, 120 — 12º andar — Rio de Janeiro — GB.



Este livro foi escrito em 1929 (era de Wall-Street e
Cristo) para trás



Impresso em 1972, nas oficinas da
EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S.A.
R. Conde de Sarzedas, 38, fone 33-4181, São Paulo, S.P., Brasil



Nesses dois livros, Oswald faz do idioma o próprio estôfo da sátira e da fantasia, para aplicar nêle a sua visão de Rabelais. São, antes de mais nada, um processo nôvo de composição: o escritor amassa o idioma como plástica argila e dá-lhe inédito sabor, e por intermédio dêsse nôvo e ductil instrumento, fixa um terrível instante de crise. E, à esta altura, por espantoso que pareça, descobre-se que Oswald é um moralista. Por isso, retrata um mundo ôco, revela suas imposturas, mostra-se empenhado na transformação dos costumes sociais e políticos, literários e artísticos. É um Oswald movido pela ânsia de contribuir para a libertação do homem e do seu pensamento ético e estético.

Esta edição dos dois livros mais típicos e representativos da prosa de vanguarda de Oswald, é enriquecida de substanciais estudos introdutórios de Haroldo de Campos. Nêles o ensaísta examina sob nova ótica os experimentos do escritor paulista, realçando sua contribuição pioneira para a abertura estilística. Particularmente nova e fascinante é a colocação crítica efetuada por Haroldo de Campos em relação a *Serafim Ponte Grande*. Trata-se de admirável e original estudo que se vale das sugestões do estruturalismo e da nova lingüística para valorizar êsse insólito e agressivo texto oswaldiano — texto que é uma saudável e ruidosa gargalhada renascentista na cara triste dos preconceituosos e rotineiros de qualquer tempo.

MÁRIO DA SILVA BRITO

Memórias Sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande

são duas obras típicas da literatura
de vanguarda que pioneiramente

Oswald de Andrade

praticou entre nós. São também duas
sátiras contundentes a um mundo ôco,
fútil, ocioso e repleto de imposturas.

HAROLDO DE CAMPOS,

em estudos introdutórios que se valem
das melhores sugestões dos mais modernos
métodos críticos — inclusive os do
estruturalismo e da nova lingüística —,
abre inesperadas perspectivas de entendimento
para êsses dois textos insólitos
e instigantes de

Oswald de Andrade

MAIS UM LANÇAMENTO DE CATEGORIA DA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA